



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO**

**A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES [aj], [ej] E [ow]  
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DOS CAETANOS DO  
MUNICÍPIO DE TURURU/CE**

**FORTALEZA**

**2024**

RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO

A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES [aj], [ej], E [ow] NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DOS CAETANOS DO MUNICÍPIO DE  
TURURU/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Silvana Militão de Alencar.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F938m Freitas Neto, Raimundo Paula de.  
A monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] na Comunidade Quilombola Conceição dos Caetanos do município de Tururu/CE / Raimundo Paula de Freitas Neto. – 2024.  
137 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

1. Monotongação. 2. Comunidade Afro-brasileira. 3. Português falado no Brasil. 4. Sociolinguística Variacionista. I. Título.

CDD 410

---

RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO

A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES [aj], [ej], E [ow] NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DOS CAETANOS DO MUNICÍPIO DE  
TURURU/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovado em: 13/12/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Silvana Militão de Alencar – Orientadora

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elias Soares

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus, pois sem Ele eu não seria nada, muito menos teria nada.

A minha família, em especial aos meus avós, em nome de Raimundo Paula de Freitas – vovô Osmundo (*in memoriam*), do qual herdei muito mais do que seu nome, herdei sua força para lutar pelos meus objetivos, e seus valores para que eu não me perdesse na minha trajetória de vida pessoal e acadêmica/profissional.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, dono e motivo da minha vida.

Ao meu companheiro Matheus Herculano Barroso, pela paciência e ajuda nos momentos mais críticos desta minha caminhada acadêmica, sem você, eu não teria realizado o meu sonho de obter o título de Mestre. E a sua família pelo acolhimento e entendimento.

Aos meus pais, Maria de Fátima Mendes de Freitas (Márcia) e Elionardo Paula de Freitas, que nunca mediram esforços para me ajudarem a estudar e conseguir me destacar. Minha mãe, que trabalha em uma fábrica há mais de 20 anos, sustentou uma família de 5 pessoas com o seu salário-mínimo, nunca deixou faltar comida e orientação para que me dedicasse aos estudos, e que só assim poderia “ser alguém na vida” (palavras dela). E ao meu pai, que na reta final de minha graduação, quando o salário que eu recebia não cobria os custos das viagens de Uruburetama a Fortaleza para estudar, viajava muitas vezes para fora do estado dirigindo um caminhão para completar esses meus custos, e quase sempre nunca ficava com o que recebia, pois tudo era investido em minha educação. Eu nunca conseguirei pagar o que fizeram por mim, a vocês, minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Eduardo José Paula de Freitas e Enedito Paula de Freitas Sobrinho, que igualmente aos meus pais, sempre ajudaram na medida do possível para que o caçula da família conseguisse trilhar os caminhos acadêmicos da maneira menos complicada possível, embora tenha sido árdua, amo-os incondicionalmente.

À minha família, materna e paterna, que em sua grande maioria me ajudou a não desistir, e comemorou cada conquista minha, na graduação e pós-graduação, como se fossem deles próprios. De todos, gostaria de dar ênfase às minhas tias Evânia, Evanice, Ericka, Edna (*in memoriam*) e Mery, que de maneira em geral, nunca me negaram abrigo e sempre me acolhiam para as refeições, o que me ajudou bastante nesse período na capital.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Silvana Militão de Alencar, pela valiosa orientação, conselhos e aprendizagens que adquiri neste “tempinho” ao seu lado no programa.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elias Soares, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo e Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante pelas contribuições dadas em suas considerações que enriqueceram o meu trabalho desde a construção do pré-projeto de pesquisa, passando pela qualificação e apresentação dos seminários.

Aos Professores Doutores Josenir Alcântara de Oliveira, Letícia Joaquina de Castro Rodrigues Souza e Souza, Maria Inês Pinheiro Cardoso, Hebe Macedo de Carvalho, que de

alguma forma, fizeram-se únicos e me chamaram atenção na graduação para o tipo de professor que eu queria/quero ser, vocês são inspirações para nós acadêmicos.

Aos servidores do PPGLin/UFC, Luciana Maria da Silva de Moura, Manoel Rodrigues da Silva (Jacó), Antônia Batista dos Santos e Raimunda Cleide Mendes Herculano, que com muito zelo e profissionalismo, contribuíram para essa conquista.

A todos os entrevistados da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos, em especial a prof.<sup>a</sup> Sandra Caetano, que me acolheu desde o início, apresentou-me à comunidade e esteve comigo em todas as entrevistas, facilitando a pesquisa.

Às minhas amigas verdadeiras que torceram por mim desde o início quando anunciei que havia sido aprovado na seleção da turma de 2022. Cito Lídia Sousa, André Monteiro, Brendon Mota, Gaby Sales, Neliane Bernardo, que de uma forma mais ímpar, senti a alegria de vocês pelo meu êxito.

Às minhas amigas de mestrado (e agora de vida) Renata Alves Rolim e Camila Matos Pirote Rodrigues, que nos aproximamos no início do curso, vivemos os mesmos perrengues nas mesmas equipes das disciplinas, e que agora nos apoiamos na vida, vocês são uma das melhores coisas que o PPGLin/UFC me apresentou.

Aos meus colegas da turma do mestrado, pela convivência e partilhas durante nossa “estadia” no programa, muito obrigado.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Mayara Arruda Martins, que foi “luz” em minha jornada, na qual acreditou em mim antes mesmo que eu conseguisse acreditar, e o resultado foi a minha aprovação na seleção da turma de 2022 do mestrado em Linguística da UFC, e nesse processo, apresentou-me ao Prof. Dr. Sávio André de Souza Cavalcante.

Aos diretores das escolas em que lecionei durante o período de curso, Prof.<sup>a</sup> Ma. Rossana Barros Silveira – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/ *Campus* Maracanaú, Prof. Esp. Manuel Ferreira Filho – EEMTI Sabino Nunes da Silva, e Prof.<sup>a</sup> Esp. Lidiane Maria Pessoa Sales Vieira – Colégio Municipal Maria Júlia Maia Bonfim, que sempre me ajudaram na medida do possível para que eu pudesse me dedicar mais às tarefas do mestrado.

Aos meus colegas de trabalho, em nome da Prof.<sup>a</sup> Francisca Daniele Ferreira Rocha, que sempre se emolgaram por mim e comigo durante esse período, vocês são incríveis.

E a todos de Uruburetama, que agora ganha mais um filho para chamar de Mestre.

“Antigamente era bem melhor, mas o que eu não sinto falta é da fome, porque hoje em dia é mais fácil as coisas.”

(Dona Fátima, informante desta pesquisa)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar o fenômeno variável da monotongação, que é o apagamento do *glide* diante dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow], como em caixa~caxa, beira~bera e ouro~oro, na oralidade da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos, do município de Tururu/CE, sob o viés teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008). E para esta pesquisa, partimos dos conceitos de monotongo e monotongação discutidos por Trask (1996), Câmara Jr. (1997), Silva (2005), e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011). Ressaltamos que a escolha desta comunidade foi devido ao fato de ter sido a primeira comunidade afro-brasileira do estado do Ceará a ser certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) como uma Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ), por seu exacerbado valor sócio-histórico-cultural, e por estar no interior do estado, podendo assim contribuir com os estudos do português falado no Ceará, e conseqüentemente, do português falado no Brasil. No que concerne ao procedimento metodológico, por se tratar de uma pesquisa quali-quantitativa, foi composto um *corpus* oral de 31 inquéritos, divididos em 12 células sociais, estratificados pelas variáveis estruturais Contexto Fonético Anterior e Posterior, Tonicidade, Extensão do Vocábulo e Classes de Palavras, e as variáveis sociais Gênero, Faixa Etária e Grau de Escolaridade, contando com 3 informantes em cada célula. No primeiro momento, conhecemos a comunidade e alguns líderes locais, posteriormente, conhecemos mais pessoas da comunidade para mapearmos possíveis candidatos à pesquisa, e somente depois desses primeiros contatos iniciamos as entrevistas. As entrevistas foram divididas em dois momentos, no qual o primeiro foi uma entrevista sociolinguística e, depois foi a aplicação de um questionário fonético-fonológico baseado no do ALiB (2001). A escolha dos entrevistados obedeceu a critérios específicos, como indicado por Tarallo (1985). Em seguida os dados foram armazenados em computador pessoal e transcritos para a finalidade de analisá-los. É válido destacar que a célula *Homem de 10 anos ou mais de estudo com faixa etária de 55 anos ou mais* foi descartada por não apresentar nenhum informante com o perfil da célula. Foram extraídas 5.672 ocorrências dos ditongos estudados para a análise estatística dos dados, das quais o ditongo [ej] foi o que mais teve ocorrências neste estudo, com 2.705 ocorrências, cerca de 47,70% do total dos ditongos. Entretanto, o ditongo que mais apresentou proporção de uso de sua forma monotongada foi o ditongo [ow], com 31,1%, e optamos por utilizar o programa computacional R (R Core Team, 2013). Com isso, confirmamos quase todas as nossas hipóteses de que os ambientes anteriores e seguintes condicionam diretamente o fenômeno da monotongação, de que a tonicidade das sílabas seja um dos fatores que mais influenciam no alto índice de favorecimento da ocorrência

da monotongação, que a extensão da palavra condiciona diretamente a supressão dos ditongos para transformá-los em monotongos e de que a classe de palavras favorece a monotongação. Em relação às variáveis sociais, nossa primeira hipótese se confirmou, pois averiguamos que as pessoas com a Faixa Etária mais elevada monotongaram mais em suas proporções de uso. E a nossa segunda hipótese só é refutada no uso do ditongo [ej], no qual os homens foram mais conservadores. E nossa última hipótese se confirmou em relação ao Grau de Escolaridade, pois os informantes com maior nível de escolaridade monotongaram menos.

**Palavras-chave:** monotongação; comunidade afro-brasileira; português falado no Brasil; sociolinguística variacionista.

## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo investigar el fenómeno variable de la monoptongación, que es el borrado del glide ante los diptongos orales decrecientes [aj], [ej] y [ow], como en *caixa~caxa*, *beira~bera* y *ouro~oro*, en la oralidad de la comunidad quilombola Conceição dos Caetanos, del municipio de Tururu/CE, bajo el enfoque teórico-metodológico de la Sociolingüística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008). Para esta investigación, partimos de los conceptos de monoptongo y monoptongación discutidos por Trask (1996), Câmara Jr. (1997), Silva (2005) y Seara, Nunes y Lazzarotto-Volcão (2011). Cabe destacar que la elección de esta comunidad se debe al hecho de que fue la primera comunidad afrobrasileña del estado de Ceará en ser certificada por la Fundación Cultural Palmares (FCP) como una Comunidad Remanente de Quilombo (CRQ), por su gran valor socio-histórico-cultural y por estar situada en el interior del estado, lo que contribuye al estudio del portugués hablado en Ceará y, por ende, al portugués hablado en Brasil. En cuanto al procedimiento metodológico, dado que se trata de una investigación cuantitativa, se compuso un corpus oral de 31 encuestas, divididas en 12 celdas sociales, estratificadas por las variables estructurales Contexto Fonético Anterior y Posterior, Tonicidad, Extensión de la Palabra y Clases de Palabras, y las variables sociales Género, Grupo de Edad y Grado de Escolaridad, con 3 informantes en cada celda. En un primer momento, conocimos la comunidad y algunos líderes locales, y después, conocimos a más personas de la comunidad para mapear a posibles candidatos para la investigación, y solo después de estos primeros contactos comenzamos las entrevistas. Las entrevistas se dividieron en dos momentos: el primero fue una entrevista sociolingüística, y luego se aplicó un cuestionario fonético-fonológico basado en el del ALiB (2001). La selección de los entrevistados obedeció a criterios específicos, tal como indica Tarallo (1985). Posteriormente, los datos fueron almacenados en un ordenador personal y transcritos para su análisis. Es importante destacar que la celda de *Hombres con 10 o más años de estudios y de 55 años o más* fue descartada por no contar con informantes que se ajustaran al perfil de la celda. Se extrajeron 5.672 ocurrencias de los diptongos estudiados para el análisis estadístico de los datos, siendo el diptongo [ej] el que más tuvo ocurrencias en este estudio, con 2.705 ocurrencias, alrededor del 47,70% del total de los diptongos. Sin embargo, el diptongo que presentó la mayor proporción de uso de su forma monoptongada fue el diptongo [ow], con un 31,1%, y decidimos utilizar el programa informático R (R Core Team, 2013). Con esto, confirmamos casi todas nuestras hipótesis: que los ambientes anteriores y siguientes condicionan directamente el fenómeno de la monoptongación, que la tonicidad de las sílabas es uno de los factores que más influye en el alto índice de favorecimiento de la ocurrencia de la monoptongación, que la extensión de la

palabra condiciona directamente la supresión de los diptongos para transformarlos en monoptongos, y que la clase de palabra favorece la monoptongación. En relación con las variables sociales, nuestra primera hipótesis se confirmó, ya que constatamos que las personas con una mayor franja de edad monoptongaron más en sus proporciones de uso. Y nuestra segunda hipótesis solo fue refutada en el uso del diptongo [ej], en el cual los hombres fueron más conservadores. Y nuestra última hipótesis se confirmó en relación con el Grado de Escolaridad, ya que los informantes con un nivel educativo más alto monoptongaron menos.

**Palabras-clave:** monoptongación; comunidad afrobrasileña; portugués hablado en Brasil; sociolingüística variacionista.

## ABSTRACT

This study aims to investigate the variable phenomenon of monophthongization, which is the deletion of the glide in front of the falling oral diphthongs [aj], [ej], and [ow], as seen in *caixa~caxa*, *beira~bera*, and *ouro~oro*, in the oral speech of the quilombola community of Conceição dos Caetanos, in the municipality of Tururu/CE, from the theoretical-methodological perspective of Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008). For this research, we based our work on the concepts of monophthong and monophthongization discussed by Trask (1996), Câmara Jr. (1997), Silva (2005), and Seara, Nunes, and Lazzarotto-Volcão (2011). It is important to highlight that the choice of this community was due to the fact that it was the first Afro-Brazilian community in the state of Ceará to be certified by the Fundação Cultural Palmares (FCP) as a Remnant Quilombo Community (CRQ), because of its significant socio-historical-cultural value, and for being located in the interior of the state, thus contributing to studies of Portuguese spoken in Ceará and, consequently, in Brazil. Regarding the methodological procedure, as this is a quantitative study, an oral corpus was composed of 31 surveys, divided into 12 social cells, stratified by structural variables such as Preceding and Following Phonetic Context, Stressed Syllable, Word Length, Word Class, and social variables like Gender, Age Group, and Education Level, with 3 informants in each cell. In the first phase, we got to know the community and some local leaders. Subsequently, we met more community members to identify potential candidates for the study, and only after these initial contacts did we begin the interviews. The interviews were divided into two phases: the first was a sociolinguistic interview, followed by the application of a phonetic-phonological questionnaire based on the one from ALiB (2001). The selection of the interviewees followed specific criteria, as indicated by Tarallo (1985). The data were then stored on a personal computer and transcribed for analysis. It is important to note that the cell for *men with 10 years or more of education and aged 55 or older* was discarded as it did not have any informants that fit the cell's profile. A total of 5.672 occurrences of the studied diphthongs were extracted for statistical analysis, with the diphthong [ej] having the most occurrences in this study, totaling 2.705 occurrences, about 47.70% of the total diphthongs. However, the diphthong that showed the highest proportion of its monophthongized form was [ow], with 31.1%, and we chose to use the computational program R (R Core Team, 2013). As a result, we confirmed almost all of our hypotheses: that the preceding and following environments directly condition the phenomenon of monophthongization, that syllable stress is one of the factors most influencing the high rate of monophthongization occurrences, that the length of the word directly conditions the suppression of diphthongs to transform them into

monophthongs, and that the word class favors monophthongization. Regarding the social variables, our first hypothesis was confirmed, as we found that people with a higher age group exhibited more monophthongization in their usage proportions. Our second hypothesis was only refuted for the diphthong [ej], where men were more conservative. Our last hypothesis was confirmed regarding Education Level, as informants with higher education levels exhibited less monophthongization.

**Keywords:** monophthongization; afro-brazilian community; portuguese spoken in Brazil; variationist sociolinguistics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Municípios cearenses com CRQs certificadas .....	26
Figura 2 – Distribuição de estudos linguísticos em comunidades afro-brasileiras e variacionistas no Brasil selecionados para esta pesquisa.....	59
Figura 3 – Mapa de localização das CRQs localizadas em Tururu/CE.....	63
Figura 4 – Foto da “tarde de conversa” sobre a história da comunidade.....	65

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Princípios fundamentais da Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	37
Quadro 2 – Ditongos do PB divididos em crescentes e decrescentes .....	42
Quadro 3 – Organização da Padronização de Transcrição.....	46
Quadro 4 – Estudos variacionistas da monotongação no Brasil.....	47
Quadro 5 – Distribuição dos informantes por Gênero, Faixa Etária e Grau de Escolaridade..	68
Quadro 6 – Detalhamento da distribuição dos informantes por Gênero, Faixa Etária e Grau de Escolaridade.....	70
Quadro 7 – Codificação dos Arquivos.....	71
Quadro 8 – Organização da Codificação de Dados no <i>Excel</i> .....	78
Quadro 9 – Total de minutos das células analisadas.....	79

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplos de ambientes de ocorrência e não-ocorrência de monotongação de ditongos decrescentes do PB.....	45
Tabela 2 – Ditongos, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual.....	81
Tabela 3 – Proporção de ocorrências de ditongos e monotongos.....	82
Tabela 4 – Gênero, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	84
Tabela 5 – Faixa Etária, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	85
Tabela 6 – Grau de Escolaridade, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	87
Tabela 7 – Contexto Fonético Anterior, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	88
Tabela 8 – Contexto Fonético Seguinte, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	89
Tabela 9 – Tonicidade, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	90
Tabela 10 – Extensão do Vocábulo, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Vocábulo do Ditongo [aj].....	91
Tabela 11 – Classes de Palavras, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [aj].....	92
Tabela 12 – Gênero, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	93
Tabela 13 – Faixa Etária, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	95
Tabela 14 – Grau de Escolaridade, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	97
Tabela 15 – Contexto Fonético Anterior, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	98
Tabela 16 – Contexto Fonético Seguinte, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	99
Tabela 17 – Tonicidade, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	100

Tabela 18 – Extensão do Vocábulo, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	101
Tabela 19 – Classes de Palavras, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ej].....	102
Tabela 20 – Gênero, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	103
Tabela 21 – Faixa Etária, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	105
Tabela 22 – Grau de Escolaridade, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	106
Tabela 23 – Contexto Fonético Anterior, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	108
Tabela 24 – Contexto Fonético Seguinte, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	109
Tabela 25 – Tonicidade, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	110
Tabela 26 – Extensão do Vocábulo, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	111
Tabela 27 – Classes de Palavras, Variantes, Ocorrências, Proporção Geral e Individual do Ditongo [ow].....	112

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da Manutenção e Monotongação dos Ditongos [aj], [ej] e [ow] por Ocorrência.....	82
Gráfico 2 – Manutenção x Monotongação do ditongo [aj].....	83
Gráfico 3 – Variável Gênero: proporção de uso do ditongo [aj].....	84
Gráfico 4 – Variável Faixa Etária: proporção de uso do ditongo [aj].....	86
Gráfico 5 – Variável Grau de Escolaridade: proporção de uso do ditongo [aj].....	87
Gráfico 6 – Manutenção x Monotongação do ditongo [ej].....	93
Gráfico 7 – Variável Gênero: proporção de uso do ditongo [ej].....	94
Gráfico 8 – Variável Faixa Etária: proporção de uso do ditongo [ej].....	96
Gráfico 9 – Variável Grau de Escolaridade: proporção de uso do ditongo [ej].....	97
Gráfico 10– Manutenção x Monotongação do ditongo [ow].....	103
Gráfico 11– Variável Gênero: proporção de uso do ditongo [ow].....	104
Gráfico 12– Variável Faixa Etária: proporção de uso do ditongo [ow].....	105
Gráfico 13– Variável Grau de Escolaridade: proporção de uso do ditongo [ow].....	107

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE	Ceará
CRQ	Comunidade Remanescente de Quilombos
FCP	Fundação Cultural Palmares
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
NORPOFOR	Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza
PB	Português Brasileiro
PORCUFORT	Projeto Português Oral Culto de Fortaleza
PROFALA	Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
UCLA	Universidade da Califórnia em Los Angeles
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UNILAB	Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira
URCA	Universidade Regional do Cariri
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

## LISTA DE SÍMBOLOS

- [ə]: pretônica
- [a]: tônica
- [ɔ]: postônica
- [p]: oclusiva bilabial desvozeada
- [b]: oclusiva bilabial vozeada
- [t]: oclusiva dental desvozeada
- [d]: oclusiva dental vozeada
- [k]: oclusiva velar desvozeada
- [g]: oclusiva velar vozeada
- [f]: fricativa labiodental desvozeada
- [v]: fricativa labiodental vozeada
- [s]: fricativa alveolar desvozeada
- [z]: fricativa alveolar vozeada
- [ʃ]: fricativa alveopalatal desvozeada
- [ʒ]: fricativa alveopalatal vozeada
- [h]: fricativa glotal
- [l]: lateral alveolar vozeada
- [ʎ]: lateral palatal vozeada
- [m]: nasal bilabial vozeada
- [ɱ]: nasal labiodental vozeada
- [n]: nasal alveolar vozeada
- [ɲ]: nasal palatal vozeada
- [ɾ]: *tap (flap)* alveolar
- [ɽ]: *tap (flap)* retroflexo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	24
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	33
<b>2.1</b>	<b>As três ondas dos estudos sociolinguísticos</b> .....	33
<i>2.1.1</i>	<i>Primeira onda</i> .....	33
<i>2.1.2</i>	<i>Segunda onda</i> .....	34
<i>2.1.3</i>	<i>Terceira onda</i> .....	34
<b>2.2</b>	<b>Teoria da Variação e Mudança Linguística</b> .....	35
<i>2.2.1</i>	<i>Comunidade de Fala</i> .....	37
<i>2.2.2</i>	<i>Paradoxo do observador</i> .....	40
<b>2.3</b>	<b>Conceitos basilares de Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa</b> .....	41
<i>2.3.1</i>	<i>Conceito de ditongo e ditongação</i> .....	41
<i>2.3.2</i>	<i>Conceito de monotongo e monotongação</i> .....	44
<b>2.4</b>	<b>Estudos Variacionistas sobre a Monotongação no Brasil</b> .....	47
<i>2.4.1</i>	<i>Região Norte</i> .....	49
<i>2.4.2</i>	<i>Região Nordeste</i> .....	50
<i>2.4.3</i>	<i>Região Centro-Oeste</i> .....	53
<i>2.4.4</i>	<i>Região Sudeste</i> .....	54
<i>2.4.5</i>	<i>Região Sul</i> .....	56
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	61
<b>3.1</b>	<b>CRQ Conceição dos Caetanos: universo da pesquisa</b> .....	62
<i>3.1.1</i>	<i>Tessitura histórica da comunidade</i> .....	65
<b>3.2</b>	<b>Instrumentos de pesquisa</b> .....	67
<b>3.3</b>	<b>Corpus</b> .....	67
<b>3.4</b>	<b>Informantes</b> .....	69
<b>3.5</b>	<b>Codificação dos arquivos (áudios e transcrições)</b> .....	71
<b>3.6</b>	<b>Variáveis</b> .....	71
<i>3.6.1</i>	<i>Variáveis dependentes</i> .....	71
<i>3.6.2</i>	<i>Variáveis independentes</i> .....	72
<i>3.6.2.1</i>	<i>Variáveis linguísticas</i> .....	72
<i>3.6.2.2</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i> .....	74
<i>3.6.3</i>	<i>Relação entre as variáveis</i> .....	74
<b>3.7</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	75

3.8	Transcrição.....	77
3.9	Procedimentos Analíticos dos Dados.....	77
4	ANÁLISE E DISCUSSÕES.....	81
4.1	Frequência e Proporção Geral.....	81
4.2	Frequência e Proporções Específicas do ditongo [aj].....	83
4.2.1	<i>Variável Gênero – Uso do ditongo [aj].....</i>	83
4.2.2	<i>Variável Faixa Etária – Uso do ditongo [aj].....</i>	85
4.2.3	<i>Variável Grau de Escolaridade – Uso do ditongo [aj].....</i>	86
4.2.4	<i>Variável Contexto Fonético Anterior – Uso do ditongo [aj].....</i>	88
4.2.5	<i>Variável Contexto Fonético Seguinte – Uso do ditongo [aj].....</i>	89
4.2.6	<i>Variável Tonicidade – Uso do ditongo [aj].....</i>	90
4.2.7	<i>Variável Extensão do Vocábulo – Uso do ditongo [aj].....</i>	91
4.2.8	<i>Variável Classes de Palavras – Uso do ditongo [aj].....</i>	92
4.3	Frequência e Proporções Específicas do ditongo [ej].....	92
4.3.1	<i>Variável Gênero – Uso do ditongo [ej].....</i>	93
4.3.2	<i>Variável Faixa Etária – Uso do ditongo [ej].....</i>	95
4.3.3	<i>Variável Grau de Escolaridade – Uso do ditongo [ej].....</i>	96
4.3.4	<i>Variável Contexto Fonético Anterior – Uso do ditongo [ej].....</i>	98
4.3.5	<i>Variável Contexto Fonético Seguinte – Uso do ditongo [ej].....</i>	99
4.3.6	<i>Variável Tonicidade – Uso do ditongo [ej].....</i>	100
4.3.7	<i>Variável Extensão do Vocábulo – Uso do ditongo [ej].....</i>	101
4.3.8	<i>Variável Classes de Palavras – Uso do ditongo [ej].....</i>	101
4.4	Frequência e Proporções Específicas do ditongo [ow].....	102
4.4.1	<i>Variável Gênero – Uso do ditongo [ow].....</i>	103
4.4.2	<i>Variável Faixa Etária – Uso do ditongo [ow].....</i>	104
4.4.3	<i>Variável Grau de Escolaridade – Uso do ditongo [ow].....</i>	106
4.4.4	<i>Variável Contexto Fonético Anterior – Uso do ditongo [ow].....</i>	107
4.4.5	<i>Variável Contexto Fonético Seguinte – Uso do ditongo [ow].....</i>	109
4.4.6	<i>Variável Tonicidade – Uso do ditongo [ow].....</i>	110
4.4.7	<i>Variável Extensão do Vocábulo – Uso do ditongo [ow].....</i>	110
4.4.8	<i>Variável Classes de Palavras – Uso do ditongo [ow].....</i>	111
5	CONCLUSÃO.....	113
	REFERÊNCIAS.....	115

<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA.....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO.....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE C – IMAGENS DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE D – LISTA DE INFORMANTES.....</b>	<b>130</b>
<b>APÊNDICE E – FICHA DO INFORMANTE.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE F – FICHA DA LOCALIDADE.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO 1 – ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA (CEP/UFC).....</b>	<b>135</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, fundamentado na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinrich; Labov, Herzog, 2006 [1968]) tem como escopo o estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] no falar da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, pertencente à cidade de Tururu-Ce.

As línguas naturais são vivas e, por isso, apresentam variações ao longo do tempo e do espaço. Desta maneira, dentro de uma mesma comunidade, é possível falarmos de maneira diferente e, mesmo assim, conseguirmos nos entender. Isso ocorre devido ao fato de que as línguas dispõem de uma heterogeneidade ordenada, na qual torna-se possível demasiadas maneiras de ordenações de formas para se dizer a “mesma coisa”. Com essa afirmativa, podemos dizer que a língua varia porque há diversas formas de falar sobre o mesmo assunto. A variação linguística, “[...] o processo pela qual duas formas [ou mais] podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional [...]” (Coelho *et al.*, 2018, p. 16), é, desta maneira, um acontecimento natural e comum de qualquer língua e pode receber diversas influências, desde fatores internos, como os linguísticos, a exemplo dos fatores morfossintáticos e/ou fonológicos; como também por fatores externos, como os extralinguísticos, a exemplo da faixa etária e nível de escolarização do informante, dentre diversos outros fatores de ordem social.

Trazendo exemplos para a realidade do português falado no Brasil, um dos casos em que ocorre variação linguística em um fenômeno fonético-fonológico é a realização variável dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/, na posição átona ou tônica, no qual pode haver a manutenção destes ditongos como [aj], [ej] e [ow], a exemplos de ['bajʃɔ], ['bejʒo] e ['towru], ou podem ser reduzidos, levando-os à monotongação destes ditongos [a], [e] e [o], a exemplos de ['baʃɔ], ['beʒo] e ['toru]. Todo esse processo que ocorre com alguns ditongos em relação ao apagamento do *glide* (ou semivogal) ao transformá-los em monotongos é chamado de monotongação (Silva, 2005, p. 73-74).

Ao ser descrita por Trask (1996), concordamos que a monotongação é o processo fonológico que diz respeito à conversão do ditongo em monotongo. Desta maneira, esse conceito será testado em um ambiente de uso específico, com valores histórico-sociais que devem ser levados em consideração. A monotongação foi escolhida para ser objeto de estudo porque tem sido tema de muitas pesquisas do ramo dos estudos da linguagem, principalmente no estado do Ceará, como em Araújo (2000, 2011), Aragão (2000, 2009) e Cysne (2016). Diante

das abordagens relacionadas ao uso concreto da língua, os pesquisadores sociolinguístas veem o fenômeno da monotongação como motivado por fatores linguísticos e/ou sociais. A constatação efetiva de seu uso atribui-lhe um caráter vultoso no que diz respeito às variedades do português brasileiro falado em sua forma vernácula em suas comunidades de fala.

Por compreendermos a importância de pesquisas que envolvam esse fenômeno, há questões significativas a serem tratadas quanto à descrição deste fenômeno no Português Brasileiro (oral), doravante PB, língua-objeto ao qual este trabalho justifica-se ao propor trazer contribuições para as pesquisas já existentes. E desta maneira, partindo da premissa de que existem diversos trabalhos na área da Sociolinguística Variacionista aplicados a este fenômeno e a comunidades de falas afro-brasileiras em todo território nacional, constatamos sua importância nas pesquisas acadêmicas. Todavia, o que mais nos chamou atenção foi o fato de que quando procuramos trabalhos do mesmo âmbito aplicados na região Nordeste, em especial no estado do Ceará, não encontramos fontes suficientes de pesquisas de fenômenos linguísticos ligados às comunidades afro-brasileiras (mais, especificamente, às comunidades quilombolas).

Diante do exposto, recordamos a existência de projetos de cunhos linguísticos encabeçados por instituições de ensino superior cearenses, como o Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) e o Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) vinculados à Universidade Estadual do Ceará (UECE), e do grupo de pesquisas do Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA), que contém três *corpora*, que servem de base para muitas investigações: (1) Projeto: O Português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e Timor-Leste; (2) Projeto: Estudos da Língua Oral do Cariri; (3) Projeto: Dialeto Sociais Cearenses, vinculada à Universidade Federal do Ceará. Entretanto, não há nenhum *corpus* fruto de pesquisa e investigação de comunidades quilombolas do nosso estado.

As comunidades quilombolas brasileiras estão altamente presentes em grande parte do território nacional. Desde os primeiros registros destes agrupamentos, estes locais trazem consigo a representatividade de espaços de resistência. Nesta perspectiva, segundo Berutti, Lisboa e Santos (2012),

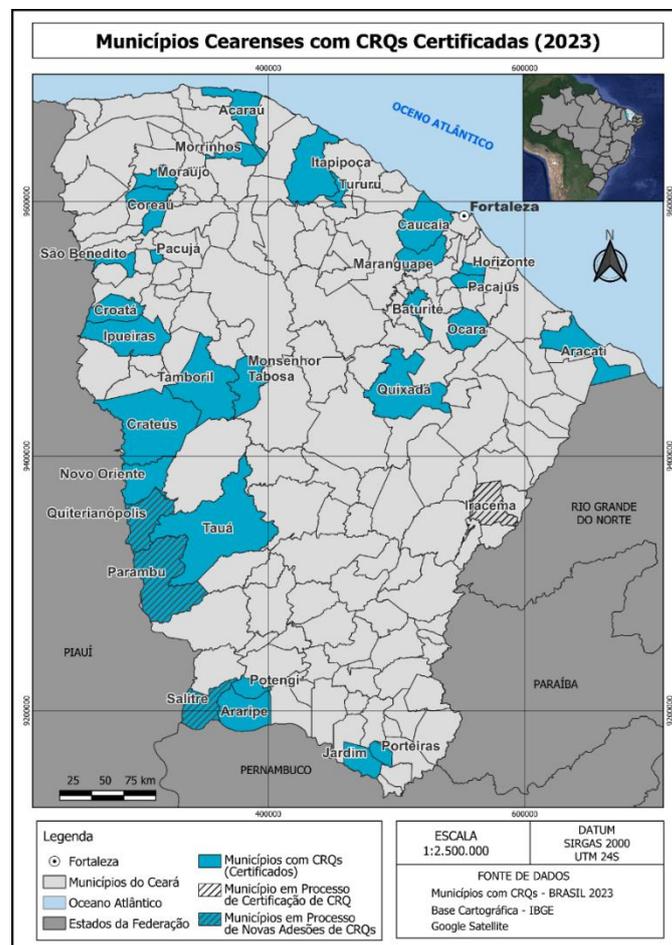
Os quilombos, nascidos da resistência à escravidão e da busca pela liberdade, foram ao longo do tempo, perdendo esse objetivo inicial. Atualmente são redutos de uma cultura preservada, os quais denominamos de “comunidades quilombolas” ou “[comunidades] remanescentes de quilombos” (Berutti; Lisboa; Santos, 2012, p. 33).

Compreendemos como Comunidade Remanescente de Quilombos (CRQ) os grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana –, que

se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias, definição que coletamos no *website* do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

A Fundação Cultural Palmares (FCP) é o órgão governamental responsável pela certificação das comunidades quilombolas, a fim de lhes garantir acesso a direitos inerentes às CRQs, como os programas sociais do Governo Federal. Acredita-se que em nosso país existam quase seis mil comunidades quilombolas<sup>1</sup>. Trazendo para a realidade do Ceará, a FCP certificou 54 CRQs em nosso estado<sup>2</sup> (Brasil, 2022), como podemos ver na Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Municípios cearenses com CRQs certificadas<sup>3</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor e adaptado da Fundação Cultural Palmares (2023).

E nestas CRQs vivem cerca de mais de 11 mil famílias, distribuídas em comunidades quilombolas nos municípios de Aracati, Acaraú, Araripe, Baturité, Caucaia,

<sup>1</sup> Dados extraídos da última pesquisa (2019) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE;

<sup>2</sup> Dados extraídos da última atualização do Ceará, datada de 22 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-ce-22082022.pdf>;

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-ce-15062021.pdf>

Coreaú, Crateús, Croatá, Horizonte, Ipueiras, Itapipoca, Jardim, Maranguape, Monsenhor Tabosa, Moraújo, Morrinhos, Novo Oriente, Ocara, Pacajus, Pacujá, Parambu, Porteiras, Potengi, Quiterianópolis, Quixadá, Salitre, São Benedito, Tamboril, Tauá e Tururu.

E o número de CRQs deverá aumentar nos próximos anos, tendo em vista a existência de cinco processos em aberto de comunidades quilombolas cearenses dos municípios de Quiterianópolis (dois processos), Parambu (um processo), Salitre (um processo) e Iracema (um processo)<sup>4</sup> que tramitam na FCP, caminhando para a certificação. Ademais, o nosso Estado teve suas primeiras CRQs reconhecidas em 2004, as comunidades de Água Preta e Conceição dos Caetanos (local de nossa pesquisa), ambas no município de Tururu/CE, sendo as CRQs reconhecidas mais antigas do Ceará.

Existem inúmeras comunidades quilombolas registradas no Ceará, mas não há muitos estudos sobre elas para que possamos entender melhor sobre como funcionam, como chegaram aonde estão, quais as influências que absorveram durante os contatos que tiveram nos últimos anos, e como estão as pesquisas no que confere ao ramo da linguística nesses “pequenos” grupos. Foi consultado todos os repositórios acadêmicos ligados à instituições de nível superior do Ceará, entretanto, não foi encontrado nenhum trabalho sobre descrição e análise linguística dessas comunidades nos repositórios institucionais ligados às Universidade Federal do Ceará/UFC, Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB, Universidade Federal do Cariri/UFCA, Universidade Estadual do Ceará/UECE, Universidade Regional do Cariri/URCA, Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/IFCE – instituições que ofertam o curso de Licenciatura em Letras no estado do Ceará.

Desta maneira, este estudo busca compor o primeiro *corpus* oral de uma CRQ cearense, que também fornecerá dados para outras pesquisas, tendo em vista que a comunidade se encontra em uma zona rural de um município do interior do estado.

Outro fato interessante é que em âmbito estadual, são poucas as pessoas que têm consciência da existência de comunidades quilombolas em território cearense, e o número é mais reduzido quando se consideram as pessoas que já visitaram alguma dessas CRQs. Assim, além de colaborar com pesquisas linguísticas sobre comunidades afro-brasileiras, esta pesquisa preocupa-se em despertar a visibilidade e reconhecimento dessas comunidades, junto a suas

---

<sup>4</sup> Os três primeiros municípios estão com seus processos aguardando complementação de documentos, e o último está em análise técnica;

tradições orais e memórias coletivas passadas a cada geração, material de vasto valor imaterial, e que precisa ser registrado e documentado, para que não se perca no tempo. Deste modo, criam-se condições favoráveis para que outras pessoas também possam estudar e assim conhecer outras comunidades quilombolas cearenses.

Com tudo isso, resolvemos centrar nossa pesquisa ao fenômeno da monotongação, amparada pela teoria da Sociolinguística Variacionista, tendo em vista que esta teoria nos permite quantificar as ocorrências (ou não) do fenômeno, levando em consideração as variáveis linguísticas: contexto fonético anterior e posterior, tonicidade, extensão do vocábulo, e classes de palavras, e extralinguísticas: gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

Aragão (2000) discutiu, em seu artigo intitulado *Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza*, sobre a ocorrência desses dois fenômenos linguísticos na capital cearense, e a professora desenvolveu uma tese em que destaca o uso dessas variantes fonéticas no que diz respeito somente à capital alencarina, descartando, segundo Aragão (2000),

A hipótese de variante regional cearense ou mesmo nordestina (...) uma vez que os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país, comprovados por trabalhos de estudiosos que analisaram esses falares regionais, como o de Amaral (1920), para São Paulo; Monteiro (1933), para o Ceará; Marroquim (1934), para Alagoas e Pernambuco; Teixeira (1938), para Minas Gerais; Paes (1938), para o Rio Grande do Sul; Teixeira (1944), para Goiás; Nascentes (1953), para o Rio de Janeiro; e mais modernamente, Veado (1983), para Minas Gerais; Meneghini (1983), para Ibiricá – RS; Mota (1986), para Sergipe; Paladino Neto (1990), para o Rio de Janeiro; Silva (1994), para o Rio de Janeiro; Paiva (1996), para o Rio de Janeiro; Cabreira (1996), para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre; Silva (1997), para a Paraíba e Araújo (2000) para o Ceará (Aragão, 2000, p. 119 – 120).

Aragão (2000) levou em consideração as seguintes variáveis: 1) Localidades – bairros de Fortaleza; 2) Sexo – masculino e feminino; 3) Faixa etária – 10/11 anos, 14/15 anos, 18/25 anos, 37/43 anos; 4) Grau de instrução – analfabeto, primário, ginásio, 2º grau; 5) Classe social – baixa e média. No que tange à faixa etária, a autora não contemplou a faixa dos idosos.

E partindo também de trabalhos mais clássicos da área, relembramos que Labov (1972a), em sua famosa pesquisa na ilha de Martha's Vineyard, usou o recorte de faixa etária a seguir: 14-30a, 31-45a, 46-60a, 61-75a e 75 acima, para selecionar os participantes do estudo, sob efeito da variável *faixa etária*. Deste modo, podemos associar e dividir as faixas etárias escolhidas por Labov em jovens (14-30a), adultos (31-45a, 46-60a) e idosos (61-75a e 75 acima).

Ainda segundo Labov (1972a), os jovens aproximam mais seu linguajar do vernáculo da ilha, comparados aos adultos e idosos, em especial os falantes do sexo masculino.

A crítica que podemos tecer a este estudo é que a explicação desta motivação, por parte desses jovens, estaria no desejo de se reconhecerem como natos “*vineyarders*” (habitantes da ilha) diante da invasão dos veranistas. Essa afirmação pode soar estranha se analisarmos que não só esses jovens, mas também os adultos e idosos partilhavam dos mesmos valores sociais, e todos eram afetados pelo contato com os veranistas. Entretanto, essas mudanças tiveram reflexo somente nos jovens.

Presumimos que esse fenômeno ocorreria de forma contrária do que estamos nos propondo a pesquisar, tendo em vista que os falantes mais idosos da comunidade quilombola de nosso estudo seriam os indivíduos que se afastariam da utilização da norma padrão da língua portuguesa, e os jovens e adultos os que mais estariam suscetíveis às mudanças sociais e linguísticas por conta do contato com os falantes de fora de sua comunidade.

De acordo com Paiva (2019, p. 34), no que diz respeito ao gênero/sexo, diversos estudos apontam, partindo da hipótese clássica, “que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”. Tendo em vista que a monotongação pode sofrer avaliação negativa por parte dos falantes (Araújo; Borges, 2018), as mulheres tenderiam à manutenção dos ditongos, e essa hipótese se aplicaria em nossa comunidade.

No que tange ao grau de escolaridade, Votre (2019, p. 56) afirma que essa variável “continua a desempenhar um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes”. E dentro da comunidade existe uma escola pública municipal que oferta a escolarização, desde os três anos de idade (infantil III), até os 14 anos (9º ano do ensino fundamental), tendo os alunos a possibilidade de finalizar a etapa da educação básica em uma escola pública estadual na sede do município (diurno) ou em um anexo desta mesma escola na comunidade vizinha (noturno). Portanto, acreditamos que, quanto maior o grau de instrução do falante, menores seriam os casos de monotongação em nossos informantes.

No Ceará existem poucos estudos linguísticos sobre os povos afro-brasileiros, que se autoafirmam pertencentes a essas comunidades e vivem nesses locais que são registrados e reconhecidos pela FCP, e nos propomos a pesquisar um dos níveis de variação, o fonológico, de maneira mais específica, ao focar o processo de monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] nas falas dos habitantes da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE.

Para alcançarmos esse intento, temos, como objetivo geral:

- investigar o fenômeno da monotongação nos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] no *corpus* oral da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE, correlacionando-o a variáveis linguísticas e sociais sob o viés da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinrich; Labov, Herzog, 2006 [1968]).

Para tanto, focaremos nos seguintes objetivos específicos:

- Realizar um levantamento dos aspectos sociológicos da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos;
- Analisar a influência dos fatores linguísticos: *contexto fonético anterior e posterior, tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavras* na monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos;
- Analisar a influência dos fatores extralinguísticos: *faixa etária, gênero e grau de escolaridade* na monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos;
- Verificar possível situação de variação estável ou mudança em progresso na monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos; e,
- Examinar os contextos prototípicos de uso das variantes na manutenção/monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos.

Nossa questão central para o desenvolvimento da pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: Quais os efeitos que os fatores linguísticos e extralinguísticos exercem na manutenção e/ou ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] na oralidade da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos do município de Tururu/CE?

O fenômeno da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] é motivada por fatores linguísticos: *contexto fonético anterior e posterior, tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavras*, e extralinguísticos: *faixa etária, gênero e grau de escolaridade*.

Além da hipótese geral sobre quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a monotongação e/ou manutenção dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]

dentro da comunidade quilombola estudada, levantamos questões e hipóteses referentes a cada variável independente para análise do fenômeno pesquisado. Por uma questão de organização e melhor detalhamento de sua descrição, alinhados aos objetivos deste trabalho, o problema supracitado será dividido em dois grupos, a saber:

**Questões e hipóteses referentes aos fatores linguísticos:**

- Como o contexto fonético anterior exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Presumimos que o ambiente posterior condicione diretamente o fenômeno da monotongação nos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow], como consideram Bisol (1994) e Farias e Oliveira (2003) em suas respectivas pesquisas;

- Como o contexto fonético posterior exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Assim como apontam os trabalhos de Araújo (2000) e Carvalho (2007), presumimos que o ambiente anterior condiciona diretamente o fenômeno da monotongação nos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow];

- Como a posição da sílaba tônica na palavra exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Acreditamos que a tonicidade das sílabas seja um dos fatores que mais influenciam no alto índice de favorecimento da ocorrência da monotongação nos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow], assim como Meneghini (1983) e Araújo (2000);

- Como a extensão do vocábulo exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Acreditamos que a extensão da palavra condiciona diretamente a supressão dos ditongos para transformá-los em monotongos, como pesquisado por Coelho e Naumann (1994), Farias e Oliveira (2003), e Farias (2008);

- Como a classe de palavras exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Entendemos como verdadeira a suposição de que os nomes favorecem a monotongação, assim como Amaral (2005) e Toledo (2011).

**Questões e hipóteses referentes aos fatores extralinguísticos:**

- Como o fator faixa etária (14-30 anos, 31-60 anos e a partir de 61 anos) exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Acreditamos que as pessoas mais velhas monotongam mais, tendo em vista que não precisam se preocupar com o ambiente social em que estão inseridas, e que as mais jovens adotam mais a postura conservadora. Desta maneira, o fenômeno pesquisado se apresenta de maneira contrária às hipóteses mais estudadas nesta teoria, de que são os falantes de mais idade que possuem uma tendência maior a manter as variantes mais conservadoras (Labov, 2001; Naro, 2012);

- Como o fator gênero (masculino e feminino) exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Corroboramos com Paiva (2019, p. 34) no que diz respeito ao que apontam os estudos “que as mulheres comprovam a maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas”. Desta maneira, acreditamos que elas tendem a ser mais conservadoras no que diz respeito à manutenção dos ditongos da ditongação;

- Como o fator grau de escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Médio) exerce influência na ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]?

Falantes mais escolarizados tendem a monotongar menos, e desta maneira ditongam de forma mais recorrente na fala, obedecendo uma posição menos inovadora (Votre, 2019).

Ao prezarmos pela organização deste trabalho, os próximos capítulos percorrerão a Fundamentação Teórica, Procedimentos Metodológicos, Resultados analisados e Conclusão, além dos elementos pós-textuais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, inicialmente, serão apresentados os fundamentos teóricos que servirão de base para sustentar o estudo sociolinguístico laboviano (Labov, 1972a, 1972b, 1978, 1994, 2001, 2003, 2008, 2010), sob os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006; Labov, [1972] 2008) da monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] no que tange ao seu uso oral na comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, cidade de Tururu-CE.

Em seguida, em breves palavras, serão expostos os conceitos basilares desta pesquisa, como: *ditongo*, *ditongação*, *monotongo* e *monotongação*, que fornecerão pressupostos teóricos para a análise em questão.

E finalizaremos o capítulo com uma apresentação do estado da arte dos estudos linguísticos que, a partir de pesquisas que contemplem o fenômeno da monotongação aplicados ao português falado no Brasil, possamos mapeá-los em nosso país.

### 2.1 As três ondas dos estudos sociolinguísticos

Utilizamos como base para as ponderações sobre o tema das três ondas da sociolinguística o trabalho de Freitag *et al.* (2012). E de acordo com proposta defendida por Eckert (2012), os estudos sociolinguísticos podem ser distinguidos em três ondas de análise, não substitutivas nem sucessivas, mas que refletem modos distintos de abordagem à variação linguística: com práticas analíticas e metodológicas peculiares.

#### 2.1.1 Primeira onda

A primeira onda de estudos sociolinguísticos inicia-se com os estudos de Labov sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, cujos resultados foram replicados em uma série de estudos em comunidades urbanas que corroboraram um padrão regular de estratificação socioeconômica das variáveis, em que o uso das variantes não padrão estava inversamente relacionado ao status socioeconômico dos falantes (Eckert, 2012).

A primeira onda estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, faixa etária, escolaridade, etc. Os padrões regulares e sistemáticos de covariação social e linguística levantaram questões sobre relações sociais subjacentes às categorias sociais primárias, o que conduziu ao surgimento da segunda onda, caracterizado por estudos etnográficos de populações mais localmente definidas.

A premissa dos estudos de primeira onda é, pois, que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes. A metodologia dos estudos de primeira onda é calcada na correlação entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas em sentido amplo (cuja classificação se dá de forma estável, homogênea e padronizada de modo a permitir a replicação, como faixa etária, sexo, etnicidade, escolaridade), com a estratificação dos falantes em células sociais, a constituição de bancos de dados linguísticos e resultados quantitativos refinados (especialmente com o uso de técnicas estatísticas aprimoradas para o modelo da variação linguística, como a regressão logística com o cálculo de desvio da média ponderada (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

### **2.1.2 Segunda onda**

Os estudos de segunda onda são também de natureza quantitativa, mas de abordagem etnográfica, abarcando categorias sociodemográficas mais abstratas, a fim de evidenciar como o vernáculo assume valor local. Os estudos etnográficos enfocam comunidades menores por períodos de tempo relativamente longos com o objetivo de descobrir as categorias sociais localmente mais salientes. Nesse tipo de abordagem, o foco recai nos conceitos de comunidades de fala e de identidade de grupo. Eckert (2012) traz, em referência à segunda onda, três exemplos:

1. O estudo de Labov sobre o inglês afroamericano (AAVE), cujos resultados apontam para o uso de traços vernaculares por adolescentes como indexadores do status entre o grupo de comunidade de prática;

2. O estudo de Milroy (1980), que enfoca comunidades de classe operária e examina a relação entre engajamento local e uso do vernáculo, correlacionado o uso de variáveis vernaculares locais com a densidade e a multiplicidade da rede de relações sociais do falante; e

3. O estudo da própria Eckert sobre o papel das categorias *jokers* e *burnouts* na indexação de classe socioeconômica em grupos adolescentes (Eckert, 2000).

Esse tipo de abordagem não recebeu a mesma ênfase que os estudos quantitativos baseados em categorias sociais amplas.

### **2.1.3 Terceira onda**

A terceira onda é relativamente nova quando comparadas às primeiras. Os estudos de terceira onda combinam os postulados dos estudos de primeira e de segunda onda, com uma mudança no foco: da comunidade de fala para a comunidade de prática. Esses estudos

combinam a metodologia quantitativa, presente nas ondas anteriores, os *corpora* constituídos de modo a contemplar a dimensão mais cotidiana (o que não é necessariamente captado pela entrevista sociolinguística), com observações dos participantes, por exemplo.

Na linha de estudos de terceira onda, Moore (2010) analisou a variação entre *were/was* em uma comunidade de prática em Bolton, Inglaterra. Seus resultados globais seguem o padrão da variação *were/was* obtidos por estudos baseados em bancos de dados sociolinguísticos (Tagliamonte, 1998; Cheshire; Fox, 2009). Porém, sua metodologia de coleta etnográfica possibilitou captar a correlação entre o uso não padrão e a estrutura social da comunidade de prática, configurando a variável como um índice de prática social.

A investigação de Moore (2010) intenta mostrar como fatores sociais interagem, e, avaliar como cada fator condiciona o uso de *were* em contextos de primeira e terceira pessoa do singular. A constituição da amostra se deu em um período de dois anos de observação etnográfica de adolescentes da Midlan High School, em Bolton, Inglaterra. Especificamente, foram consideradas as gravações de fala de 39 garotas. Para coletar esses dados, primeiramente a pesquisadora foi à escola no horário do almoço e se envolveu em atividades diversas (como almoçar na cantina, assistir a um ensaio de peça de teatro, sair com os fumantes para a área externa).

## **2.2 Teoria da Variação e Mudança Linguística**

A partir de um congresso realizado pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), no ano de 1964, fixou-se um ramo de estudos linguísticos denominado de Sociolinguística, encabeçado por William Bright, no qual havia vários estudiosos que tinham interesse nesta relação: sociedade e língua. Alguns desses estudiosos eram: Einar Haugen, Dell Hymes, John Gumperz, William Labov, dentre outros. O então organizador do congresso, Bright, em 1966, organizou e publicou a obra *Sociolinguistics*, a fim de divulgar as pesquisas apresentadas no congresso e colabora com a coletânea de textos ao escrever o texto inicial “As dimensões da Sociolinguística”, no qual divulga os alicerces teóricos para a definição e caracterização desta nova vertente de estudos.

Este ramo de estudos linguísticos reconhece em Labov (1972a, 1972b, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010) sua principal representação. A partir das contribuições do sociolinguista estadunidense, esta nova vertente da Linguística é caracterizada como uma nova corrente teórica, por considerar a variação como um atributo pertencente aos sistemas linguísticos. Suas primeiras produções voltam-se para estudos que rodeiam os aspectos fonológicos da oralidade

dos moradores da ilha de Martha's Vineyard e empregados de Nova Iorque, em 1963. A partir disso, é perceptível que o teórico já desenvolvia estudos e pesquisas na área, fundamentado na relação língua-sociedade, antes mesmo do congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA).

Os estudos variacionistas ganharam espaço e visibilidade nos anos de 1960, com o pioneirismo das pesquisas de William Labov (Labov, 2008 [1972]) em relação às variáveis fonológicas do inglês falado nos Estados Unidos da América, que utilizou a ilha de Martha's Vineyard como cenário de observação para o trabalho realizado sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ no local, como também sobre seus estudos em relação aos usos de /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque. Com os resultados obtidos destas duas pesquisas, comprovou-se que os fatores sociais foram cruciais nas escolhas linguísticas das variantes estudadas.

Labov, incontáveis vezes, posicionou-se contra a visão estruturalista, a qual considerava a homogeneidade do sistema linguístico. Foi então que apresentou a importância de pesquisar também os fatores da heterogeneidade da língua, que, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), não conversam bem com a posição estruturalista de ver a língua. Para os autores, a falta de heterogeneidade dentro da língua é que seria o fator disfuncional que comprovaria que a homogeneidade e a estrutura não estão diretamente ligadas.

Entende-se como variação linguística as formas linguísticas em competição, em coocorrência no mesmo ambiente linguístico com o mesmo valor referencial, ou o mesmo valor de verdade. A variação existente em uma língua não deve ser estudada apenas nos ambientes estruturais linguísticos, mas também nos ambientes sociais, levando em consideração a individualidade de seus falantes e/de suas comunidades de fala em seus demasiados usos da língua. Isso se trata da teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006; Labov, [1972] 2008), que busca investigar a língua para além do contexto estrutural de seu uso, levando em consideração aspectos sociais também.

A partir da noção de língua como um elemento composto de heterogeneidade ordenada, Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) apresentaram diversos princípios fundamentais da Teoria da Variação e Mudança Linguística, resumidas no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Princípios fundamentais da Teoria da Variação e Mudança Linguística

Resumo de alguns princípios fundamentais para as pesquisas sobre mudança linguística	
1	A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala.
2	A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. O domínio do falante nativo inclui o controle das estruturas heterogêneas da língua.
3	Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4	A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5	As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala.
6	A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo.
7	Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Fonte: Adaptado de Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) *apud* Oliveira (2021).

Com tudo isso, de acordo com a Sociolinguística, a língua possui uma função social e comunicativa, além disso, é um reflexo das diferenças sociais, pois, segundo Labov (1972a, 1983) os processos sociais acabam refletindo na estrutura linguística. Antes de seus estudos serem publicados e propagados, a língua era entendida como um conjunto de normas invariantes, que eram compartilhadas pelos indivíduos de uma mesma comunidade, entretanto, Labov obteve êxito ao conseguir provar que a variação sistemática na língua é fruto de processos sociais que estão fora dela.

### **2.2.1 Comunidade de Fala**

Um dos princípios fundamentais da teoria da Variação e Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) é que o seio da pesquisa linguística é a comunidade de fala, não o indivíduo. Dentro da pesquisa sociolinguística, estuda-se a língua em seu uso nas diferentes situações comunicativas, levando em consideração o contexto social de produção.

Portanto, o que interessa aos estudiosos não é o indivíduo, mas sim o grupo social em que está inserido, ou seja, a sociolinguística se preocupa no geral com o contexto de produção da comunidade de fala, e não do indivíduo. A partir disto, a investigação sobre a variação e mudança linguística dentro de uma comunidade de fala deve ser considerada nesta proposta. Porque é comum que uma mesma comunidade tenha formas diferentes de dizer “a mesma coisa”. E na Sociolinguística, seu conceito é empregado de maneiras diferentes, e as vezes, de maneira errada.

Depreende-se, de maneira inicial e simples, como comunidade de fala “um grupo de pessoas que interage por meio da fala” (Bloomfield, 1926, p. 42). Entretanto, Labov (1972) alega que a verdadeira comunidade de fala é a que compartilha normas e “atitudes” sociais de uma língua – ou de sua variedade. Ele afirma que,

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (Labov, 1972, p. 120-121, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Sob o viés laboviano, não existe nenhum falante ideal ou uma comunidade de fala homogênea (assim como a língua), partindo do princípio de que os sistemas da língua são heterogêneos e, desta maneira, a variação faz parte da natureza linguística destes grupos. Com isso, Mattos (2012, p. 30) confirma o que Labov disse anteriormente de que não há nenhuma comunidade de fala homogênea, pois “[...] quanto maior for a extensão territorial ou quanto mais acentuadas as divisões sociais, maiores são as possibilidades de dialetação [...]”, melhor dizendo, existem inúmeros fenômenos linguísticos coexistindo dentro das mesmas variedades linguísticas associadas aos estratos sociais e/ou territórios, e que isso é muito comum. Portanto, para a Sociolinguística, Variacionista, é dentro dessas comunidades de fala que a variação e mudança linguística ocorrem.

Destarte, na ótica clássica de Labov, essas comunidades de fala não são caracterizadas exclusivamente por seus usos linguísticos partilhados entre seus falantes, mas sim como atitudes semelhantes face aos fatos linguísticos, para que de certa forma, haja uma

---

<sup>5</sup> “The speech Community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage (Labov, 1972, p. 120-121)”;

tentativa de sistematizar os fenômenos em variação dentro das comunidades linguísticas. Muitos autores trazem contribuições para a definição de comunidade de fala.

Bagno (2017), por exemplo, interpreta e pressupõe que a comunidade de fala, outrora chamada de comunidade linguística pelo próprio, que inclui os indivíduos que estão em contato uns com os outros de maneira direta e cotidiana através da língua, desde a utilização de uma língua comum ou pelo compartilhamento dos modos de compreender o comportamento linguístico de diferentes línguas no mesmo ambiente. Isto é, o seu conceito não está cativo às origens geográficas do indivíduo, mas a maneira em que a língua é interpretada por seus praticantes.

Calvet (2002) traz em sua definição de comunidade de fala a proposição de outros autores; passando por Ferguson (1959), Martinet (1964), Bloomfield (1970) e Labov (1976) ao endossar a ideia de que em todos os casos citados destes autores, o grupo é definido a partir da língua. Com isso, há a necessidade de se pensar para além da língua e buscar outras fontes de embasamento, como a realidade social, para que se ateste seu propósito, tendo em vista que nessas comunidades há códigos, grupos sociais, falantes, variedades desses códigos, e conseqüentemente, suas relações nos contextos de comunicação. Cabe ao estudioso da língua pesquisar sobre esses elementos, como também sobre suas relações.

Também segundo Guy (2001, p. 33), partindo das premissas labovianas, no qual entende como comunidade de fala um grupo que “compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outros; se comunicam relativamente mais entre eles do que com outros, compartilham normas e atitudes frente ao uso da linguagem.”

Para além do conceito visto até agora, comunidade de fala, é importante conhecermos outros conceitos ligados ao “meio” dos fenômenos estudados dentro da Sociolinguística. Referimo-nos às *redes sociais* e *comunidades de prática*. Partindo da perspectiva das redes sociais, vale lembrar que não estamos falando necessariamente dos meios de comunicação através de *sites* e aplicativos vinculados diretamente à *internet*. São relações estabelecidas entre indivíduos no contato cotidiano. Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 68), essas relações baseiam-se em “[...] captar a dinâmica dos comportamentos interacionais dos falantes e possibilitar o estudo de pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes, populações rurais, etc.” Já a comunidade de prática “diz respeito a práticas sociais compartilhadas por indivíduos que se reúnem regularmente em torno de uma meta comum, e envolvem desde crenças e valores até formas de realizar certas atividades e de falar” (Coelho

*et al.*, 2018, p. 69), a saber, culto da igreja, comunidade de fãs de dorama, reunião de povoados ribeirinhos, colegas de profissão, etc.

### 2.2.2 *Paradoxo do Observador*

Outra premissa sociolinguística que se faz necessário mencionar, e conseqüentemente se superar, é o *paradoxo do observador*, tendo em vista que pode comprometer o resultado da pesquisa. Labov (2008 [1972], p. 244) declara que “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas.” Para que haja a superação desta situação, o autor sugere algumas alternativas que tem a finalidade de tirar a atenção do falante sobre a situação de comunicação, e que aflore o estilo de fala que mais se aproxime do seu vernáculo. Uma das estratégias é focar em perguntas de cunho pessoal, e uma das temáticas que mais trouxeram resultados foi o de falar sobre “risco de vida”. Segundo o pesquisador, o informante se envolve com sua narrativa e acaba “esquecendo” que está sendo gravado e baixa o seu monitoramento pessoal, se aproximando do seu estilo vernacular.

De acordo com Figueroa (1994), a variação não podia ser explicada por conta somente das regras categóricas dos gerativistas, além disso, a sistematicidade da variação não poderia ser capturada pelas regras opcionais. Diante do exposto, Labov foi levado a propor regras que poderiam ser, mais ou menos, empregadas no que diz respeito ao ambiente linguístico e/ou contexto social. A estudiosa também deixa claro que o pai da Sociolinguística Variacionista forneceu os meios necessários para que pudéssemos ampliar a visão de competência comunicativa do falante. Resumidamente é,

A regra variável não é uma demonstração do que as pessoas sabem. Também não é uma demonstração do que as pessoas realmente fazem, pois é assim captada a partir do comportamento individual real, mas é, possivelmente, uma exposição do que as pessoas tendem a fazer se seguirem certos princípios de estrutura linguística e certos princípios de comportamento social prescrito (Figueroa, 1994, p. 104-105, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Concordamos com Labov (2008) ao afirmar que é necessário saber da história e formação da comunidade a ser investigada para que haja eficácia nos estudos sociolinguísticos. Levando em consideração que a história, assim como outros fatores extralinguísticos, é

---

<sup>6</sup> “The variable rule is not a demonstration of what people know. It is also not a demonstration of what people actually do, as it is thus captured from actual individual behavior, but it is, possibly, an exposition of what people tend to do if they follow certain principles of linguistic structure and certain principles of social behavior prescribed (Figueroa, 1994, p. 104-105)”;

compreendida como a vida social do sujeito, que assim como a língua, se transforma e está suscetível a influências externas.

É importante que saibamos que, ao compreender a história de uma determinada sociedade, também será possível compreender a formação de seu grupo, resultante também na sua maneira de falar. “Além dos condicionamentos entrecruzados de classe social e casta, as comunidades frequentemente desenvolvem categorias mais concretas para situar os indivíduos” (Labov, 2008, p.342).

E já de olho nas próximas seções, iremos apresentar alguns estudos que rodeiam o pressuposto. Analisaremos estudos sobre a fonética e fonologia, principalmente dos estudos voltados ao português falado no Brasil, e sobre os estudos variacionistas do nosso fenômeno pesquisado.

### **2.3 Conceitos basilares de Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa**

Esta parte do projeto é dedicada à apresentação das vertentes e concepções teóricas que conduzirão e fornecerão aparatos teórico-metodológicos para os procedimentos necessários para a análise do fenômeno da monotongação sob a luz da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, discorreremos sobre os conceitos de ditongo, ditongação, monotongo e monotongação.

De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), no Português Brasileiro (PB), constata-se a existência de dois ou três segmentos vocálicos, do qual chamamos, respectivamente, de ditongo e tritongo, que são formados, geralmente, pelas vogais altas anterior [i] e posterior [u].

Os ditongos formam-se com duas possibilidades de sequência em uma mesma sílaba: *vogal + semivogal* ou *semivogal + vogal*, à qual chamamos de ditongo.

#### **2.3.1 Conceito de ditongo e ditongação**

Os ditongos são constituídos de dois fragmentos vocálicos que ocorrem na mesma sílaba, no qual um é entendido como vogal, exercendo o núcleo da sílaba, e o outro é o *glide*, que embora denote características de uma vogal, não pode ser classificado como uma vogal por não estar no núcleo da sílaba. Dentro da literatura, encontramos outras nomenclaturas para o *glide*, como: semivogal, vogal assilábica, semicontoide ou semivocoide. A ocorrência do *glide* no PB se dá, geralmente, pelas vogais altas /i/ e /u/.

Com isso, há duas possibilidades de sequência em uma mesma sílaba: semivogal + vogal (/farmácia/ - [fɐɾ.'ma.sjə]) ou vogal + semivogal (/leite/ - ['lej.tʃi]). Essas sequências podem ser classificadas em dois tipos: crescentes e decrescentes.

As sequências compostas, respectivamente, por vogal e semivogal, são nomeadas de ditongos decrescentes, pois são inseparáveis e finalizam com a vogal menos propensa à tonicidade. Adotamos como exemplo a palavra /teu/, que, segundo esses parâmetros, apresenta encontro vocálico pertencente a uma única sílaba [tew], assim portanto inseparável. Já às sequências formadas por semivogal e vogal, respectivamente, chamamos de ditongos crescentes, tendo em vista que finalizam com a vogal mais propensa à tonicidade, e mesmo assim existe a possibilidade de esses dois fragmentos fazerem parte de sílabas distintas. Exemplificando, temos a palavra /Márcia/, que pode ser transcrita de duas formas: a) ['mah-sjə] pronunciadas em uma mesma sílaba através da sequência semivogal + vogal (ditongo crescente); ou b) ['mah.si.ə] representados cada um em sílabas diferentes (hiato), em que percebemos a presença de duas vogais em sua transcrição.

Por meio do quadro 2 a seguir, poderemos compreender o que foi dito, observando com a lista de ditongos do PB, divididos em crescentes e decrescentes, subdivididos entre orais e nasais, com exemplos de cada um deles.

Quadro 2 – Ditongos do PB divididos em crescentes e decrescentes

Decrescentes		Crescentes	
Orais	Nasais	Orais	Nasais
[aj] <i>gaita</i>	[ɛw] <i>mão</i>	[ja] <i>farmácia</i>	[wɛ] <i>quando</i>
[ej] <i>leite</i>	[ɛj] <i>mãe</i>	[je] <i>série</i>	[wi] <i>pinguim</i>
[ɛj] <i>ideia</i>	[ɛy] <i>tem</i>	[jɔ] <i>biópsia</i>	
[oj] <i>oito</i>	[õj] <i>põe</i>	[jo] <i>biologia</i>	
[ɔj] <i>jóia</i>	[ũj] <i>muito</i>	[wa] <i>quase</i>	
[uj] <i>circuito</i>		[we] <i>tênue</i>	
[aw] <i>aula</i>			
[ew] <i>deu</i>			
[ɛw] <i>papel</i>			
[iw] <i>abriu</i>			
[ow] <i>roubo</i>			
[uw] <i>sul</i>			
[ɔw] <i>lençol</i>			

Fonte: Levantamento dos ditongos crescentes e decrescentes orais e nasais do PB com respectivos exemplos. (Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2011, p. 43).

Embora a noção de ditongo seja familiar, tendo em vista que temos contato com esse conceito desde o ensino fundamental, Cagliari (2007, p. 66) alega que quando aplicada à descrição linguística, gera alguns conflitos entre os estudiosos, uma vez que a “[...] noção de ditongo tem sido definida basicamente de dois modos, um com base na noção de silabidade e outro com base na noção de movimentos articulatórios, associados a uma mudança de qualidade vocálica<sup>7</sup>.” O pesquisador acrescenta a informação de como distinguir o ditongo de um hiato, a saber:

Uma outra diferença entre um ditongo e uma sequência de vogais, além do fato de ocorrer uma fronteira silábica entre as duas vogais, reside no fato de o ditongo ter uma articulação muito específica e própria, diferente da articulação de duas vogais, uma após a outra.

O ditongo se realiza por um movimento contínuo da língua, indo de uma posição articulatória própria de uma vogal à posição articulatória própria de uma outra vogal, produzindo auditivamente um som vocálico de qualidade em constante mudança (Cagliari, 2007, p. 69).

Aragão (2000) levanta a seguinte discussão ao conceituar essa terminologia e explicar os conceitos de ditongo e ditongação. Vejamos:

Essa classificação de ditongos, em crescentes e decrescentes tem gerado muitas discussões e alguns estudiosos chegam a dizer que a língua portuguesa não tem ditongos crescentes, mas apenas decrescentes, como Câmara Jr. (1979:54) ao dizer que os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato (su-as) /suas/ (Aragão, 2000, p. 110).

Ainda, segundo as palavras de Aragão (2000), o ditongo

(...) é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala. A partir disso, está à mercê das variações de todos os tipos, das puramente linguísticas, ligadas ao contexto fonético imediato, anterior ou posterior, à velocidade de elocução, ou tamanho da palavra, por exemplo, às sociolinguísticas, especialmente ao nível ou registro de fala (Aragão, 2000, p. 112).

Os estudiosos Xavier e Mateus (1992) mostram que a ditongação é a:

Transformação de uma vogal em ditongo: um segmento vocálico desdobra-se em dois segmentos, isto é, produz-se um processo de diferenciação tímbrica (ou ditongação) no interior de uma semivogal em posição pré ou pós vocálica (Xavier; Mateus, 1992, p. 123).

Weiss (1980, p. 82) diz que o ditongo “[...] é uma sequência de dois vocóides numa sílaba (de timbres diferentes, mas de mesma sonoridade) pronunciados de uma só vez, sendo um deles mais proeminente.”

---

<sup>7</sup> Qualidade vocálica é a característica das vogais que as tornam diferentes umas das outras;

Já para Lima (2014, p. 57), em sua *Gramática Normativa*, o autor fala que o ditongo “é a unidade fônica, formada de vogal, acompanhada de *i* ou *u* em função consonantal. Por outras palavras, o encontro da vogal e semivogal, ou vice-versa.”

E ao lidar com ocorrências de ditongação dentro da língua portuguesa moderna, Câmara Jr. (1997) afirma que:

No português moderno deve-se a ditongação em dois casos: 1. vogal tônica em hiato, quando a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicando na grafia moderna (ideia, veia); b) média posterior fechada com o desenvolvimento de um ditongo /ôw/ não identificado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação do ditongo /ôw/ - boa - bôwa. 2. Dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos de pospositiva /y/, pás, és, fez, sóis, flux, cãs, pronunciadas /pays, feys, sóys, fluys. Dá-se então a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção, no caso 2, por exemplo - pás e pais; sóis e sóis, flux e fluís, cãs e cãs (Câmara Jr., 1997, p. 100).

Ao fazer uma junção destas informações, podemos compila-las e chegarmos ao consenso de que a ditongação é a ocorrência da sequência de segmentos vocálicos na mesma sílaba, e de maneira mais profunda, podendo ocorrer na forma crescente de semivogal + vogal, ou decrescente na forma de vogal + semivogal. A saber, existe a possibilidade de alguns ditongos serem reduzidos a uma vogal, no qual o glide de sua sílaba não se manifesta, como nas palavras /baixa/, /feixe/ e /frouxo/, que se manifestam como /baxa/, /fexe/ e /frox/, respectivamente. Esse fenômeno fonológico, da supressão da semivogal da sílaba, chamamos de monotongação.

### **2.3.2 Conceito de monotongo e monotongação**

A saber, o termo *monotongo* não é utilizado com muita frequência, salvo em trabalhos que se valem da monotongação. Os autores fazem referência a este termo quando estão falando de monotongação e/ou ditongação, para apresentarem o processo de redução do ditongo, que perde a sua semivogal e passa a somente uma vogal simples.

A monotongação vai em direção contrária à ditongação. Nesse último processo, há a redução do ditongo, que passa a ser produzido como uma única vogal. Diante da assertiva, Silva (2005) explicita que não é livre a redução destes ditongos a monotongos, e que esse processo se dá em contextos específicos e em classes gramaticais diferentes. Portanto, há monotongação com frequência nos ditongos [aj], [ej] e [ow], no qual os dois primeiros possuem os seguintes contextos favoráveis quando estão diante de consoante fricativa alveopalatal surda [ʃ], consoante fricativa alveopalatal sonora [ʒ] e do tepe [r], como nas

palavras *peixe~pexe* [ˈpejʃi~ˈpeʃi], *queijo~quejo* [ˈkejʒu~ˈkeʒu] e *freira~frera* [ˈfrejɾɐ~ˈfrɛɾɐ], já o ditongo [ow] tende a monotongar-se, quase sempre, em qualquer situação de uso (Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2011). Iremos ver na tabela 1 a transcrição de palavras que se encaixam com a explicação dada anteriormente:

Tabela 1 – Exemplos de ambientes de ocorrência e não-ocorrência de monotongação de ditongos decrescentes do PB

baixa	[ˈbaɨʃɐ][ˈbaʃɐ]
encaixe	[ẽˈkaɨʃɪ][ẽˈkaʃɪ]
sai	[ˈsaɨ]
peixe	[ˈpejʃɪ][ˈpeʃɪ]
roteiro	[xoˈtejɾu][xoˈteɾu]
pensei	[pẽˈsej]
solto	[ˈsowtu]
gol	[ˈgow]
manteiga	[mẽˈtejgɐ][mẽˈtegɐ]
leiga	[ˈlejgɐ]
vou	[ˈvow][ˈvo]
ouviu	[owˈviu][oˈviu]
ouro	[ˈowɾu][ˈoɾu]
traição	[trajˈsẽw]
queijo	[ˈkejʒu][ˈkeʒu]
freira	[ˈfrejɾɐ][ˈfrɛɾɐ]
depois	[deˈpojʃ][deˈpoʃ]
meiga	[ˈmejgɐ]

Fonte: Exemplos de ambientes de ocorrência e não-ocorrência de monotongação de ditongos decrescentes do PB. (Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2011, p. 44).

De acordo com Trask (1996, p. 226), “a monotongação é qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo”. Também é importante trazer à discussão o que Câmara Jr. (1997) diz sobre monotongação:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiente (p)ouca, (b)oca, (c)aixa, como acha, (d)eixa, como fecha (Câmara Jr., 1997, p. 170).

O PB possui inúmeros ditongos, que chega a ser impossível abarcá-los em uma mesma pesquisa. Os ditongos escolhidos para dar vida a esse trabalho são os ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] que ocorrem no PB, e que, por sua vez, costumam variar com seus respectivos monotongos [a], [e] e [o]. Percebendo-se que se trata de um trabalho do nível fonético-fonológico, os dados do *corpus* serão transcritos em consonância com o Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet*), e desta maneira, serão padronizados em sua transcrição, como já utilizado no trabalho e, provavelmente, já percebido. Vejamos no quadro 3 a seguir a sua organização:

Quadro 3 – Organização da Padronização de Transcrição

SÍMBOLO	TRANSCRIÇÃO
[ ]	Indicação de transcrição de nível fonético, assim dizendo, da forma como o som é produzido, efetivamente.
/ /	Indicação de transcrição de nível fonológico, em outros termos, que o que estará entre barras representará fonemas.
‘ ’ e/ou <i>itálico</i>	Indicação de menção, da forma ortográfica da palavra, ou até mesmo da forma grafemática.
< >	Indicação de manutenção ou monotongação nos vocábulos em que ocorrem ditongação.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Foneticamente, as transcrições dos *glides* podem ser [ɪ] e [j] para semivogal alta anterior, e utiliza-se [u] e [w] para semivogal posterior. Fonologicamente, as transcrições desses mesmos segmentos podem ser /i/ e /u/ como vogais altas e /j/ e /w/ como aproximantes, respectivamente. Também há registros de vogal alta anterior com [y] e /y/. Essas diferenças de registro na hora de transcrever sinalizam as diversas análises que foram feitas, e que ainda serão, dos segmentos vocálicos que formam os ditongos, e possivelmente, os monotongos. Todas essas leituras dos *glides* são possíveis no PB.

O foco desta pesquisa não é a atuação do *glide* na estruturação silábica, mas sim a variação, manutenção ou monotongação, dos ditongos orais decrescente [aj], [ej] e [ow] na oralidade dos indivíduos da CRQ Conceição dos Caetanos, do município de Tururu/CE, sob a ótica da Sociolinguista Variacionista. Destarte, a maioria das menções ao *glide* nos trabalhos variacionistas são [j] e [w], decidimos empregá-las também neste trabalho.

## 2.4 Estudos Variacionistas sobre a Monotongação no Brasil

No Brasil, existem diversos registros de pesquisas variacionistas voltas ao fenômeno da monotongação que confirmam a tendência dos ditongos orais decrescente [aj], [ej] e [ow] a serem reduzidos na oralidade, havendo variação da manutenção ou monotongação desses ditongos, como em ‘paixão’~‘paxão’, ‘torneira’~‘tornera’, e ‘cenoura’~‘cenora’. Percebe-se que, dependendo do ditongo e do contexto, em algumas regiões do país, o uso da variável monotongada chega a ser maior do que a sua forma ditongada, e que em alguns casos mais específicos, como o ditongo /ow/, é quase categórico o uso da forma monotongada na oralidade de alguns lugares do país.

De todos os trabalhos feitos no Brasil que foram pesquisados para ajudarem a compor esta pesquisa, focalizam-se os seguintes estudos, organizados por região, nome do(s) autor(es), ano de publicação, título e tipo de trabalho, no Quadro 4.

Quadro 4 – Estudos variacionistas da monotongação no Brasil

ESTUDOS VARIACIONISTAS DA MONOTONGAÇÃO NO BRASIL	
<b>REGIÃO NORTE</b>	
<b>Lopes (2002)</b>	A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA
	Dissertação
<b>Santos e Chaves (2010)</b>	O processo da monotongação nos falares de Plácido Castro (AC)
	Artigo
<b>Oliveira (2021)</b>	A monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara
	Dissertação
<b>REGIÃO NORDESTE</b>	
<b>Araújo (2000)</b>	A monotongação na norma culta de Fortaleza
	Dissertação
<b>Carvalho (2007)</b>	Estudo variável do apagamento dos ditongos orais decrescentes orais na fala de Recife
	Dissertação
<b>Lima (2014)</b>	Comunidade Quilombola <i>Caiana dos Criolos</i> : um estudo variacionista
	Tese
<b>Cysne (2016)</b>	A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza
	Dissertação
<b>Souza (2020)</b>	A monotongação do ditongo [ej] na fala pessoense

	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>REGIÃO CENTRO-OESTE</b>	
<b>Karim (2012)</b>	A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais
	Tese
<b>Silva (2024)</b>	O fenômeno da monotongação no português falado da comunidade Kalunga Vão de Almas - GO
	Dissertação
<b>REGIÃO SUDESTE</b>	
<b>Veado (1983)</b>	Redução de ditongo: uma variável sociolinguística
	Artigo
<b>Paiva (1996)</b>	Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes
	Artigo
<b>Silva (1997)</b>	A monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses
	Artigo
<b>Freitas (2017)</b>	Estudo da monotongação de ditongos orais decrescentes na fala uberabense
	Dissertação
<b>REGIÃO SUL</b>	
<b>Meneghini (1983)</b>	O fenômeno da monotongação em Ibaçá
	Dissertação
<b>Ribeiro (1990)</b>	O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná
	Dissertação
<b>Bisol (1994)</b>	Ditongos derivados
	Artigo
<b>Coelho e Naumann (1994)</b>	A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey]/monotongação
	Artigo
<b>Cabreira (1996)</b>	A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre
	Dissertação
<b>Pereira (2004)</b>	Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no Português Falado em Tubarão (SC)
	Dissertação
<b>Toledo (2011)</b>	A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre
	Dissertação

<b>Haupt (2015)</b>	Uso variado de [aɪ] e [a] na fala florianopolitana – uma análise a partir da fonologia de uso
	Artigo

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Iremos apresentar uma breve descrição dessas pesquisas, seguindo a ordem de regiões apresentadas e suas publicações cronológicas, dando ênfase aos seus resultados mais importantes.

### **2.4.1 Região Norte**

Lopes (2002) investigou a realização dos ditongos [ej] e [ow] no português falado em Altamira, no Pará, utilizando dados do Projeto ALIPA, com 40 informantes estratificados por idade, sexo, escolaridade e renda. A amostra revelou que, dos 1.456 casos de /ej/, 54% apresentaram redução para /e/. Foram analisadas variáveis linguísticas, como a classe morfológica, a posição do ditongo, tonicidade, contexto fonético e o tipo de vocábulo, além de variáveis sociais como sexo, idade, escolaridade e renda.

Os resultados mostraram que os fatores mais relevantes para a monotongação de [ej] foram o contexto fonético (com redução diante de tepe e favorecimento em fricativas palato-alveolares), a localização do ditongo (principalmente no radical da palavra), a origem do vocábulo (palavras de uso comum) e a escolaridade (menos escolarizados). Esses fatores indicam uma associação entre a monotongação de [ej] e contextos fonéticos específicos, assim como com falantes de menor escolaridade.

Santos e Chaves (2010) investigaram a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ na zona urbana de Plácido Castro, no Acre, com 33 informantes estratificados por sexo, faixa etária (20 a 45 anos e 46 a 74 anos) e escolaridade (fundamental, médio e superior). A pesquisa gerou 1.501 produções, das quais 519 se referiam ao ditongo /ey/, com 55% das ocorrências apresentando a monotongação (redução para [e]) e 45% mantendo o ditongo.

A análise revelou que fatores linguísticos, como o tepe (vibrante alveolar simples) que segue o ditongo, foram os principais responsáveis pela redução do ditongo /ey/. Palavras polissílabas e a tonicidade da sílaba também influenciaram o fenômeno, mas com menor impacto. Em relação às variáveis sociais, sexo, faixa etária e escolaridade não mostraram influência significativa na ocorrência da monotongação. Assim, a pesquisa conclui que o fenômeno é predominantemente condicionado por fatores linguísticos internos, como o tipo de

consoante seguinte e o número de sílabas da palavra, com os fatores sociais sendo irrelevantes.

Oliveira (2021) investigou a monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ na fala de Manaus, com dados coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas, questionários fonético-fonológicos e leitura de textos, envolvendo 16 informantes da zona urbana. As variáveis linguísticas analisadas incluíram o contexto seguinte ao ditongo, tonicidade da sílaba, posição do ditongo na palavra e classe gramatical, enquanto as variáveis extralinguísticas englobaram sexo, faixa etária, escolaridade, localização de moradia e tipo de coleta. A pesquisa gerou 4.936 dados, dos quais 3.898 foram válidos.

Os resultados mostraram que a monotongação foi mais frequente no ditongo /ow/ (65,4% das ocorrências com [o]), seguida por /ej/ (50,5% com [e]), enquanto /aj/ teve a menor incidência de monotongação (18,3%), preferindo a forma [aj] (81,7%). A pesquisa conclui que a monotongação é um fenômeno variável na fala manauara, com diferentes frequências para cada ditongo investigado.

#### **2.4.2 Região Nordeste**

Araújo (2000) analisou a monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] usando dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), com 74 informantes entrevistados entre 1993 e 1995. Para o ditongo [ej], de 2.181 ocorrências, 1.476 (68%) apresentaram monotongação. A pesquisa considerou variáveis linguísticas, como contexto fonético anterior e posterior, dimensão da palavra, tonicidade da sílaba e natureza morfológica do ditongo, além de variáveis extralinguísticas como sexo, faixa etária e tipo de registro.

Os fatores mais relevantes para a monotongação do [ej] foram: o contexto fonético posterior (como fricativa palatal e tepe), a natureza morfológica do ditongo, a tonicidade da sílaba (mais frequente nas sílabas tônicas), a dimensão da palavra (mais comum em dissílabos e polissílabos), o tipo de registro (mais frequente em contextos informais, como DID e D2), e o sexo (homens). Esses fatores indicam que a monotongação ocorre mais em contextos informais e em falantes masculinos.

Carvalho (2007) investigou o apagamento do glide /j/ nos ditongos decrescentes orais, incluindo /ej/, na comunidade de fala do Recife, com 48 informantes de diferentes bairros, níveis de escolaridade e faixas etárias. O corpus da pesquisa totalizou 1.135 ocorrências, sendo 659 com o glide /j/. Foram analisadas variáveis linguísticas como a posição do ditongo,

tonicidade da sílaba e os contextos fonológicos anterior e posterior, com destaque para o contexto precedente, especialmente a vogal anterior ao ditongo. Consoantes como o tepe e as palatais favoreceram o apagamento do glide.

Em relação às variáveis sociais, a pesquisa concluiu que sexo, idade, escolaridade e local de moradia não influenciaram significativamente o apagamento do glide /j/. O estudo apontou que o fenômeno é predominantemente condicionado por fatores linguísticos, como o contexto fonológico e a presença de consoantes específicas, com a supressão do glide sendo quase categórica quando seguido por consoantes palatais ou tepe. Assim, o apagamento do glide /j/ no Recife é um fenômeno estrutural da língua, não influenciado por fatores sociais.

De acordo com Lima (2014), suas pesquisas focaram nas comunidades quilombolas, destacando-as como um valioso patrimônio cultural e fonte essencial para entender a formação do povo brasileiro. A autora dedicou-se a estudar a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande, na Paraíba, analisando características fonéticas, morfológicas, sintáticas e léxico-semânticas influenciadas pelo contato com línguas africanas. Utilizando uma metodologia baseada em pesquisa de campo e princípios da Sociolinguística, Dialetoologia e Etnolinguística, Lima elaborou um glossário com termos relevantes para compreender o contexto sociocultural da comunidade. Os dados obtidos podem contribuir para um entendimento mais profundo da variação popular da língua portuguesa no Brasil.

No estudo, Lima observou que 82% das ocorrências de monotongação do ditongo [ei] ocorreram antes do tepe alveolar, como em *capoeira* → [kapu'era], e 10% antes da fricativa alveopalatal sonora [ʒ], como em *feijão* → [fe'zãu]. Além disso, a supressão da semivogal /w/ no ditongo /ou/ foi registrada em 61% dos casos, como em *doutor* → [do'to], e 11% das supressões ocorreram antes da oclusiva velar surda /k/, como em *pouco* → ['poku]. A pesquisa também registrou monotongações do ditongo /ou/ antes da lateral alveolar /l/ (9%), em flexões verbais de 3ª pessoa do singular (8%), antes da bilabial oclusiva surda /p/ (7%) e do tepe /R/ (4%). Além disso, foi observada a supressão das semivogais nos ditongos ai, ia, ua e au, com resultados variando de 38% a 8% dependendo do contexto fonológico.

Cysne (2016) contribui para a descrição do português atual ao analisar a realização variável do ditongo oral decrescente /ej/ na fala popular de Fortaleza, exemplificando casos como *peixe* ~ *pexe*. O objetivo da pesquisa foi investigar como ocorre a monotongação desse

ditongo na norma popular da cidade de Fortaleza, no Ceará. Para isso, foi utilizada uma amostra de 54 informantes, extraída do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) (Araújo, 2011). O estudo se baseou no registro "Diálogo entre Informante e Documentador" (DID) e não considerou os outros tipos de registro disponíveis. Dos 1491 dados analisados, 1020 (68%) favoreceram a monotongação de /ej/, enquanto 471 (32%) mantiveram o ditongo intacto.

A análise estatística incluiu nove fatores: seis linguísticos (contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, natureza morfológica e classe de palavras) e três sociais (sexo, escolaridade e faixa etária). E na última rodada de análise, a quarta, os fatores linguísticos mais favoráveis à monotongação foram: classe de palavras (nomes), extensão do vocábulo (dissílabas), tonicidade (tônica) e a variável social escolaridade (0-4 anos). Uma quinta rodada de análise foi realizada com os informantes de menor escolaridade, e os resultados mostraram que, embora a ordem dos fatores tenha mudado, os mesmos fatores linguísticos continuaram a influenciar a monotongação. Nesse grupo, a ordem foi: tonicidade (tônica), extensão do vocábulo (dissílabas) e classe de palavras (nomes). A análise final indicou que o fenômeno da monotongação de /ej/ está fortemente relacionado ao uso de substantivos e adjetivos dissílabos tônicos na fala de informantes com baixa escolarização.

A pesquisa de Souza (2020) analisou a frequência da monotongação do ditongo [ej] na fala dos homens de João Pessoa, considerando as variáveis extralinguísticas (faixa etária, escolaridade e assunto da entrevista) e linguísticas (contexto fonológico seguinte, natureza morfológica, número de sílabas, tonicidade e classe gramatical) que influenciam ou restringem a ocorrência desse fenômeno. A amostra foi composta por 12 informantes do sexo masculino, entrevistados em 2018 no âmbito do Projeto VALPB. Os resultados esperados indicavam que o contexto fonológico seguinte e a tonicidade da sílaba seriam fatores determinantes para a ocorrência da monotongação.

Os resultados da pesquisa revelaram que a monotongação é um fenômeno linguístico do qual o falante geralmente não tem consciência, e que variáveis extralinguísticas, como faixa etária e escolaridade, não apresentaram significância para sua ocorrência. A análise mostrou que a faixa etária e o sexo não foram fatores relevantes, confirmando que o fenômeno é motivado principalmente por variáveis linguísticas. A monotongação, portanto, parece ser uma variação estável na língua, sem sinais de mudança em andamento, já que não foram

encontradas diferenças significativas entre as faixas etárias e os dois corpora analisados (de 1994 e de 2018). Quanto ao assunto da entrevista, os dados indicaram que a monotongação não foi condicionada por contextos estilísticos, ocorrendo com alta frequência em todos os tópicos abordados. A pesquisa conclui que a coleta de dados em diversos contextos sociais é essencial para aprofundar a compreensão da variação e do significado social desse fenômeno.

### **2.4.3 Região Centro-Oeste**

No estudo de Karim (2012), foram analisados os usos e atitudes linguísticas da comunidade de São Lourenço, localizada na periferia de Cáceres-MT, composta quase que exclusivamente por falantes nativos. O trabalho descreveu características linguísticas e culturais locais, evidenciando variantes nos níveis fonológico, morfossintático e lexical que marcam o falar da comunidade. Entre as peculiaridades observadas, destacaram-se o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal, a realização das africadas TZ e DZ em lugar das fricativas T e Z, e a alternância do ditongo [ãw] com [õ]. Essas variantes, exceto a alternância de ditongos, são comuns em variedades do português popular tanto no Brasil quanto em Portugal, enquanto o fenômeno específico registrado em São Lourenço e na região norte de Portugal é singular para a localidade.

O estudo de Silva (2024) investiga a ocorrência da monotongação no Português falado na Comunidade Kalunga Vão de Almas (GO), com foco na análise acústica de palavras contendo ditongos decrescentes. A pesquisa explora como a duração e a frequência desses ditongos influenciam o fenômeno da monotongação, descrevendo os fatores linguísticos que contribuem para esse processo. Baseada nas teorias de Labov (1998), Cabreira (1996) e Haupt (2011), a pesquisa analisa a relação entre ditongos preservados e monotongados, com o apoio de gravações e transcrições fonéticas verificadas pelo Praat, envolvendo doze participantes de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade.

Os resultados da pesquisa indicam que a monotongação ocorre, principalmente, com o apagamento da semivogal nos ditongos [ai], [ej] e [ow], e essa tendência é independente do nível de escolaridade. A monotongação de [ej] foi a mais frequente, especialmente nas falas espontâneas e leituras de imagens. Fatores linguísticos, como a tonicidade das sílabas, influenciam a ocorrência do fenômeno, e variáveis sociais como gênero e faixa etária também estão relacionadas ao apagamento das semivogais [j] e [w]. A pesquisa conclui que a ampliação dos dados pode aprimorar a explicação desse fenômeno fonológico, enriquecendo a

compreensão das variações linguísticas na região.

#### **2.4.4 Região Sudeste**

O estudo de Veado (1983) investigou a redução do ditongo /ej/ na Região Metropolitana de Belo Horizonte, considerando três contextos de fala: coloquial, cuidada e leitura de texto. Na fala coloquial, observou-se uma alta frequência de monotongação, com apenas sete palavras sem a redução, indicando que a fala casual favorece a realização de [e] em quase todos os casos, sem a influência de fatores linguísticos ou sociais. A acentuação, a posição do ditongo na palavra e o segmento consonantal seguinte também influenciaram a alternância entre [ej] e [e], com a redução mais prevalente em ditongos tônicos, internos na palavra e seguidos por consoantes como o tepe alveolar.

Nos contextos de fala mais formais, como na leitura, a monotongação também foi frequente, demonstrando que a redução do ditongo /ej/ é uma característica estável e consistente do português da região. Os dados sugerem que a redução ocorre em quase todas as situações, especialmente nas palavras com ditongos tônicos e seguidos por determinadas consoantes, evidenciando que o fenômeno não está restrito a uma fala casual, mas é uma tendência constante do português falado em Belo Horizonte.

Paiva (1996) investigou a supressão da semivogal [y] no ditongo /ej/ no Rio de Janeiro, concluiu que esse fenômeno é quase uma norma em determinadas condições fonéticas. A pesquisa analisou 2.111 itens de ditongo em 44 entrevistas do "Projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro", excluindo contextos finais de palavras, onde a semivogal é preservada. A autora identificou que a supressão de [y] é um fenômeno sistêmico, com base principalmente no contexto fonético posterior, como a presença de consoantes velares e palatoalveolares, e na extensão e estrutura da palavra, sem influência relevante da tonicidade.

O flap alveolar e as consoantes fricativas foram os segmentos mais favorecedores da monotongação, enquanto palavras polissílabas, trissílabas e dissílabas também contribuíram para a supressão de [y]. A pesquisa destacou que, apesar de a supressão ocorrer mais frequentemente em sufixos como *-eiro*, a explicação para esse fenômeno está no contexto fonético (como o flap) e não na morfologia. As variáveis sociais mostraram pouca influência, o que reforça a ideia de que a redução do ditongo /ej/ é amplamente determinada por fatores fonéticos, e não por características socioculturais.

Silva (1997) analisou a monotongação dos ditongos /ej/ e /aj/ nos falares fluminenses, utilizando dados do Projeto Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro. A coleta foi feita por meio de questionários aplicados em diálogos, com informantes estratificados por sexo, escolaridade e faixa etária. A pesquisa controlou várias variáveis, como localidade de origem, tonicidade da sílaba, tamanho da palavra, posição do acento, e o contexto fonético do segmento seguinte ao ditongo. Para o ditongo /ej/, 67% das ocorrências apresentaram monotongação, com a redução da semivogal.

Os fatores mais relevantes para a monotongação foram o modo e ponto de articulação do segmento subsequente, com consoantes pré-palatais e labiais favorecendo a redução. Inicialmente, o tamanho da palavra e a acentuação pareciam influenciar, mas depois não se mostraram tão significativos. Além disso, a faixa etária, especialmente a dos informantes mais velhos (faixa C), também foi um fator relevante. A pesquisa evidenciou que a monotongação é fortemente condicionada por fatores fonéticos, particularmente pelo tipo de consoante que segue o ditongo.

O trabalho de Freitas (2017) tem como objetivo identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem a ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala dos moradores de Uberaba-MG. A monotongação é o processo em que o ditongo perde a semivogal e se transforma em uma vogal simples, como em “c[ay]xa” > “c[a]xa” (Hora; Ribeiro, 2006). Considerando as variações e mudanças na língua portuguesa ao longo do tempo, é fundamental realizar pesquisas na área de Variação Linguística para entender melhor esse fenômeno. Com isso, foi organizado um corpus de língua falada representativo da comunidade urbana de Uberaba, por meio de entrevistas baseadas no modelo laboviano, com 24 informantes de diferentes níveis de escolaridade e sexos.

Após a coleta, as entrevistas foram transcritas ortograficamente, e as ocorrências de palavras com ditongos decrescentes e suas respectivas monotongações foram transcritas foneticamente. As ocorrências foram analisadas quantitativamente usando o programa estatístico GOLDVARB X, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos. Os resultados indicaram que a forma monotongada dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ é preferida na fala de Uberaba, sendo condicionada principalmente por fatores linguísticos, como o contexto fonológico seguinte, a extensão da palavra e a tonicidade. No entanto, fatores extralinguísticos como sexo, idade e escolaridade exercem pouca ou nenhuma influência sobre a realização da monotongação no português mineiro da cidade.

### 2.4.5 Região Sul

Em Ibiacá-RS, Meneghini (1983 apud Toledo, 2011; Amaral, 2005) investigou todos os ditongos orais decrescentes do português, com o objetivo de identificar quais estavam sujeitos à perda da semivogal e quais variáveis linguísticas e sociais influenciariam seu uso. O autor descreveu a monotongação apenas de três ditongos, que se mostraram propensos ao apagamento da semivogal: [aj], [ej] e [ow]. A amostra foi composta por 115 informantes com nível de escolaridade fundamental completo ou incompleto, estratificada conforme a escolaridade, sexo, idade e zona (urbana ou rural) (Toledo, 2011). Foram controlados os fatores de contexto fonético posterior e tonicidade.

Foram analisados 9.233 dados (Amaral, 2005), e os fatores linguísticos que favoreceram a monotongação do ditongo /ej/ foram o tepe e a fricativa palatal no contexto fonológico seguinte. Quanto à tonicidade, somente a sílaba átona se mostrou um fator relevante para a aplicação da regra. Nenhuma variável social foi considerada significativa para o fenômeno em estudo.

Ribeiro (1990) investigou a supressão dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na fala do Sudoeste paranaense, com dados coletados de 22 informantes em cinco municípios. Foram analisados 6.902 itens, dos quais 2.338 apresentaram monotongação, com destaque para o ditongo /ej/ em monossílabos, onde a supressão foi categórica. A pesquisa questionou a relevância do fator "extensão da palavra", dado o grande número de polissílabos com flap, que demonstrou ser decisivo para a supressão da semivogal. A análise também observou que a extensão do vocábulo foi mais influenciada pelo contexto fonológico posterior à semivogal.

Em relação aos fatores fonológicos, a supressão do ditongo /y/ ocorreu com mais frequência quando precedido de /e/ (fenômeno de assimilação) e, no contexto posterior, o flap e as consoantes palato-alveolares foram as mais determinantes para o apagamento. A pesquisa concluiu que fatores sociais não tiveram impacto relevante sobre a supressão dos ditongos, destacando a influência de variáveis fonológicas no fenômeno.

Bisol (1994) investigou a realização do ditongo /ej/ na fala de sete informantes em Porto Alegre, controlando apenas o contexto fonológico seguinte. Os resultados indicaram que a supressão da semivogal /j/ ocorre principalmente em contextos com consoantes palatais, tepe, labiais, velares, alveolares e vogais. A autora concluiu que, nos contextos com consoantes palatais ou vibrantes simples, o ditongo tende a ser realizado como uma única vogal, formando

o que ela chamou de "falso ditongo", onde a variante sem glide é mais comum.

A pesquisa destaca que, em situações de contexto pré-consonântico com consoantes palatais ou vibrantes simples, a semivogal /j/ é quase totalmente suprimida. Embora a metodologia não forneça muitos detalhes sobre a coleta de dados ou a amostra, Bisol não buscou uma análise quantitativa rigorosa, mas usou os dados como indicativos para discutir a origem do glide nas consoantes palatais.

Coelho e Naumann (1994) investigaram a realização do ditongo [ej] nas capitais do Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), com base em 36 informantes do Projeto VARSUL. A amostra foi estratificada por localidade, idade e escolaridade. Os principais fatores linguísticos para a supressão da semivogal [y] foram a natureza do segmento seguinte, como /r/, flap e /s/, além da extensão da palavra, com maior ocorrência em trissílabos. Florianópolis foi identificada como uma região com maior incidência de monotongação.

Quanto às variáveis sociais, informantes com menos de 50 anos e com escolaridade mais baixa (ginásio e primário) favoreceram mais a monotongação, enquanto os mais velhos e os com escolaridade mais alta (colegial) usaram menos a variante monotongada. As autoras concluíram que a supressão de [y] é principalmente um processo fonético condicionado pela natureza do segmento seguinte.

Cabreira (1996) investigou a monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] nas capitais do Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), com uma amostra de 36 informantes do Projeto VARSUL. A pesquisa controlou variáveis como idade, escolaridade, sexo e localização geográfica. A análise revelou que a supressão da semivogal [j] nos ditongos [aj] e [ej] ocorre principalmente quando seguidos por uma fricativa palato-alveolar ou por um tepe, com uma taxa de monotongação de 32% nos dados coletados.

Os principais fatores que condicionam a monotongação foram a posição do elemento seguinte, a sonoridade do segmento subsequente, a escolaridade, o sexo e a localização geográfica. A análise indicou que a monotongação é mais comum entre falantes com escolaridade primária e do sexo feminino, especialmente em Florianópolis, que apresentou a maior incidência desse fenômeno em comparação com Porto Alegre e Curitiba.

Pereira (2004) investigou o apagamento dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na fala de habitantes de Tubarão, Santa Catarina, com dados de fala espontânea de 14 informantes. A

pesquisa revelou que, dos 1.220 dados coletados, 573 casos apresentaram a redução do ditongo /ej/, o que corresponde a 47% de ocorrência de monotongação. A análise considerou variáveis linguísticas como a classe de palavra, o tipo de vogal do ditongo e os contextos fonéticos anterior e posterior ao ditongo. O fator mais relevante para a monotongação foi o contexto fonético seguinte, especialmente quando o ditongo é seguido por consoantes palatais ou tepe.

As variáveis extralinguísticas, como sexo, faixa etária e escolaridade, não tiveram influência significativa sobre a monotongação. Pereira concluiu que a redução do ditongo /ej/ é principalmente condicionada por fatores linguísticos, com destaque para o contexto fonético seguinte, enquanto fatores sociais não desempenharam um papel determinante no fenômeno.

Toledo (2011) investigou a monotongação do ditongo [ej] na fala de Porto Alegre – RS, com base em uma amostra de 14 informantes de nível superior, estratificados por sexo e faixa etária. A pesquisa analisou 1791 dados coletados de 28 entrevistas realizadas ao longo de duas fases (década de 1970 e final dos anos 1990), dos quais 667 (37%) evidenciaram a monotongação. A pesquisa revelou que os principais fatores linguísticos favoráveis à monotongação foram o contexto fonológico seguinte, especialmente a presença do tepe (vibrante alveolar simples) e das fricativas palatais, além da natureza morfológica da palavra, com maior incidência em palavras de radical, e palavras não verbais, como substantivos e adjetivos.

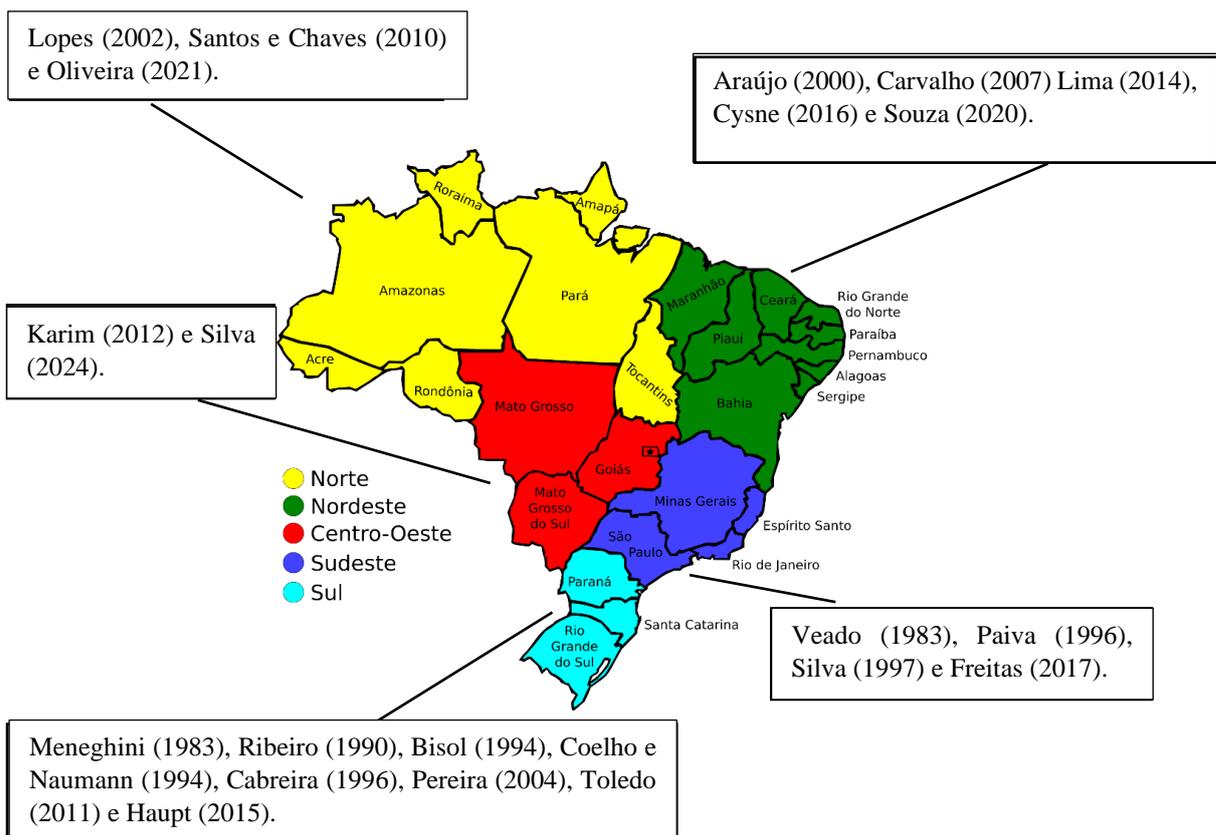
Toledo concluiu que a monotongação do [ej] em Porto Alegre é um fenômeno de variação estável, sem indícios de mudança linguística em andamento. O fenômeno não foi influenciado por fatores sociais como sexo e idade, sendo principalmente condicionado por fatores linguísticos. O estudo sugeriu que a monotongação não reflete uma mudança linguística, mas sim uma variação estável, dependente do contexto fonológico e da estrutura morfológica das palavras.

Neste trabalho, Haupt (2015) apresentou um estudo sobre a monotongação do ditongo [ai] em sílabas abertas e fechadas na fala dos florianopolitanos, com base nas entrevistas do banco de dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Utilizando a Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplos, foi realizada uma análise quantitativa das ocorrências de monotongação, visando verificar os efeitos da frequência de uso no fenômeno. A análise dos dados indicou que a monotongação é um fenômeno de variação, exceto em contextos de consoante seguinte palato-alveolar (em sílabas abertas), onde a monotongação

é quase categórica. Em sílabas fechadas, a palatalização da fricativa final influenciou o apagamento da semivogal. O fenômeno de variação não ocorre de forma abrupta e, por meio da análise acústica, observou-se a gradiência da monotongação. A semivogal deixa vestígios na duração do segmento resultante e na trajetória dos formantes, permitindo identificar diferentes configurações, como o alongamento da vogal de base ou a articulação incompleta de um segundo alvo (semivogal). Além disso, constatamos que, mesmo em ditongos, nem sempre é possível identificar dois alvos estáveis, o que sugere que a gradiência do fenômeno começa nos segmentos ainda percebidos como ditongos.

Vejamos a Figura 2 a seguir para ilustrar melhor a distribuição dos estudos linguísticos da monotongação aplicados (ou não) às comunidades afro-brasileiras.

Figura 2 – Distribuição de estudos linguísticos em comunidades afro-brasileiras e variacionistas no Brasil selecionados para esta pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor e adaptado do trabalho de Cysne (2016).

Poderíamos citar diversos trabalhos que muito contribuíram para os estudos do tema o qual nos propomos a pesquisar. Entretanto, pela limitação do espaço, iremos retomar aquelas pesquisas que tomamos como base para construirmos a ideia de todo o nosso trabalho que fornecerá novos dados para ampliação de estudos linguísticos sobre a monotongação, partindo

das seguintes pesquisas: Meneghini (1983), Veado (1983), Ribeiro (1990), Bisol (1994), Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1996), Paiva (1996), Silva (1997), Araújo (2000), Lopes (2002), Pereira (2004), Carvalho (2007), Santos e Chaves (2010), Toledo (2011), Karim (2012), Lima (2014), Haupt (2015), Cysne (2016), Freitas (2017), Souza (2020), Oliveira (2021) e Silva (2024), que focam o fenômeno linguístico a ser analisado neste trabalho, a monotongação, e algumas já em contato com comunidades quilombolas. Desta forma, contribuindo com os estudos do português falado no Ceará (principalmente no seu interior), agregando valor às pesquisas do Atlas Linguístico do Ceará (2010), e conseqüentemente do português falado no Brasil.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base em Marconi e Lakatos (2001), determinamos que esta pesquisa possui caráter quantitativo, visto que foram utilizados métodos e técnicas estatísticas nas análises do *corpus* coletado. E partindo da ideia de que o arcabouço teórico-metodológico utilizado foi o da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006; Labov, [1972] 2008), também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, percebemos que há uma latente relação no que tange ao caráter quantificador desta pesquisa.

Gil (2008) explica que podemos classificar as pesquisas científicas de três maneiras: exploratórias, descritivas e explicativas. Dispomo-nos a utilizar a Sociolinguística Variacionista e, deste modo, estivemos no intento de buscar compreender o uso da língua a partir de sua descrição, no que diz respeito à manutenção dos ditongos [aj], [ej] e [ow], ou ocorrência do fenômeno linguístico da monotongação nestes mesmos ditongos. Portanto, esta pesquisa configura-se descritiva e explicativa.

Ainda em relação à classificação deste estudo, Paiva (2019, p. 11) diz que os tipos de pesquisas podem ser classificados de acordo com os seguintes pontos: “1) a natureza; 2) o gênero; 3) as fontes de informação; 4) a abordagem; 5) o objetivo; 6) os métodos; e 7) os instrumentos de coleta de dados”. Trazendo para o contexto de nossa pesquisa, salientamos alguns pontos, como o que se refere a sua natureza (ponto 1), que categorizamos como uma pesquisa aplicada, que tem por objetivo gerar novos conhecimentos, através da confirmação ou refutação de nossas hipóteses. Já em relação ao seu gênero (ponto 2), embora tenha um teor metodológico muito bem desenhado, esta pesquisa não tem caráter prático, pois está apoiada em conhecimentos científicos que irão intervir diretamente no contexto a ser pesquisado. Em relação às fontes de informação (ponto 3), classificamo-la em uma pesquisa primária, tendo em vista que iremos compor um *corpus* através da coleta de dados que posteriormente serão analisados, e ao mesmo tempo é secundária, por conta da revisão feita. Como dito, a abordagem (ponto 4) será quantitativa e o objetivo (ponto 5) será descritivista. No que diz respeito aos pontos 6 (os métodos) e 7 (os instrumentos de coleta de dados), foram tratados a partir de pesquisas bibliográficas, roteiro de entrevista sociolinguística e questionário fonético-fonológico, respectivamente.

A fala de Labov (2008), ao afirmar que é necessário saber da história e formação da comunidade a ser investigada, vai ao encontro do que acreditamos ser um importante pilar para esta pesquisa, e assim haja eficácia nos estudos sociolinguísticos, levando em consideração

a história, assim como outros fatores extralinguísticos. Dentre esses aspectos, Martelotta (2011) afirma que:

A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece. (Martelotta, 2011, p. 141 – 142).

Neste capítulo, conheceremos todo o processo metodológico adotado para a execução deste estudo. Tendo em vista didatizar sua organização, dividimos em duas macroseções: a metodologia da pesquisa sociolinguística e a das variáveis controladas neste estudo. A primeira parte contemplou os aspectos de coleta de dados em relação ao local da pesquisa, os instrumentos de pesquisa que foram utilizados, o *corpus* a ser montado, os informantes a serem explorados e o tratamento quantitativo dos dados. E na segunda, de maneira mais específica, tratamos das variáveis (e suas variantes) e das variantes independentes (linguísticas e extralinguísticas), com seus condicionadores, a fim de constatar as regras variáveis que condicionam a manutenção e/ou monotongação dos ditongos estudados.

### **3.1 CRQ Conceição dos Caetanos: universo da pesquisa**

Embora esta seção não tenha como objetivo reproduzir a historiografia da Comunidade Quilombola Conceição dos Caetanos, pertencente ao município de Tururu/CE, consideramos necessário fazer esta síntese, que foi pesquisada a partir das fontes históricas e relatos científicos e pessoais (dos moradores mais antigos) desta comunidade, de modo a fazer com que nos situemos, no tempo e espaço, desta CRQ que serviu de campo de coleta de dados deste estudo e do qual foi extraída a amostra de pesquisa desta dissertação.

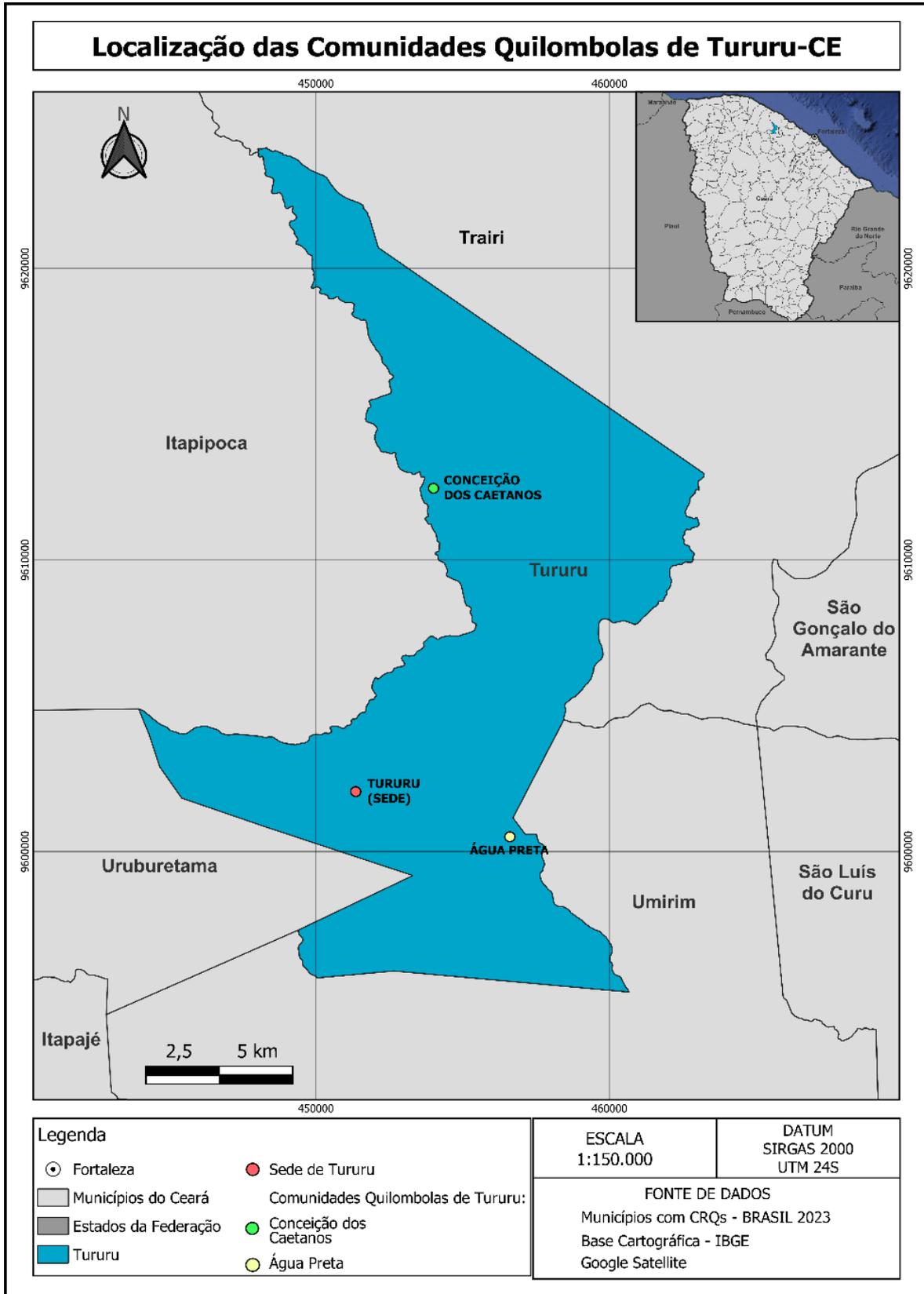
De acordo com Martins (2012), a comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos distancia-se da sede da cidade em 8 km, percurso que até pouco tempo era percorrido em sua maior totalidade em estrada carroçável, e situa-se no município de Tururu, distante 119km da capital do Ceará, na região do Vale do Curu/Litoral-Oeste do estado do Ceará. Possui cerca de 230 famílias, sendo um dos maiores números de famílias em CRQ's dos municípios do nosso estado.

Ainda segundo Martins (2012), no que se refere a sua infraestrutura,

Conta com uma igreja católica dedicada à Nossa Senhora das Graças, uma espécie de quadra localizada ao lado esquerdo da igreja, uma escola de ensino fundamental, que leva o nome do “fundador” da Comunidade, Caetano José da Costa [...]. Existe uma creche que serve também, assim como a escola, às comunidades vizinhas. A Comunidade conta com energia elétrica em algumas casas e uma casa de farinha de uso coletivo. Na Comunidade existem alguns estabelecimentos comerciais, como bares e mercearias [...] (Martins, 2012, p. 2).

Vejam os, no mapa abaixo, a localização geográfica da CRQ na Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Mapa de localização das CRQs localizadas em Tururu/CE



Fonte: Elaborado pelo autor e adaptado do trabalho de Alves (2018).

Para além do que foi dito, é de suma importância agregarmos às suas informações que na comunidade há um posto de saúde, uma associação de moradores, uma biblioteca comunitária, uma casa da memória (recinto que guarda em forma de objetos e documentos, parte da história da comunidade), uma praça que abriga a igreja católica, a “brinquedopraça” e a academia a céu aberto, além do rio que banha a comunidade e é um de seus grandes atrativos.

Por nossa relação de proximidade geográfica e física com a comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, temos acesso ao local, e uma das manifestações culturais mais características da comunidade é a Missa da Festa do Zumbi de Palmares, uma cerimônia religiosa católica que dialoga com a ancestralidade da comunidade, no qual adicionam cânticos e danças de raízes afro-brasileiras à missa. Este é o evento mais esperado da comunidade, realizado no dia 20 de novembro, com uma missa que começa às 19h em homenagem a Zumbi dos Palmares<sup>8</sup>. Após a celebração religiosa, há a escolha da Rainha Negra, concurso em que somente moradoras da comunidade podem participar. A comemoração encerra-se com uma festa dançante, com atrações culturais e populares. Neste evento, a comunidade enche-se de visitantes para acompanhar e participar dos festivais alusivos ao dia da consciência negra.

Baseado no conceito de Labov (2008) de “Comunidade de Fala”, a relação entre esta CRQ com o *corpus* da pesquisa estabelece-se pelo fato de a coleta de dados ter sido realizada entre os moradores desta comunidade, respeitando critérios rigorosos da Sociolinguística Variacionista no que diz respeito à seleção de informantes e às entrevistas. Além disso, a coleta foi planejada para cumprir diretamente o propósito deste estudo, que é estudar o fenômeno da monotongação na oralidade destes quilombolas.

Para Gil (2002), um dos tipos de pesquisas mais importantes são as pesquisas de campo (*in loco*). Para a composição do *corpus* desta pesquisa, coletamos os dados em contexto de fala real dos habitantes da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos. Utilizamos um roteiro de entrevista sociolinguística (apêndice A) e um questionário fonético-fonológico (apêndice B e C) baseado no modelo do ALiB (2001). Salientamos que adicionamos alguns itens ao questionário, com a finalidade de obtermos mais ocorrências dos ditongos [aj], [ej] e [ow].

---

<sup>8</sup> Figura histórica e de renome da luta dos povos escravizados da África que foram trazidos para o Brasil, sendo o último líder do Quilombo dos Palmares, o mais conhecido de toda a história brasileira.

### 3.1.1 *Tessitura histórica da comunidade*

São poucos os registros escritos e documentados sobre a história da CRQ Conceição dos Caetanos, deste modo, a maior parte das informações coletadas vieram de uma “tarde de conversa” com a matriarca da comunidade, Maria Caetano de Oliveira, conhecida como Dona Bibiu, de 84 anos de idade, e a professora e historiadora Sandra Caetano, liderança sociopolítico-cultural da comunidade. Vejamos na figura 4 a seguir.

Figura 4 – Foto da “tarde de conversa” sobre a história da comunidade



Fonte: o próprio autor (2023). Prof. Toh Freitas (esquerda), Dona Bibiu (meio) e prof.<sup>a</sup> Sandra Caetano (direita).

Segundo Martins (2012), a história da comunidade tem relação com a data da compra do terreno onde hoje está localizada. O responsável pela aquisição desta terra foi Caetano José da Costa, um ex-escravizado, que após ser libertado, trabalhou para os seus antigos donos, juntou uma quantia de dinheiro, e saiu da cidade de Pacoti-CE, no Maciço do Baturité, e adquiriu este “chão” por 200 mil réis, em 1887, para fixar-se com sua esposa e seus filhos. De início, só possuíam um animal de tração para ajudar nos afazeres agrícolas, uma máquina de tear para a finalidade de tecelagem de suas roupas e uma grande caixa que servia de armazenamento para a farinha e mandioca.

Com o tempo e cuidado da família, logo seus familiares começaram a migrar para suas terras, e foi a partir das relações parentais que se começou a expandir o número de pessoas e famílias daquela região, sempre desconsiderando a possibilidade de relacionamentos com pessoas brancas. De acordo com Martins (2012),

Até meados da década de 1950 apenas a família habitava a localidade, porém com a seca de 1958 muitos moradores migraram para Fortaleza e para o norte o que proporcionou a permissão para que “pessoas de fora” passassem a habitar a comunidade. Foi a partir dessa permissão que os casamentos deixaram de ser estritamente endogâmicos, porém só recentemente relacionamentos com “pessoas de fora” deixaram de ser escandalosos para a Comunidade (Martins, 2012, p. 3).

Hoje em dia, ainda existe o documento de posse das terras adquiridas pelo patriarca da Família Caetano, e este documento é passado de geração em geração para os patriarcas e/ou matriarcas da comunidade, que pertencem a linhagem principal da família. De acordo com o relato da matriarca, Dona Bibiu, ela confirma que está em posse dele. Passamos a entender melhor essa herança patrimonial quando foi contado que, o senhor Caetano José entregou a escritura ao seu filho Maia, que posteriormente o entregou a seu sobrinho Zé do Carmo, que é o pai de Dona Bibiu (detentora deste documento e bisneta do senhor Caetano José).

A matriarca, que na época era somente filha do patriarca da família Caetano, sempre esteve à frente dos movimentos sociais da comunidade, e foi a primeira pessoa da comunidade que se preocupou com as questões identitárias do grupo, tendo em vista que depois da seca de 1958, a comunidade não era mais “pura”, tendo iniciado o movimento de miscigenação dos quilombolas com pessoas não-quilombolas.

Em 1984, tiveram os primeiros contatos com os Movimentos Negros, que tinham como objetivo a valorização das questões étnico-raciais e identitárias dos povos quilombolas. Esse resgate da exaltação à Cultura Negra fez com que se fortalecesse o sentimento de pertencimento e orgulho ao grupo afro-brasileiro em questão.

Tais atos podem ser vistos até hoje nas tradições locais, quando se comemora a Festa de Zumbi, em consonância com os festejos da Festa da Padroeira, em uma Missa-Afro, no qual elementos da cultura afro-brasileira são adicionados à celebração católica, como suas danças, suas vestimentas, dentre outras coisas.

Nota-se uma forte relação com a religião católica, fruto de anos de culto a esta religião. Os poucos movimentos locais relacionados às religiões de matrizes africanas ainda não são tão (bem) vistas pela comunidade, embora haja um princípio de movimento. A

comunidade vizinha, Água Preta (também uma CRQ), tem o movimento mais forte em relação às religiões de matrizes africanas.

Em 1995, Dona Bibiu, a responsável das políticas sociais da comunidade, em meio aos movimentos sociais de autoafirmação de comunidades negras, trabalhou a questão da identificação de suas ancestralidades e organizou a comunidade, e desde então, passaram a se identificar como Comunidade Quilombola Conceição dos Caetanos, e tal identificação foi reafirmada em 1998 pelo Parecer N° 4 do antropólogo Alecsandro Ratts. Contudo, a nível nacional, a FCP concedeu o título de CRQ ao Quilombo de Conceição dos Caetanos somente em 2004, sendo a primeira a obter a certificação em território cearense<sup>9</sup>.

### 3.2 Instrumentos de pesquisa

Como instrumentos de pesquisa<sup>10</sup>, utilizamos os seguintes materiais:

- a. Roteiro de entrevista sociolinguística;
- b. Questionário fonético-fonológico;
- c. Imagens do Questionário fonético-fonológico;
- d. Lista de informantes;
- e. Ficha do informante;
- f. Ficha da localidade;
- g. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3.3 Corpus

De início, buscamos preencher 36 entrevistas em 12 células sociais, divididas em gênero, idade e grau de escolaridade, contendo 3 informantes em cada. Entretanto, só conseguimos 31 informantes que se encaixavam nos requisitos e que aceitaram participar da pesquisa, as demais ultrapassavam o quantitativo de 3 pessoas das células analisadas. Com isso, ficaram faltando dois informantes da célula *Homem com até 9 anos de estudo com faixa etária entre 18 e 35 anos*, e três informantes da célula *Homem de 10 anos ou mais de estudo com faixa etária a partir de 55 anos*. Segundo os próprios moradores da comunidade, muitas pessoas ainda tinham receio de conversar e trocar informações “pessoais” com pessoas que não pertenciam à comunidade, e com isso acabaram se recusando a participar das entrevistas.

---

<sup>9</sup> A comunidade de Água Preta, também de Tururu-CE, recebeu certificação em 2004, entretanto, seu processo foi enviado para análise posteriormente ao da comunidade de Conceição dos Caetanos;

<sup>10</sup> Os instrumentos de pesquisa mencionados encontram-se nos apêndices A, B, C, D, E, F e G deste trabalho.

Ressaltamos que este *corpus* é o primeiro do estado do Ceará inteiramente composto por integrantes quilombolas, além de ser um *corpus* de uma comunidade do interior do estado. Com o intuito de ampliar os estudos linguísticos cearenses, em especial os estudos de descrição e análise linguística do português falado no Ceará, e conseqüentemente dos estudos do português falado no Brasil, as entrevistas ficarão disponíveis para consulta de outros pesquisadores diretamente com o responsável da pesquisa. Esta distribuição ficará mais clara no quadro 5 a seguir:

Quadro 5 - Distribuição dos informantes por Gênero<sup>11</sup>, Faixa Etária e Grau de Escolaridade

Grau de Escolaridade	Gênero			
	Masculino		Feminino	
	Baixa	Média	Baixa	Média
Faixa Etária				
I	1	3	3	3
II	3	3	3	3
III	0	3	3	3

Fonte: Elaborado pelo autor.

As gravações estão divididas em dois momentos: a realização da entrevista sociolinguística (apêndice A) e a aplicação do questionário fonético-fonológico baseado no modelo do ALiB (apêndices B e C), e possuem aproximadamente 30 minutos de duração – já contando a retirada dos 10 primeiros minutos, como sugere Labov (1972a), à tentativa de superação do paradoxo do observador, entre o entrevistador (nós que estamos a frente desta pesquisa) e o informante (morador da comunidade).

A fim de que tenhamos variedade de material para a extração dos ditongos de nossa pesquisa, abordamos diversos temas, podendo estar relacionados desde a sua vida pessoal, até outras dimensões sociais da comunidade, como: infância, atividades laborais, tempo ocioso, comidas e gostos, aspirações, perigo de vida, religião, sobrenatural, política, entre outros (apêndice A).

<sup>11</sup> É importante deixar claro que neste trabalho consideramos o termo *gênero*, e não o termo *sexo*, como a forma de tratar o binarismo masculino e feminino (Homem e Mulher, respectivamente). Entretanto, isso não impedirá de citarmos o termo *sexo* quando ligado a trabalhos de outros pesquisadores que optaram por adotar esse termo, levando em consideração totalmente o sexo biológico e não a identidade de gênero do informante.

### 3.4 Informantes

A distribuição dos participantes da pesquisa totalizou 36 informantes que formaram este *corpus*, sendo distribuídas a partir das seguintes variáveis:

- faixa etária (I: 18 a 35 anos – 10 informantes; II: 36 a 54 anos – 12 informantes; e III: 55 anos ou mais – 9 informantes). A divisão de faixa etária foi baseada no trabalho de Cruz (2004) e na classificação de adolescente apresentada no Art. 2.º da Lei n.º. 8.069, de 13/07/1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA<sup>12</sup> que nos ajudam a delimitar a melhor divisão para a organização do trabalho, tendo em vista a disponibilidade de informantes dentro da comunidade;

- grau de escolaridade (baixa – 16 informantes e média – 15 informantes). Em relação à escolaridade baixa, são informantes que estudaram (concluíram ou não) até o ensino fundamental (antigo ginásio e atual ensino fundamental maior - 9º ano/ até 9 anos de estudo), e também estão incluídos os analfabetos. E em relação à escolaridade média, são informantes que concluíram o ensino fundamental e prosseguiram (finalizando ou não) com os estudos (atual ensino médio/ com pelo menos 10 anos de estudo). Também estão incluídos neste grupo os informantes que possuem ensino superior ou estão cursando-o;

- gênero (13 homens e 18 mulheres). Por uma questão logística de economia de tempo em relação a conhecer a comunidade e seus moradores, e de que a pesquisa seja realizada em tempo hábil, optamos por trabalhar com a nomenclatura da dicotomia mais clássica de gênero *homem* e *mulher*, com participantes que se identificam com algum desses dois gêneros.

No quadro 6<sup>13</sup> a seguir, pode-se observar melhor o detalhamento da divisão das variáveis de como foi pensado e organizado a coleta dos inquéritos para a composição do *corpus*:

---

<sup>12</sup> Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm#:~:text=Art.%202%C2%BA%20Considera%2Dse%20cria n%C3%A7a,e%20um%20anos%20de%20idade](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm#:~:text=Art.%202%C2%BA%20Considera%2Dse%20cria n%C3%A7a,e%20um%20anos%20de%20idade). Acessado em 03 de março de 2024.

<sup>13</sup> Assim que finalizado, os dados dos inquéritos (áudios e transcrições) ficarão disponíveis para consulta para toda comunidade acadêmica pelo email pessoal do pesquisador (toh.freitas@gmail.com).

Quadro 6 – Detalhamento da distribuição dos informantes por Gênero, Faixa Etária e Grau de Escolaridade

	<b>Escolaridade Baixa</b> (até 9 anos de estudo)			<b>Escolaridade Média</b> (a partir de 10 anos de estudo)		
	<b>I</b> (18-35 anos)	<b>II</b> (36-54 anos)	<b>III</b> (a partir de 55 anos)	<b>I</b> (18-35 anos)	<b>II</b> (36-54 anos)	<b>III</b> (a partir de 55 anos)
<b>Homens</b>	Entrevista 1	Entrevista 5 Entrevista 6 Entrevista 7	Entrevista 11 Entrevista 12 Entrevista 13	Entrevista 17 Entrevista 18 Entrevista 19	Entrevista 23 Entrevista 24 Entrevista 25	
<b>Mulheres</b>	Entrevista 2 Entrevista 3 Entrevista 4	Entrevista 8 Entrevista 9 Entrevista 10	Entrevista 14 Entrevista 15 Entrevista 16	Entrevista 20 Entrevista 21 Entrevista 22	Entrevista 26 Entrevista 27 Entrevista 38	Entrevista 29 Entrevista 30 Entrevista 31

Fonte: Elaborado pelo autor.

A escolha dos entrevistados obedeceu a critérios específicos, considerando que “nas pesquisas sobre comunidade é primordial definir modelos rígidos que sirvam de normas para a triagem dos informantes” (Tarallo, 1985, p. 27). Estes critérios foram, simultaneamente:

- a) ter nascido na comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE;
- b) ter nascido no município de Tururu-Ce ou cidades circunvizinhas, mas estar residindo atualmente na comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE;
- c) ter pais nascidos (ou pelo menos um deles) na comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE;
- d) não ter morado fora da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE por mais de 10 anos<sup>14</sup> nos últimos 5 anos;
- e) não ter ficado fora da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE, por 6 meses ou mais (interruptos), nos últimos 5 anos;
- f) considerar-se pertencente à comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Tururu-CE;
- g) não falar nenhuma língua estrangeira;
- h) não possuir nenhuma dificuldade de fala ou estar doente no momento da entrevista.

<sup>14</sup> Acreditamos que esse número seja o suficiente para alterar de alguma forma no vernáculo do informante;

### 3.5 Codificação dos arquivos (áudios e transcrições)

Com a finalidade de facilitar a organização e armazenamento das entrevistas, a forma de identificação dos áudios e textos seguiu a seguinte ordem: gênero – escolaridade – faixa etária, como exposto no quadro 7 abaixo:

Quadro 7 – Codificação dos Arquivos

Variável	Código	Descrição
Gênero	H	Homem
	M	Mulher
Grau de Escolaridade	0	até 9 anos de estudo
	9	a partir de 10 anos de estudo
Faixa Etária	I	18-35 anos
	II	36-54 anos
	III	a partir de 55 anos

Fonte: Elaborado pelo autor.

O número da entrevista seguirá ao final do código para controle interno.

Exemplo: **M9II\_24** – Mulher de 10 anos ou mais de estudo com faixa etária entre 36 e 54 anos referente à entrevista 24.

### 3.6 Variáveis

Descrevemos detalhadamente as variantes desta pesquisa como uma espécie de *envelope de variação*, termo utilizado por Tarallo (1985). Este envelope de variação será constituído pelas variantes monotongadas e não-monotongadas nos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] do português brasileiro, que constituem a variável dependente, e por oito variáveis independentes, a saber, cinco linguísticas (contexto fonético anterior, contexto fonético posterior, tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavras) e três extralinguísticas (faixa etária, gênero e grau de escolaridade).

#### 3.6.1 Variáveis dependentes

A variável dependente desta pesquisa é a realização dos ditongos [aj], [ej] e [ow], tendo como variantes:

a) a monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow], tendo como exemplos:

- caxa [ˈkaʃə];
- bera [ˈberə];
- oro [ˈorɔ]; e

b) a manutenção dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow], tendo como exemplos:

- caixa [ˈkajʃə];
- beira [ˈbejrə];
- ouro [ˈowrɔ].

### 3.6.2 Variáveis independentes

Como supracitado, as variáveis independentes estão organizadas, a saber, em seis variáveis linguísticas (contexto fonético anterior, contexto fonético posterior, tonicidade, extensão do vocábulo e classe de palavras) e três variáveis extralinguísticas (faixa etária, gênero e grau de escolaridade), totalizando oito.

#### 3.6.2.1 Variáveis linguísticas

No que se refere às variáveis linguísticas, adotamos como critério de escolha as que foram tratadas como relevantes em outros estudos de outras comunidades de fala do Brasil, apontados no capítulo de Fundamentação Teórica, seção do Estado da Arte desta pesquisa, apoiada no levantamento bibliográfico feito sobre as pesquisas deste fenômeno, que são:

a) Contexto fonético seguinte:

<b>Fatores</b>	<b>Ditongo [aj]</b>	<b>Ditongo [ej]</b>	<b>Ditongo [ow]</b>
[p, b]: oclusivas bilabiais	<i>taipa</i>	<i>teipe</i>	<i>soube</i>
[t, d]: oclusivas dentais	<i>vaidade</i>	<i>prefeitura</i>	<i>Coutinho</i>
[k, g]: oclusivas velares	<i>laico</i>	<i>manteiga</i>	<i>touca</i>
[m, n]: nasais	<i>Jaime</i>	<i>reinar</i>	-
[r]: tepe (flepe)	<i>paira</i>	<i>beira</i>	<i>besouro</i>
[v]: fricativa labiodental	<i>Paiva</i>	<i>seiva</i>	<i>couve</i>
[s, z]: fricativas alveolares	<i>caičara</i>	<i>Conceição</i>	<i>pousada</i>
[ʒ, ʃ]: fricativas alveopalatais	<i>faixa</i>	<i>feijão</i>	<i>rouxinol</i>

[h]: fricativa glotal	<i>bairro</i>	-	-
[tʃ]: africada alveopalatal	<i>Haiti</i>	<i>Feitio</i>	<i>boutique</i>
[l, ʎ]: laterais	<i>baile</i>	<i>leilão</i>	<i>ceroula</i>
[ø, a, ə, e, ε, i, j, o, ɔ, u, w]: vogais	<i>Arraia</i>	<i>feio</i>	-
Final de	<i>sobressai</i>	<i>ajudei</i>	<i>cavou</i>

## b) Contexto fonético anterior:

<b>Fatores</b>	<b>Ditongo [aj]</b>	<b>Ditongo [ej]</b>	<b>Ditongo [ow]</b>
[p, b]: oclusivas bilabiais	<i>abaixava</i>	<i>respeitava</i>	<i>pouso</i>
[t, d]: oclusivas dentais	<i>Taiane</i>	<i>deixa</i>	<i>touro</i>
[k, g]: oclusivas velares	<i>caixão</i>	<i>gueixa</i>	<i>piscou</i>
[m, n, ɲ]: nasais	<i>mais</i>	<i>Neide</i>	<i>mouro</i>
[r]: tepe (flepe)	<i>degrau</i>	<i>hebreu</i>	<i>jurou</i>
[f, v]: fricativas labiodentais	<i>havaiano</i>	<i>prefeito</i>	<i>nevou</i>
[s, z]: fricativas alveolares	<i>sauna</i>	<i>odisseia</i>	<i>azougue</i>
[ʃ, ʒ]: fricativas alveopalatais	<i>marechais</i>	<i>recheio</i>	<i>enojou</i>
[h]: fricativa glotal	<i>raio</i>	<i>correio</i>	<i>errou</i>
[l, ʎ]: laterais	<i>laicismo</i>	<i>palheiro</i>	<i>louco</i>
Começo	<i>Aila</i>	<i>eita</i>	<i>outro</i>

## c) Tonicidade:

<b>Fatores</b>	<b>Ditongo [aj]</b>	<b>Ditongo [ej]</b>	<b>Ditongo [ow]</b>
Sílaba tônica	<i>caixa</i>	<i>janeiro</i>	<i>touro</i>
Sílaba átona	<i>apaixonado</i>	<i>cheiroso</i>	<i>poupança</i>

## d) Extensão do vocábulo:

<b>Fatores</b>	<b>Ditongo [aj]</b>	<b>Ditongo [ej]</b>	<b>Ditongo [ow]</b>
Monossílabo	<i>mais</i>	<i>sei</i>	<i>dou</i>
Dissílabo	<i>caixa</i>	<i>achei</i>	<i>couro</i>
Trissílabo	<i>caixote</i>	<i>primeiro</i>	<i>alagou</i>
Polissílabo	<i>bailarino</i>	<i>amanteigado</i>	<i>dedetizou</i>

e) Classe de palavras:

<b>Fatores</b>	<b>Ditongo [aj]</b>	<b>Ditongo [ej]</b>	<b>Ditongo [ow]</b>
Substantivo	<i>faixa</i>	<i>cabeleireiro</i>	<i>açougueiro</i>
Adjetivo	<i>baixo</i>	<i>feioso</i>	<i>louco</i>
Verbo	<i>encaixou</i>	<i>deita</i>	<i>falou</i>
Outros <sup>15</sup>	<i>demais</i>	<i>terceiro</i>	<i>pouco</i>

### 3.6.2.2 Variáveis extralinguísticas

Já no que diz respeito às variáveis extralinguísticas, trabalharemos com dados estratificados em faixa etária, gênero e grau de escolaridade, do qual serão controladas para a execução de nossa pesquisa, como:

a) Faixa etária:

- 18 – 35 anos;
- 36 – 54 anos;
- a partir de 55 anos;

b) Gênero:

- Homem;
- Mulher;

c) Grau de Escolaridade:

- Baixa
- Média.

### 3.6.3 Relação entre as variáveis

Há o estabelecimento de relações assimétricas entre as variáveis. Segundo Marconi; Lakatos (2001), na relação assimétrica, uma variável (independente) exerce efeito sobre outra variável (dependente). Desta maneira, ainda segundo as autoras, por se tratar de uma relação assimétrica, deve-se rastrear uma relação causal entre as variáveis independentes e dependentes, e neste caso, se trata do tipo probabilística ou estocástica. As autoras também comentam que

---

<sup>15</sup> Numerais, advérbios e pronomes;

esta relação pode ser enunciada como “dada a ocorrência de X, então provavelmente ocorrerá Y”. Após apresentação das variáveis da nossa pesquisa, constatou-se que devido à presença de determinados grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (X), houve muitas chances de ocorrer o fenômeno da monotongação (Y).

### **3.7 Coleta de dados**

Elaboramos um roteiro de entrevista com perguntas pensadas com o propósito de abarcar aspectos sociais e linguísticos da comunidade, distribuídos em dez temáticas, oriundas de conversas com o professor da disciplina de sociolinguística, que são: (1) infância, (2) atividades laborais, (3) tempo ocioso, (4) comidas, (5) gostos, (6) aspirações, (7) perigo de vida, (8) religião, (9) sobrenatural e (10) política.

Antes de irmos realizar a coleta *in loco*, conversamos com líderes locais da comunidade sobre a pesquisa de dissertação, o objetivo do estudo e os perfis de informantes que almejávamos conversar, para que pudéssemos ter uma melhor aceitação dentro do espaço, e assim conseguimos.

Esta pesquisa foi dividida em quatro etapas. Na primeira etapa da investigação, iniciamos com uma pesquisa bibliográfica acerca das comunidades afro-brasileiras, intituladas quilombolas. Foram observados aspectos sobre sua formação, assim como as histórias que rodeiam os acontecimentos marcantes, que relatam sobre o período da escravatura e da constituição do quilombo como unidade identitária organizada dos povos afro-brasileiros e seus descendentes. Além disso, buscamos materiais referentes à diversidade linguística quilombola do Ceará e à história do povoado que deu início ao atual distrito tururuense de Conceição dos Caetanos – Tururu/CE. Esse distrito atualmente é reconhecido pelo INCRA como área quilombola.

Em seguida, na segunda etapa, foi feita a investigação *in loco*, direcionada ao assentamento quilombola Conceição dos Caetanos, Tururu/CE. Por uma questão didática, logística e de organização, esta etapa teve que ser subdividida em dois momentos: no primeiro momento realizamos entrevistas mais livres e semiestruturadas, com gravação dos falantes nativos, após permissão do conselho de ética da universidade e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido de cada informante. Como forma de tentar “naturalizar” a entrevista e tentar resolver o paradoxo do observador (Labov, 1972a), foi evitado o uso de termos técnicos e científicos, e incentivada a narração de experiências pessoais, para que os

entrevistados se sentissem mais à vontade e dessem pouca atenção ao modo como falam. Desta forma, seguimos o mesmo pensamento proposto por Tarallo (1985):

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes – já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença – se altere ainda mais, e a pesquisa, conseqüentemente, se torne ainda mais enviesada (Tarallo, 1985, p. 27).

E fundamentadas no aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, as entrevistas foram realizadas levando em conta os aspectos sociais da língua. Vale recordar que cada falante tem um fardo de experiência pessoal que vai individualizá-lo em todos os aspectos, incluindo o discursivo e histórico, todavia, existem correspondências linguísticas semelhantes. De maneira que, como sugere Mollica (2019),

As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em *continuum*, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária (Mollica, 2019, p. 13).

Nos diálogos das primeiras entrevistas, foram observadas as histórias pessoais, e possíveis conversas “aleatórias” que os entrevistados se propuseram a falar e se sentir mais à vontade, da forma mais livre possível. Dentre essas observações, foram identificados os fatores mais marcantes das falas dos indivíduos desta comunidade, assim como suas semelhanças.

Logo em seguida, no segundo momento da segunda etapa, realizamos uma entrevista mais estruturada, com a aplicação de um questionário fonético-fonológico, que é um modelo adaptado do trabalho de tese de Joceneide Macedo-Karim (2012), que foi baseado no *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001 - ALiB*<sup>16</sup>, e adicionado mais perguntas norteadoras que evidenciassem o uso dos ditongos estudados, objetivando “harmonizar as informações coletadas dos vários informantes” (Tarallo, 1985, p. 23) e assim iniciamos a terceira etapa: a constituição do *corpus* do qual extraímos os dados a serem analisados.

Como dito, algumas das perguntas norteadoras da entrevista estruturada foram baseadas e adaptadas a partir da seção do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB:

[...]

5. CAIXA

Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

6. TESOURA

<sup>16</sup> O **Projeto Atlas Linguístico do Brasil** (Projeto ALiB) ganhou forma no ano de 1996, por ocasião do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil* realizada na cidade de Salvador-BA, na Universidade Federal da Bahia – UFBA, entre os dias 4 e 8 de novembro do ano supracitado. Desde então foi criado o Comitê Nacional que foi incumbido de implementá-lo, e assim o fez.

... o objeto com que se corta tecido?

24. PENEIRA

... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (*mímica*) farinha? [...] (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 7-18).

Já prevendo possíveis dúvidas em relação as repostas do questionário, também incluímos o mesmo questionário com as imagens das repostas, para que caso não soubessem/lembrassem das repostas, pudessem ter esse estímulo visual para acessar a memória do vocábulo esperado nas perguntas.

### 3.8 Transcrição

Terminada esta terceira etapa, foi realizada a transcrição das 31 entrevistas no programa computacional *Word*, e após a última também foi feita uma revisão de cada transcrição, baseando-se nos pressupostos apontados por Cintra (1992). Na transcrição dos áudios, buscamos fidelidade à produção linguística real dos indivíduos. “A transcrição da fala corrente é um elemento fundamental na análise da conversação, posto que é por meio dela que se podem apresentar como adiamento à análise os textos orais em que esta se baseia”. (Cintra, 1992, p. 614).

Seguimos o modelo a seguir proposto por Cintra (1992, p. 615) para realizarmos a transcrição, o qual observa que: “a utilização da escrita corrente descarta não só a interpretação dos pormenores fonéticos, que no geral são desnecessários neste tipo de estudo, mas também diferenciações fonológicas e processamentos morfofonológicos”:

Na transcrição das entrevistas, adotamos também as seguintes representações:

- reticências para pausas e pausas de vírgula;
  - parênteses para marcar trechos em que há dúvidas sobre o que realmente foi falado pelo informante;
  - parênteses duplos para marcar comentário do analista;
  - alongamento de vogal (aa, ee, ii);
  - pausas preenchidas, hesitação ou sinais de atenção (eh, ah, oh, ih, ahã, mhm, etc).
- (Karim, 2012, p. 65-66).

A quarta etapa destina-se ao tratamento e à análise dos dados, e será melhor detalhado no próximo capítulo.

### 3.9 Procedimentos Analíticos dos Dados

Esta pesquisa é de natureza quantitativa e está amparada teoricamente pela ótica da Sociolinguística Variacionista (laboviana) e foi analisada pelo mesmo viés proposto por Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010). Desta maneira, corroboramos com o pensamento de Dantas; Cavalcante (2006), ao afirmarem que a análise quantitativa “se mostra apropriada quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de

amostras numéricas, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos”. Sendo assim, essa pesquisa mostra-se muito importante, tendo em vista que levará em consideração o número de vezes em que ocorrem as variantes em questão, permitindo, assim, o mapeamento de ocorrências deste fenômeno linguístico ligados à comunidade a ser estudada.

Para a análise dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow], foco de nossa pesquisa, coletamos todos os trechos em que ocorreram nos 31 inquiridos. Após a coleta, houve uma categorização desses dados, para depois serem analisados de acordo com os fatores mencionados anteriormente.

Posteriormente, todas as informações referentes às entrevistas e suas transcrições foram arquivadas em um computador de uso pessoal, através do programa computacional *Microsoft Office*, na função de texto do *Word*, versão *Windows* da *Microsoft*, e os áudios foram renomeados de acordo com cada entrevista e armazenados em pastas específicas de cada célula coletada, como também serão guardadas na “nuvem”<sup>17</sup> do pesquisador. Em seguida, foram selecionados, codificados para análise e organizados no *Excel* somente os trechos em que apareceram os ditongos [aj], [ej] e [ow], com manutenção ou monotongação deles. Podemos observar melhor essa organização no quadro 8 a seguir:

Quadro 8 – Organização da Codificação de Dados no *Excel*

Contexto.Precedente	Ocorrencia	Contexto.Seguinte	Variavel.Resposta	CP	CS	Posicao.Silaba.Tonica	Extensao.Vocabulo	Classe.Palavras	Genero	Escolaridade	Faixa.Etaria	Informante

Fonte: Elaborado pelo autor.

Existem diversos programas estatísticos que podem auxiliar nas pesquisas sociolinguísticas, como: *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), *SPSS* (Bruni, 2012), e o que será utilizado nesta pesquisa, *R* (R Core Team, 2013).

Uma vez coletados e organizados, os dados foram submetidos à análise estatística, ao qual adotamos o programa estatístico computacional *R* (R Core Team, 2013) para “cálculos

<sup>17</sup> O armazenamento em “nuvem” permite armazenar dados/arquivos na *internet*, podendo ser acessado ou transferido de qualquer lugar do mundo, apenas tem-se que possuir uma conta e acesso à *internet*;

de frequência, percentuais, pesos relativos e identificação da ordem de significância dos variados grupos de fatores testados” (Cavalcante, 2015, p. 98).

Segundo Oushiro (2014, p. 134),

o R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, e compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas. Uma de suas principais vantagens é o fato de ser gratuito e estar disponível para uma variedade de plataformas (UNIX, Windows e MacOS). Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar, e consequentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define assunções que deseja executar através de linhas de comando, que instruem o programa sobre o que fazer (Oushiro, 2014, p. 134).

O seu uso possibilitou fazer uma análise multivariada dos fatores condicionadores, quantificar esses dados e verificar, de maneira percentual, quais fatores estruturais e sociais são significativos e/ou relevantes na monotongação dos ditongos estudados, a partir do teste de qui-quadrado. Após esta rodada estatística, foram criadas tabelas e gráficos com a finalidade de didatizar e melhor apresentar os dados obtidos das ocorrências. A partir desta análise, pudemos comparar os dados obtidos com os dos últimos dados dos estudos envolvendo o mesmo fenômeno linguístico no Brasil.

Diante desta transcrição, extraiu-se 5.672 ocorrências dos ditongos [aj], [ej] e [ow] de suas entrevistas que tiveram duração de 16h19min42s. Isso servirá de base para entendermos e acompanharmos o processo de análise de todos os inquéritos. Vejamos a seguir no quadro 9 a distribuição da duração de cada entrevista analisada, com a finalidade de observarmos o total de tempo utilizado nestas gravações.

Quadro 9 – Total de minutos das células analisadas

<b>Informante</b>	<b>Duração das entrevistas</b>
HOI_1	26min31s
MOI_2	35min53s
MOI_3	25min05s
MOI_4	27min19s
HOII_5	30min19s
HOII_6	38min20s
HOII_7	31min57s
MOII_8	35min30s

M0II_9	27min57s
M0II_10	20min10s
H0III_11	28min15s
H0III_12	32min10s
H0III_13	39min55s
M0III_14	38min15s
M0III_15	28min06s
M0III_16	34min14s
H9I_17	33min27s
H9I_18	28min08s
H9I_19	26min35s
M9I_20	29min35s
M9I_21	29min46s
M9I_22	40min36s
H9II_23	33min22s
H9II_24	32min18s
H9II_25	30min10s
M9II_26	35min50s
M9II_27	23min53s
M9II_28	25min33s
M9III_29	30min50s
M9III_30	33min19s
M9III_31	32min24s
<b>Total de Horas</b>	<b>16h19min 42s</b>

Fonte: elaborado pelo autor.

Como dito por Guy; Zilles (2007), a variação linguística não pode ter sua descrição apenas cunhada pelos termos qualitativos, por isso sugerem que os dados sejam submetidos à utilização de tratamento estatístico. O uso de métodos estatísticos (...) tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, (...), prestígio e estigma, entre tantas outras” (Guy; Zilles, 2007, p. 73). Os resultados das análises estatísticas serão organizados em gráficos e tabelas para uma apresentação mais compreensível dos valores resultantes, os quais serão analisados sob a base da Sociolinguística Variacionista.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

De início, nesta seção, apresentamos os resultados da análise da manutenção/monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na oralidade dos moradores da CRQ Conceição dos Caetanos, Tururu/CE, no qual, como descrito no capítulo anterior, seus dados foram extraídos através de entrevistas que compuseram o *corpus*.

A transcrição destes dados se deu a partir das ocorrências das variantes desta pesquisa, [aj]~[a], [ej]~[e] e [ow]~[o]. *A priori*, levamos em consideração todas as palavras que apresentaram os ditongos em sua composição, a fim de termos uma visão mais geral do fenômeno estudado. Depois de organizá-los a partir de seus fatores (veremos nas tabelas desta seção), optamos por refinar seus dados, reduzindo fatores em que não apresentaram números expressivos, e que, conseqüentemente, não houve variação em sua forma gramatical, mantendo-se de forma categórica na manutenção de suas formas.

De forma a didatizar e organizar os resultados das análises, veremos nas próximas seções a Frequência e Proporção Geral das ocorrências, seguida de suas Frequências e Proporções Específicas.

### 4.1 Frequência e Proporção Geral

O *corpus* levantado para análise apresentou 5.672 ocorrências dos ditongos estudados, organizados em 1.432 [aj], 2.705 [ej] e 1.535 [ow], dos quais as variáveis estão subdivididas em 1.317 [aj], 115 [a], 2.018 [ej], 687 [e], 1.058 [ow] e 477 [o], suas formas de manutenção e monotongação, respectivamente, conforme a tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Ditongos, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual

Ditongo	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
ai	[aj]	1.317	23,20%	92%
	[a]	115	2,04%	8%
ei	[ej]	2.018	35,49%	74,6%
	[e]	687	12,20%	25,4%
ou	[ow]	1.058	18,69%	68,9%
	[o]	477	8,38%	31,1%
<b>Total</b>		<b>5.672</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Com sua totalidade de 5.672 ocorrências, os dados dividem suas variantes em 4.393 (77,38%) ocorrências de sua forma ditongada, enquanto sua forma monotongada apresentou 1.279 ocorrências (22,62%), conforme ilustrado na tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – Proporção de ocorrências de ditongos e monotongos

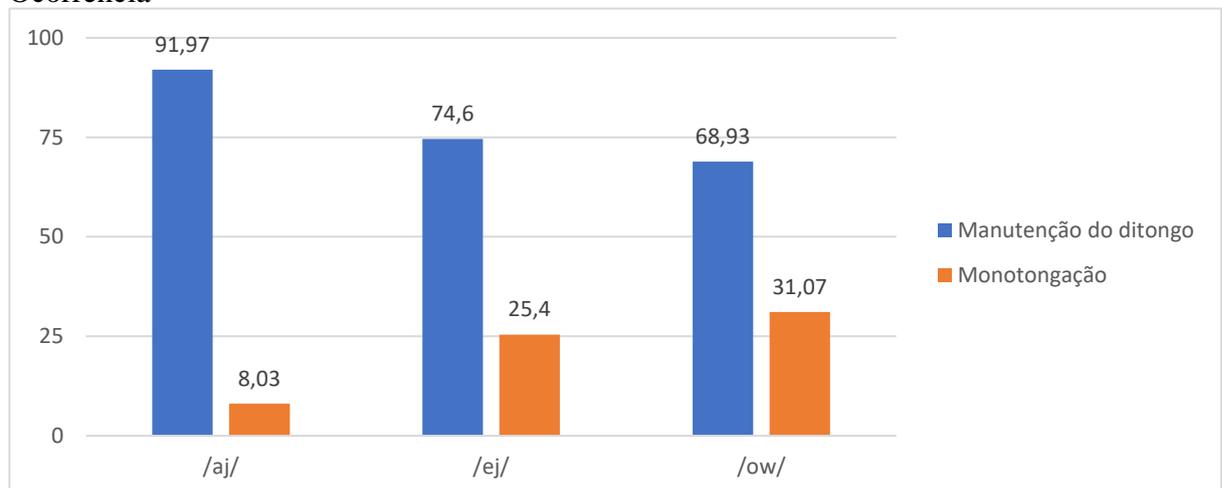
<b>Variante</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Proporção</b>
Ditongo	4.389	77,38%
Monotongo	1.283	22,62%
<b>Total</b>	<b>5.672</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: elaborado pelo autor.

Como percebido, de maneira mais específica e geral, dentro da comunidade há uma predominância da variante padrão (77,38%), mas vemos que a variante inovadora (22,62%) já se encontra com um número notável de ocorrências em relação à sua forma padrão. Observamos também que dentro das variáveis estudadas, existe uma regra variável em todas as realizações dos ditongos na comunidade de fala, pois temos duas realizações disputando seu uso - os fonemas dos ditongos -, ou seja, cada um destes fenômenos corresponde a uma variável resposta que tem dois níveis/variantes: manutenção e monotongação dos ditongos.

É notório que a manutenção do ditongo se sobressai em relação à monotongação, e que há uma disputa entre as realizações das variáveis dos ditongos em cada um deles. Todavia, percebemos que alguns ditongos, no caso do [aj], já estão em processo de variação, mesmo que no início com apenas 8,03% da forma inovadora, comparado aos outros que possuem uma taxa maior de monotongação, no caso de 25,4% do [ej] e 31,07% no caso do [ow]. Com isso, temos a noção de como há variação linguística em processo na comunidade de fala de Conceição dos Caetanos, e que, aparentemente, encaminham-se para aumentar o uso das ocorrências das formas inovadoras do fenômeno entre a própria comunidade. Vejamos no gráfico 1 a seguir essa divisão.

Gráfico 1 – Distribuição da Manutenção e Monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] por Ocorrência



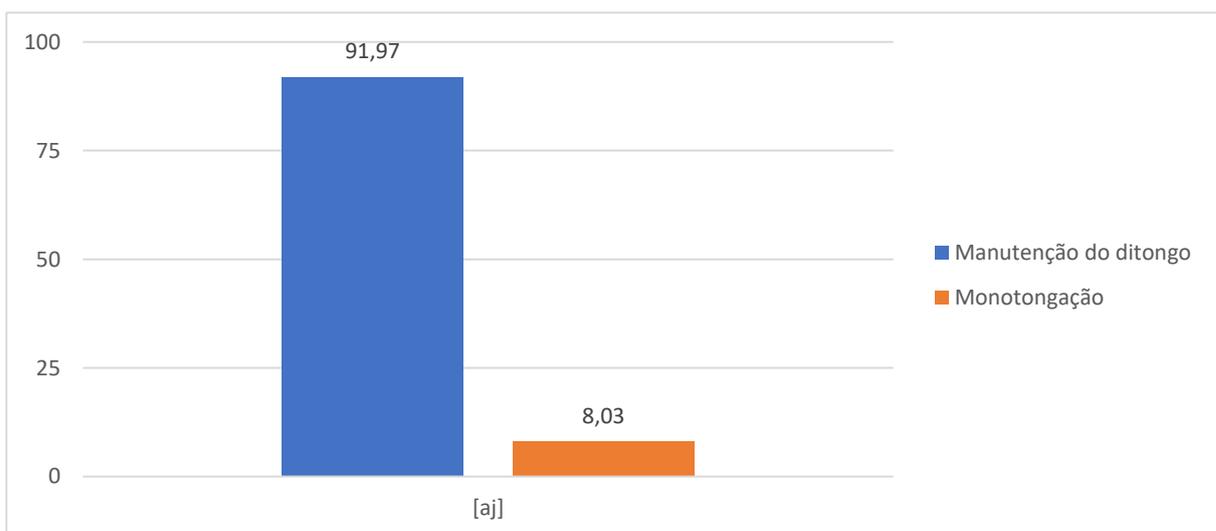
Fonte: elaborado pelo autor.

Para entendermos melhor a composição dos dados obtidos, analisamos cada fator de acordo com a variante especificada nas subseções a seguir: contextos fonéticos seguintes e anteriores, tonicidade, extensão do vocábulo, classe de palavras, gênero, faixa etária e grau de escolaridade, dentro das ocorrências de cada ditongo estudado [aj], [ej] e [ow] na oralidade da CRQ Conceição dos Caetanos – Tururu/CE, e para comprovarmos estatisticamente, foi feito também o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ).

#### 4.2 Frequência e Proporções Específicas do ditongo [aj]

No que diz respeito às ocorrências do ditongo [aj], é visível a sobreposição da forma padrão em detrimento da forma inovadora. Vemos a realização de 1.317 (91,97%) de sua forma ditongada, enquanto sua forma monotongada tem apenas 115 (8,03%) de ocorrências, em suas frequências e proporções de uso, respectivamente. Vejamos de maneira isolada o ditongo [aj] no gráfico 2 a seguir com sua distribuição:

Gráfico 2 – Manutenção x Monotongação do ditongo [aj]



Fonte: elaborado pelo autor.

### Variáveis Extralinguísticas<sup>18</sup>

#### 4.2.1 Variável Gênero – Uso do ditongo [aj]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [aj] entre homens e mulheres é de 578 (40,36%) e 854 (59,64%), respectivamente. Essa porcentagem nos dá cerca de uma diferença de 19,28% de maior frequência das mulheres, isso levando em consideração que neste estudo existem mais ocorrências do gênero feminino. Essa

<sup>18</sup> Serão analisadas as variáveis extralinguísticas e linguísticas, respectivamente, nos três ditongos estudados: [aj], [ej] e [ow];

diferença pode ter relação com a falta de cinco informantes do gênero masculino dentro do *corpus*, e isso pode ter influência direta nesta proporção. Vejamos a tabela 4 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Gênero a frequência de uso do ditongo [aj]:

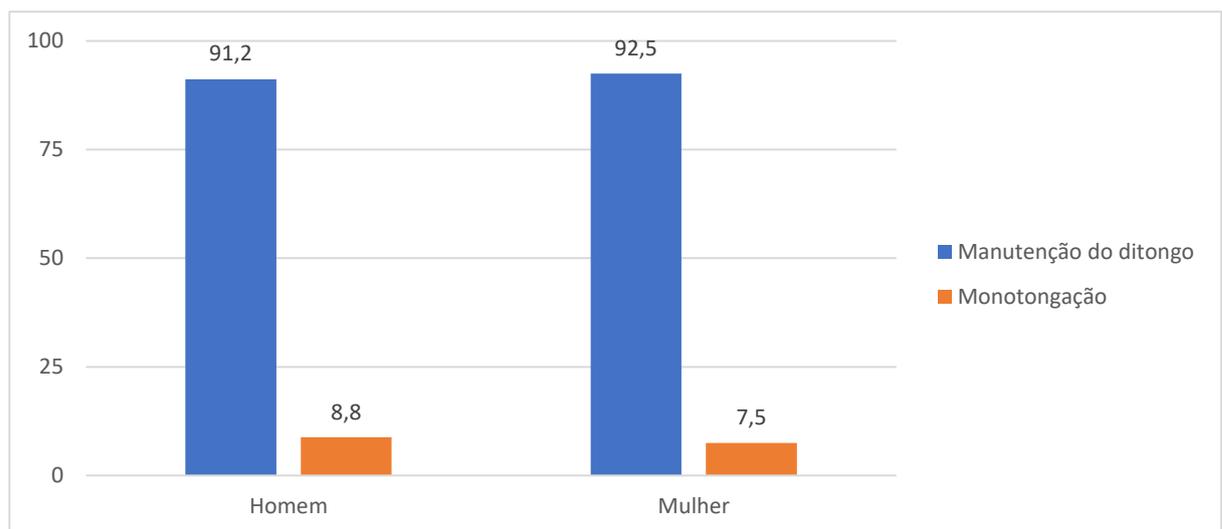
Tabela 4 – Gênero, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Gênero	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
H	[aj]	527	36,80%	91,2%
	[a]	51	3,56%	8,8%
M	[aj]	790	55,17%	92,5%
	[a]	64	4,47%	7,5%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 0.65462, p = 0.4185$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Constata-se que tanto os homens quanto as mulheres mantêm o ditongo mais que monotongam. Logo, possuem comportamentos linguísticos semelhantes, e isso nos leva a crer que essa é uma variável que não é relevante para explicar o fenômeno dentro de nossa análise, já que ambos possuem comportamentos parecidos diante do fenômeno variável, com diferença de 1,3% a mais para as mulheres em relação à ditongação, fazendo com que os homens apresentem uma porcentagem maior, 8,8% em relação aos 7,5% das mulheres, de uso da monotongação, como podemos ver no gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Variável Gênero: proporção de uso do ditongo [aj]



Fonte: elaborado pelo autor.

E para comprovar a interação entre a variável resposta e a ditongação e monotongação de [aj], foi aplicado o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ). O teste deu como resultado  $\chi^2 (1) = 0.65462, p = 0.4185$ . Neste caso, após aplicado o teste, para Levshina (2015)

quanto mais distante for do valor 0 (zero), maior vai ser a probabilidade de a variável submetida ser relevante e ter influência sobre a realização do fenômeno. Para a variável gênero, o teste de qui-quadrado deu  $\chi^2 = 0.65462$ , com um grau de liberdade. E o valor de  $p = 0.4185$  mostra que a variável gênero está fora do intervalo de confiança, pois o valor para ser relevante deveria ser  $\leq 0,05$ . Portanto, a variável gênero não se mostrou estatisticamente relevante para a análise do fenômeno de monotongação do ditongo [aj].

Este resultado corrobora com o de Carvalho (2007), que nenhuma de suas variáveis sociais influenciaram na ocorrência do fenômeno, já que os fatores linguísticos se sobressaíram diante da monotongação. O mesmo se aplica aos resultados de Toledo (2011) e Souza (2020), ao não mostrar-se relevante para a ocorrência do fenômeno.

#### 4.2.2 Variável Faixa Etária – Uso do ditongo [aj]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ej] entre as três faixas etárias I 18-34 anos, II 35-54 anos e III a partir de 55 anos é de 502 (35,05%), 480 (33,52%) e 450 (31,43%), respectivamente. Essas porcentagens apontam uma diferença de apenas 3,62% entre a faixa etária com maior número de ocorrências do ditongo (I) e a de menor (III). Estatisticamente, são porcentagens aproximadas do valor de 1/3 (33,33%), logo inferimos que todas as três faixas etárias estão na média de uso do ditongo em relação umas às outras. Vejamos a tabela 5 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Faixa Etária a frequência de uso do ditongo [aj]:

Tabela 5 – Faixa Etária, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

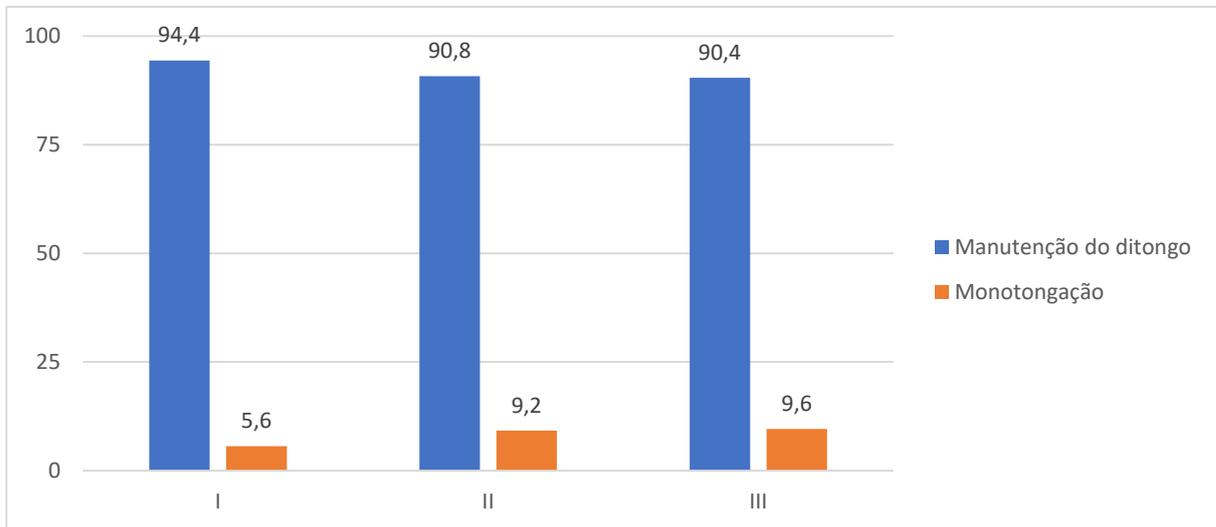
Faixa Etária	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
I 18-34 anos	[aj]	474	33,10%	94,4%
	[a]	28	1,95%	5,6%
II 35-54 anos	[aj]	436	30,46%	90,8%
	[a]	44	3,07%	9,2%
III + 55 anos	[aj]	407	28,42%	90,4%
	[a]	43	3,00%	9,6%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (2) = 6.3451, p = 0.0419$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Já em relação a faixa etária, as proporções de uso mostram um trajeto semelhante ao da variável anterior, com comportamentos bem parecidos nas três faixas etárias, e que não são muito distintos, com ditongação com mais de 90% de uso, e a monotongação abaixo dos 10% em todas as faixas etárias, nos levando a crer que essa também não é uma variável

relevante para tentar explicar o fenômeno. Podemos visualizar melhor essa organização no gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4 – Variável Faixa Etária: proporção de uso do ditongo [aj]



Fonte: elaborado pelo autor.

E com a finalidade de comprovar a interação entre a variável resposta e a ditongação e monotongação de [aj], foi aplicado o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ), do qual seu resultado foi  $\chi^2 (2) = 6.3451$ ,  $p = 0.0419$ . Ou seja, o valor de  $p$  está abaixo de 0,05, logo ele está dentro do intervalo de confiança pré-determinado. Desta maneira, o teste de qui-quadrado, estatisticamente, encontrou uma interação significativa entre a variável faixa etária e a monotongação de [aj], embora os percentuais de uso demonstrem um comportamento parecido nas três faixas etárias, o teste apontou uma interação estatisticamente significativa, ou seja, diferenças no emprego da monotongação a depender da faixa etária.

Com isso, Pereira (2004) não apresentou relevância estatística em seus resultados, assim como Santos e Chaves (2010) também não apresentaram. Entretanto, Silva (2024) mostrou que para a sua comunidade de fala analisada, a variável se mostrou relevante.

#### 4.2.3 Variável Grau de Escolaridade – Uso do ditongo [aj]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [aj] entre o grau de escolaridade baixo e médio é de 710 (49,58%) e 722 (50,42%), respectivamente. Essa porcentagem nos dá uma diferença mínima de 0,84% do grau de escolaridade médio sobre o grau de escolaridade baixo. Vejamos a tabela 6 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Grau de Escolaridade a frequência de uso do ditongo [aj]:

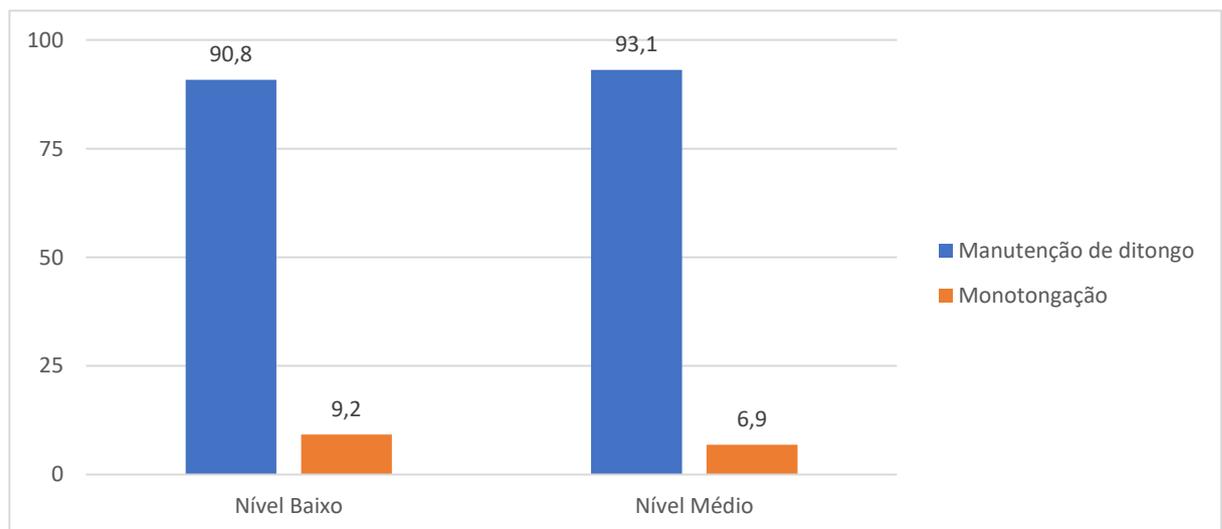
Tabela 6 – Grau de Escolaridade, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Grau de Escolaridade	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Baixa	[aj]	645	45,04%	94,4%
Até 9 anos	[a]	65	4,54%	5,6%
Média	[aj]	672	46,93%	90,8%
Mais de 9 anos	[a]	50	3,49%	9,2%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 2.1172, p = 0.1457$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao Grau de Escolaridade, as proporções de uso mostram um caminho bem parecido entre elas, no qual a taxa de ocorrência da variante conservadora está acima de 90% de uso, enquanto a variante inovadora não ultrapassa os 10%, dentro da comunidade, como percebemos no gráfico 5 abaixo:

Gráfico 5 – Variável Grau de Escolaridade: proporção de uso do ditongo [aj]



Fonte: elaborado pelo autor.

Diante do exposto, o teste de qui-quadrado deu  $\chi^2 = 2.1172$ , com um grau de liberdade, e o valor de  $p = 0.1457$ , e está fora do intervalo de confiança ( $\leq 0,05$ ). Significa que o teste estatístico indica que não há influência significativamente relevante entre a monotongação e a escolaridade dos informantes.

Silva (2024) afirma em sua análise que esse fenômeno ocorre independentemente do nível de escolaridade, portanto, não é estatisticamente relevante. O mesmo ocorre com Freitas (2017), que, na regra geral do uso da monotongação em sua comunidade, a variável grau de escolaridade também não exerce nenhuma influência sobre ela. E o mesmo ocorre com Pereira (2004).

## Variáveis Linguísticas

### 4.2.4 Variável Contexto Fonético Anterior – Uso do ditongo [aj]

Esta variável está bem distribuída com muitas ocorrências e, também, células vazias, ou seja, com dados categóricos, como em Começo de Palavras que é categórico para a monotongação (1), e em Nasal (642), Fricativa Glotal (23), Vogal (17) e Lateral (1) são categóricos para ditongação. Vejamos a tabela 7 a seguir para analisarmos na variável Contexto Fonético Anterior o uso do ditongo [aj]:

Tabela 7 – Contexto Fonético Anterior, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Contexto Fonético Anterior	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Oclusiva	[aj]	247	17,25%	82,6%
Bilabial	[a]	52	3,63%	17,4%
Oclusiva	[aj]	36	2,51%	97,3%
Dental	[a]	1	0,07%	2,7%
Oclusiva	[aj]	39	2,72%	40,2%
Velar	[a]	58	4,05%	59,8%
Nasal	[aj]	642	44,83%	100%
	[a]	0	0%	0%
Tepe	[aj]	22	1,54%	95,7%
	[a]	1	0,07%	4,3%
Fricativa	[aj]	205	14,32%	99,5%
Labiodental	[a]	1	0,07%	0,5%
Fricativa	[aj]	85	5,93%	98,8%
Alveolar	[a]	1	0,07%	1,2%
Fricativa	[aj]	23	1,61%	100%
Glotal	[a]	0	0%	0%
Vogal	[aj]	17	1,19%	100%
	[a]	0	0%	0%
Lateral	[aj]	1	0,07%	100%
	[a]	0	0%	0%
Começo de	[aj]	0	0%	0%
Palavras	[a]	1	0,07%	100%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (10) = 481.67, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

No teste de qui-quadrado desta variável que resultou em  $\chi^2 = 481.67$ , com dez graus de liberdade, e  $p = 2.2e-16$ , conseqüentemente revelou-se extremamente significativa para explicar o fenômeno, com altas taxas de ocorrências do fenômeno, principalmente quando o ditongo é precedido de Oclusiva Velar, com um percentual de ocorrência maior em sua forma monotongada (59,8%) em relação a sua forma ditongada (40,2%).

Para Carvalho (2007), o fenômeno é condicionado, predominantemente, por fatores linguísticos, como é o exemplo do contexto fonético anterior. Também em Paiva (1996), o tepe destacou-se como agente favorecedor do fenômeno. Na mesma perspectiva, Silva (1997) evidencia que a monotongação é fortemente condicionada pelo fator fonético.

#### 4.2.5 Variável Contexto Fonético Seguinte - Uso do ditongo [aj]

Esta variável também está bem distribuída com muitos dados categóricos, principalmente na ditongação de Oclusiva Velar (2), Nasal (4), Fricativa Labiodental (22), Fricativa Alveolar (648) e Fricativa Glotal (3), enquanto na monotongação são os dados da Tepe (1). Vejamos a tabela 8 a seguir para analisarmos na variável Contexto Fonético Anterior o uso do ditongo [aj]:

Tabela 8 – Contexto Fonético Seguinte, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Contexto Fonético Seguinte	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Oclusiva Bilabial	[aj] [a]	33 1	2,30% 0,07%	97,1% 2,9%
Oclusiva Dental	[aj] [a]	2 1	0,14% 0,07%	66,7% 33,3%
Oclusiva Velar	[aj] [a]	2 0	0,14% 0%	100% 0%
Nasal	[aj] [a]	4 0	0,28% 0%	100% 0%
Tepe	[aj] [a]	0 1	0% 0,07%	0% 100%
Fricativa Labiodental	[aj] [a]	22 0	1,54% 0%	100% 0%
Fricativa Alveolar	[aj] [a]	648 0	45,25% 0%	100% 0%
Fricativa Alveopalatal	[aj] [a]	60 95	4,19% 6,63%	38,7% 61,3%
Fricativa Glotal	[aj] [a]	3 0	0,21% 0%	100% 0%
Vogal	[aj] [a]	165 1	11,52% 0,07%	99,4% 0,6%
Lateral	[aj] [a]	8 12	0,56% 0,84%	40% 60%
Final de Palavras	[aj] [a]	370 4	25,84% 0,28%	98,9% 1,1%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (11) = 779,9, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

No teste de qui-quadrado que deu  $\chi^2 (11) = 779.9$  com onze graus de liberdade, apontou uma correlação extremamente significativa entre a realização das formas padrão e inovadora e a variável Contexto Fonético Seguinte. O valor de  $\chi^2$  está bem acima de zero, e quanto maior for a distância desse valor com zero, maior vai ser a interação entre as variáveis. E o valor de  $p = 2.2e-16$  foi um valor menor que 0,001, o que indica uma interação altamente significativa. Ou seja, a variável Contexto Fonético Seguinte é estatisticamente significativa para explicar o fenômeno.

Também constatamos algo parecido em Pereira (2004), ao selecionar a variável contexto fonético seguinte como relevante, principalmente quando o ditongo é seguido de consoantes palatais e tepe. Em Freitas (2017), esta variável também foi selecionada como favorecedora da ocorrência do fenômeno. E o mesmo se aplica a Meneghini (1983), diante de fricativa palatal e tepe.

#### 4.2.6 Variável Tonicidade – Uso do ditongo [aj]

Com um total de 193 (13,48%) ocorrências de átonas e 1239 (86,52%) ocorrências de tônicas do ditongo [aj], o que a gente percebe nas proporções de uso desta variável é que há diferenciação entre o uso das formas monotongadas e ditongadas a depender da posição da sílaba tônica da palavra. Quando a sílaba é átona, o processo de ditongação se dá em torno de 77,7%, e quando é tônica, a ditongação é de 94,2%. Já em relação à monotongação, quando a sílaba é átona, a porcentagem fica em torno de 22,3%, e quando é tônica fica em torno de 5,8%. Vejamos a tabela 9 a seguir para analisarmos na variável Tonicidade o uso do ditongo [aj]:

Tabela 9 – Tonicidade, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Tonicidade	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Átona	[aj]	150	10,47%	77,7%
	[a]	43	3,01%	22,3%
Tônica	[aj]	1167	81,49%	94,2%
	[a]	72	5,03%	5,8%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 59.111, p = 1.49e-14$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Além do mais, o teste de qui-quadrado resultou em  $\chi^2 = 59.111$ , com um grau de liberdade, e apontou uma relevância estatisticamente significativa desta variável com valor de  $p$  abaixo de 0,001 ( $p = 1.49e-14$ ), o que indica que esta variável é importante na explicação deste fenômeno. Ou seja, a variável influencia diretamente a monotongação e/ou ditongação do ditongo [aj].

Em Araújo (2000), a tonicidade foi um fator julgado relevante para a monotongação. O mesmo ocorre com Silva (2024), que relaciona a variável ao apagamento da semivogal do ditongo. E seguindo os mesmos caminhos de resultados, esta variável se mostrou relevante para Freitas (2017).

#### 4.2.7 Variável Extensão do Vocábulo – Uso do ditongo [aj]

Percebemos um comportamento diferente do fenômeno a depender do tamanho do vocábulo. Por exemplo, se ele for monossílabo a probabilidade de monotongar é muito pequena, com apenas 0,02%. Já se for dissílabo, sua probabilidade sobe para 22,1%. Mas se for trissílabo, cai para 11,9%. E se for polissílabo, a probabilidade despenca para 2,95%. Então é perceptível que há diferenciação a depender da extensão do vocábulo. Vejamos a tabela 10 a seguir para analisarmos na variável Extensão do Vocábulo o uso do Ditongo [aj]:

Tabela 10 – Extensão do Vocábulo, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Extensão do Vocábulo	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Monossílabo	[aj]	920	64,24%	99,8%
	[a]	2	0,14%	0,2%
Dissílabo	[aj]	317	22,14%	77,9%
	[a]	90	6,29%	22,1%
Trissílabo	[aj]	37	2,58%	88,1%
	[a]	5	0,35%	11,9%
Polissílabo	[aj]	43	3,00%	70,5%
	[a]	18	1,26%	29,5%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (3) = 244.45, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso o teste qui-quadrado apontou o valor de  $\chi^2 = 224.45$ , com três graus de liberdade. Ou seja, um valor bem acima de zero, e quanto mais distante de zero, mais importante é a variável. Além do mais, o valor de p está menor do que 0,001 ( $p = 2.2e-16$ ), e isso indica que a variável é de extrema importância, porque o uso do ditongo e/ou monotongo sofre influência do tamanho do vocábulo.

Os resultados de Freitas (2017) mostraram grande relevância para a monotongação. Também percebemos em Araújo (2000) esse grau de relevância nos resultados. Já Ribeiro (1990) considerou a extensão do vocábulo, tendo em vista o grande número de ocorrências, e constatou que a sua extensão vocabular era altamente influenciada também pelo contexto fonológico, garantindo relevância no uso do fenômeno.

#### 4.2.8 Variável Classes de Palavras – Uso do ditongo [aj]

Também neste caso, percebemos que há comportamentos diferentes do fenômeno a depender da classe da palavra. Por exemplo, quando for substantivo, a probabilidade de monotongar é de 17,6%, quando for adjetivo é de 36,4, já quando é verbo a probabilidade é de 0,04%, e quando pertencente a outros (numerais, advérbios e pronomes) a sua probabilidade será de 1,3%. Vejamos a tabela 11 a seguir para analisarmos na variável Classes de Palavras o uso do ditongo [aj]:

Tabela 11 – Classes de Palavras, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [aj]

Classes de Palavras	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Substantivo	[aj]	364	25,42%	82,4%
	[a]	78	5,45%	17,6%
Adjetivo	[aj]	49	3,42%	63,6%
	[a]	28	1,95%	36,4%
Verbo	[aj]	284	19,83%	99,6%
	[a]	1	0,07%	0,4%
Outros	[aj]	620	43,30%	98,7%
	[a]	8	0,56%	1,3%
<b>Total</b>		<b>1.432</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (3) = 200.61, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

E deste modo, o teste de qui-quadrado que deu  $\chi^2 = 200.61$ , com três graus de liberdade, apontou relevância estatisticamente significativa entre a realização do fenômeno e a classe de palavra. Isso significa que a monotongação é um fenômeno que é influenciado também pela classe da palavra em que ocorreu o ditongo, com valor de  $p = 2.2e-16$ , um valor bem menor que 0,001, estando muito abaixo do intervalo de confiança que é de até 0,05.

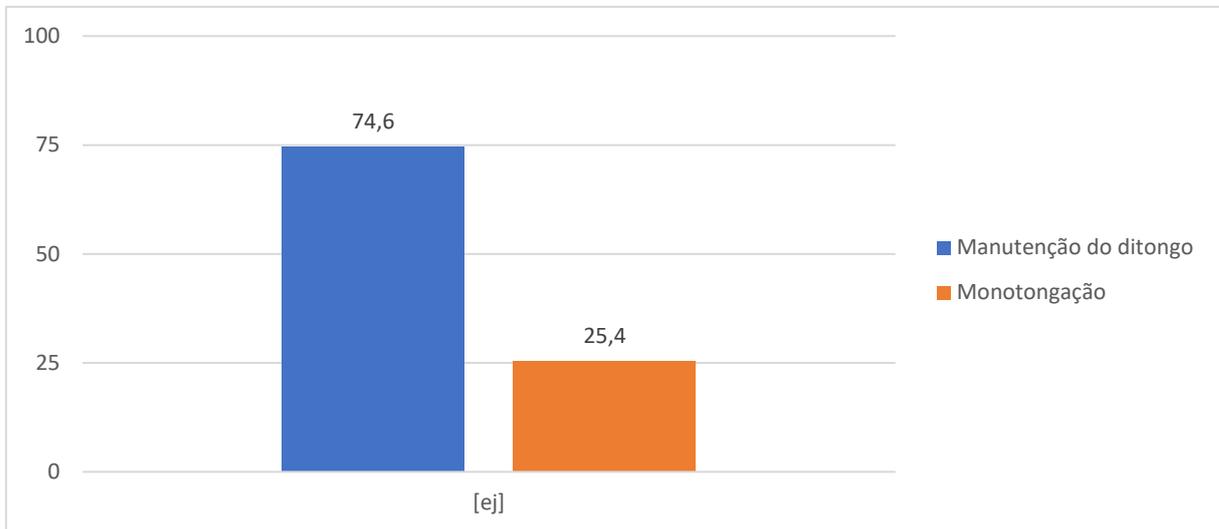
Percebemos em Oliveira (2021) que esta é uma variável levado em consideração na hora de analisar o fenômeno, e que contribui para que a monotongação seja um fenômeno variável em sua comunidade de fala. O mesmo acontece em Souza (2020) e Cysne (2016).

#### 4.3 Frequência e Proporções Específicas do ditongo [ej]

Já no que diz respeito às ocorrências do ditongo [ej], é o ditongo que possui o maior número de dados nesta pesquisa (2.705). Vemos a realização de 2.018 (74,6%) de sua forma ditongada, enquanto sua forma monotongada tem apenas 687 [25,4%] de ocorrências, em suas frequências e proporções de uso, respectivamente. Esses números nos revelam que o ditongo [ej] está definindo um pouco mais o processo de variação, embora ainda haja uma maior

proporção no uso da forma padrão em relação a forma inovadora. Vejamos de maneira isolada o ditongo [ej] no gráfico 6 seguir com sua distribuição:

Gráfico 6 – Manutenção x Monotongação do ditongo [ej]



Fonte: elaborado pelo autor.

## Variáveis Extralinguísticas

### 4.3.1 Variável Gênero – Uso do ditongo [ej]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ej] entre homens e mulheres é de 1.257 (46,47%) e 1.448 (53,53%), respectivamente. Essa porcentagem nos dá uma diferença de apenas 7,06% de maior frequência das mulheres, isso levando em consideração que neste estudo existem mais ocorrências do gênero feminino. Como dito anteriormente, essa diferença pode ter relação com a falta de cinco informantes do gênero masculino dentro do *corpus*, e isso pode ter influência direta nesta proporção. Vejamos a tabela 12 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Gênero a frequência de uso do ditongo [ej]:

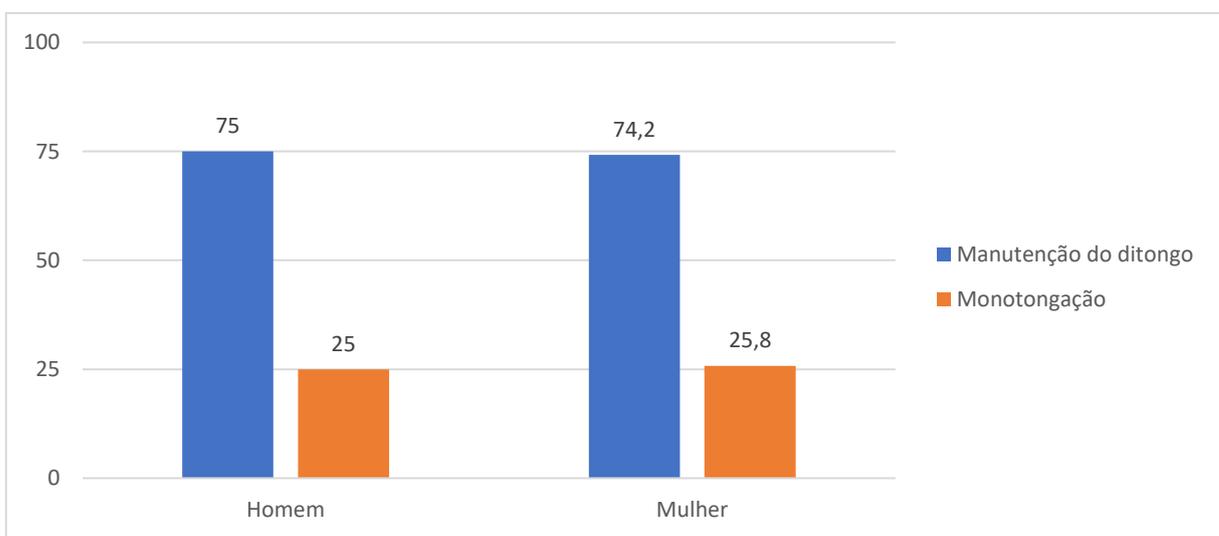
Tabela 12 – Gênero, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

Gênero	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
H	[ej]	943	34,86	75%
	[e]	314	11,61	25%
M	[ej]	1075	39,74	74,2%
	[e]	373	13,79	25,8%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 0.17664, p = 0.6743$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Constata-se que, assim como o ditongo [aj], tanto os homens quanto as mulheres ditongam mais que monotongam. Logo, possuem comportamentos linguísticos semelhantes, e isso nos leva a crer que essa é uma variável que não é relevante para explicar o fenômeno dentro de nossa análise, já que ambos possuem comportamentos parecidos diante do fenômeno variável, com uma diferença de apenas 0,8% a mais para os homens em relação à ditongação, fazendo com que as mulheres apresentem uma porcentagem maior, 25,8% em relação aos 25% dos homens, de uso da monotongação, como podemos ver no gráfico 7 abaixo:

Gráfico 7 – Variável Gênero: proporção de uso do ditongo [ej]



Fonte: elaborado pelo autor.

E para comprovar a interação entre a variável resposta e a ditongação e monotongação de [ej], foi aplicado o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ). De acordo com o teste, o resultado foi  $\chi^2 (1) = 0.17664$ ,  $p = 0.6743$ . Neste caso, para a variável gênero, o teste de qui-quadrado deu  $\chi^2 = 0.17664$ , com um grau de liberdade, tendo o resultado próximo do valor 0 (zero), mostrando-se irrelevante no processo de variação do ditongo. E o valor de  $p = 0.6743$  está bem acima do índice de significância adotado nesta pesquisa, que é de  $\leq 0,05$ . Portanto, a variável gênero não se mostrou estatisticamente relevante para a análise do fenômeno de monotongação do ditongo [ej].

Assim como em Santos e Chaves (2010), Carvalho (2007), Souza (2020), Freitas (2017), Pereira (2004) e Toledo (2011), a variável gênero não exerceu nenhuma influência significativa na monotongação do ditongo [ej], embora haja, em Cabreira (1996), relevância da ocorrência desta variável no fenômeno.

#### 4.3.2 Variável Faixa Etária – Uso do ditongo [ej]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ej] entre as três faixas etárias I 18-34 anos, II 35-54 anos e III a partir de 55 anos é de 755 (27,91%), 1.074 (39,70%) e 876 (32,39%), respectivamente. Essas porcentagens apontam uma diferença de apenas 11,79% entre a faixa etária com maior número de ocorrências do ditongo (II) e a de menor (I). Estatisticamente, são porcentagens aproximadas do valor de 1/3 (33,33%), logo inferimos que todas as três faixas etárias estão na média de uso da monotongação em relação umas às outras. Vejamos a tabela 13 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Faixa Etária a frequência de uso do ditongo [ej]:

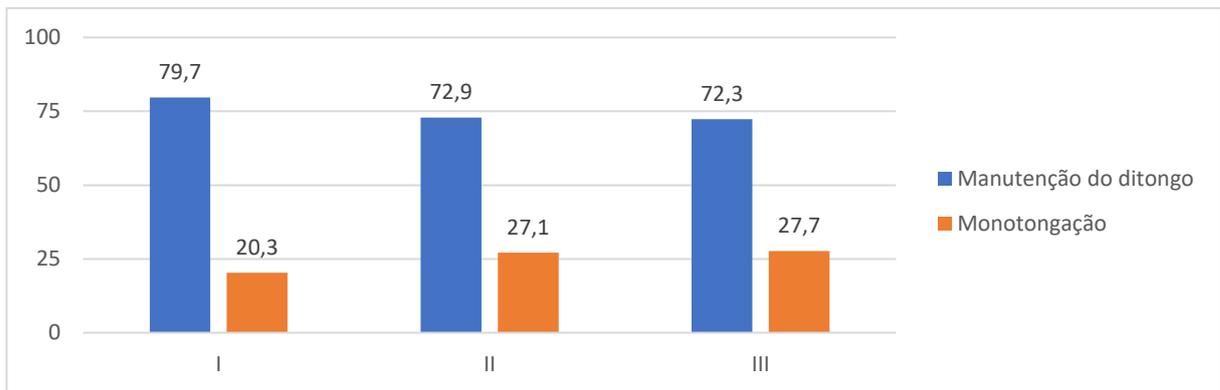
Tabela 13 – Faixa Etária, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

<b>Faixa Etária</b>	<b>Variantes</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Proporção Geral</b>	<b>Proporção Individual</b>
I 18-34 anos	[ej]	602	22,25%	79,7%
	[e]	153	5,66%	20,3%
II 35-54 anos	[ej]	783	28,95%	72,9%
	[e]	291	10,76%	27,1%
III + 55 anos	[ej]	633	23,40%	72,3%
	[e]	243	8,98%	27,7%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (2) = 14.667, p = 0.0006533$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Já em relação a faixa etária, as proporções de uso mostram um trajeto semelhante ao do ditongo [aj], no sentido de manterem a ditongação com maior uso entre os informantes nas três faixas etárias, e não serem muito distintos em suas proporções. No entanto, ainda que a ditongação esteja com maior uso e proporção, cerca de 70% de uso nas três faixas etárias, a monotongação apresenta um aumento em relação ao seu uso em comparação ao ditongo [aj], chegando na casa dos 20% em todas as faixas etárias, nos levando a crer que, embora tenha ocorrido um aumento de seu uso, essa também não é uma variável relevante para tentar explicar o fenômeno. Podemos visualizar melhor essa organização no gráfico 8 a seguir:

Gráfico 8 – Variável Faixa Etária: proporção de uso do ditongo [ej]



Fonte: elaborado pelo autor.

E com a finalidade de comprovar a interação entre a variável resposta e a ditongação e monotongação de [ej], foi aplicado o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ), do qual seu resultado foi  $\chi^2 (2) = 14.667$ ,  $p = 0.006533$ . Ou seja, o valor de  $p$  está muito abaixo de 0,05, logo ele está dentro do intervalo de confiança pré-determinado. Desta maneira, o teste de qui-quadrado, estatisticamente, encontrou no valor de  $p = 0.0006533$  uma interação significativa entre a variável faixa etária e a monotongação de [ej], embora os percentuais de uso demonstrem um comportamento parecido nas três faixas etárias, o teste apontou uma interação estatisticamente significativa, ou seja, diferenças no emprego da monotongação a depender da faixa etária. Por isso, essa é uma variável importante para explicar o fenômeno.

Diferente de nossos resultados, Santos e Chaves (2010) e Souza (2020) não apontaram relevância para a variável faixa etária em seus estudos. Entretanto, nossos resultados corroboram com os de Silva (2024) que relacionam um alto grau de significância da variável à ocorrência do fenômeno.

#### 4.3.3 Variável Grau de Escolaridade – Uso do ditongo [ej]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ej] entre o grau de escolaridade baixo e médio é de 1.333 (49,28%) e 1.372 (50,72%), respectivamente. Essa porcentagem nos dá uma diferença mínima de 1,44% do grau de escolaridade médio sobre o grau de escolaridade baixo. Vejamos a tabela 14 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Grau de Escolaridade a frequência de uso do ditongo [ej]:

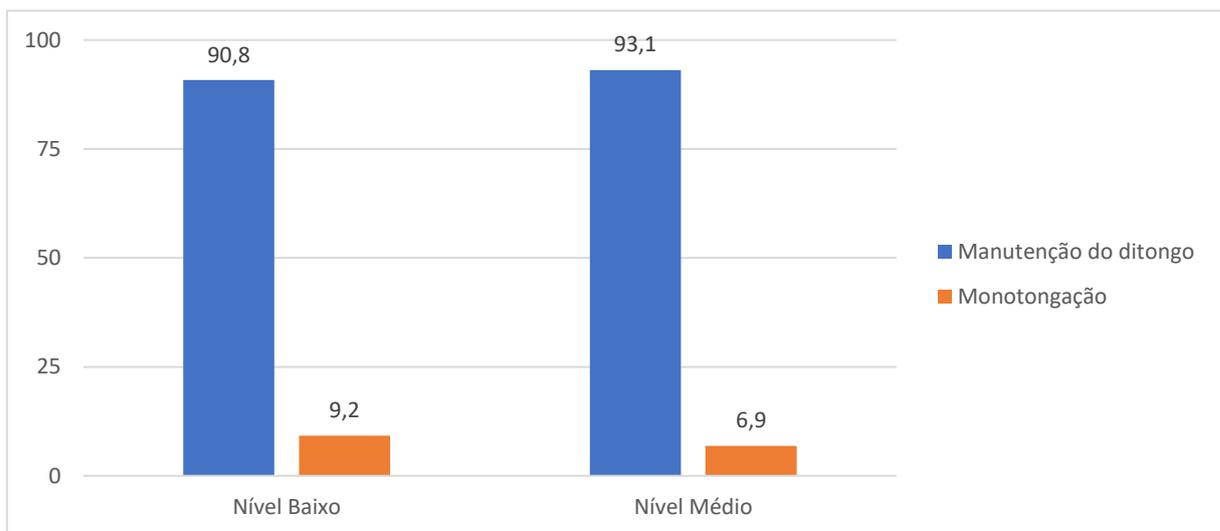
Tabela 14 – Grau de Escolaridade, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

Grau de Escolaridade	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Baixa	[ej]	954	35,27	71,6%
Até 9 anos	[e]	379	14,01	28,4%
Média	[ej]	1064	39,33	77,6%
Mais de 9 anos	[e]	308	11,39	22,4%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 12.46, p = 0.0004157$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao Grau de Escolaridade, as proporções de uso mostram um caminho bem parecido entre elas, no qual a taxa de ocorrência da variante conservadora está acima de 90% de uso, enquanto a variante inovadora não ultrapassa os 10%, dentro da comunidade, como percebemos no gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9 – Variável Grau de Escolaridade: proporção de uso do ditongo [ej]



Fonte: elaborado pelo autor.

Diante do exposto, o teste de qui-quadrado deu  $\chi^2 = 12.46$ , com um grau de liberdade, e o valor de  $p = 0.0004157$ . Quanto mais distante do valor de 0 (zero), maior o grau de importância da variante em relação ao fenômeno, e neste caso o teste deu  $\chi^2 = 12.46$ , e o valor de  $p = 0.0004157$ , sendo assim, está dentro do intervalo de confiança ( $\leq 0,05$ ). Isso significa que o teste de qui-quadrado apontou que há uma relevância estatisticamente importante entre a monotongação e a escolaridade dos informantes.

Em comparação a outros estudos, nossos resultados comungam com os de Lopes (2002) que testaram positivamente para o grau de relevância da variável Grau de Escolaridade no que se refere à ocorrência da monotongação. No entanto, também há outros trabalhos que

não testaram positivamente para essa variável, como vemos em Santos e Chaves (2010), Carvalho (2007) e Souza (2020).

## Variáveis Linguísticas

### 4.3.4 Variável Contexto Fonético Anterior – Uso do ditongo [ej]

Esta variável está bem distribuída com muitas ocorrências e, também, células vazias, ou seja, com dados categóricos, como em Começo de Palavras que é categórico para a ditongação (5). Vejamos a tabela 15 a seguir para analisarmos na variável Contexto Fonético Anterior o uso do ditongo [ej]:

Tabela 15 – Contexto Fonético Anterior, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

Contexto Fonético Anterior	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Oclusiva Bilabial	[ej]	98	3,62%	56,3%
Oclusiva Dental	[e]	76	2,81%	47,3%
Oclusiva Velar	[ej]	356	13,16%	78,9%
Nasal	[e]	95	3,51%	21,1%
Tepe	[ej]	121	4,48%	76,6%
	[e]	37	1,37%	23,4%
	[ej]	325	12,02%	68,1%
	[e]	152	5,62%	31,9%
Fricativa Labiodental	[ej]	122	4,51%	75,3%
	[e]	40	1,48%	24,7%
Fricativa Alveolar	[ej]	218	8,06%	68,1%
Fricativa Alveopalatal	[e]	102	3,77%	31,9%
	[ej]	493	18,23%	92,7%
	[e]	39	1,44%	7,3%
	[ej]	99	3,66%	59%
	[e]	68	2,51%	41%
	[ej]	33	1,22%	73,3%
	[e]	12	0,44%	26,7%
Vogal Lateral	[ej]	26	0,96%	40,6%
	[e]	38	1,41%	59,4%
Começo de Palavras	[ej]	122	4,51%	81,3%
	[e]	28	1,03%	18,7%
	[ej]	5	0,18%	100%
	[e]	0	0%	0%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (12) = 210.69, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

No teste de qui-quadrado desta variável que resultou em  $\chi^2 = 210.69$ , com doze graus de liberdade, e  $p = 2.2e-16$ , conseqüentemente revelou-se extremamente significativa para explicar o fenômeno, com altas taxas de ocorrências do fenômeno da monotongação,

principalmente quando o ditongo é precedido de Vogal, com um percentual de ocorrência maior em sua forma monotongada (59,4%) em relação a sua forma ditongada (40,6%).

Os resultados obtidos vão de encontro ao dos resultados de Araújo (2000) e Pereira (2004) que não consideram o contexto fonético anterior, mas o seguinte, como relevante para a monotongação.

#### 4.3.5 Variável Contexto Fonético Seguinte – Uso do ditongo [ej]

Esta variável também está bem distribuída com muitos dados categóricos, principalmente na ditongação de Nasal (14), Fricativa Alveolar (132), e valor equilibrado na Fricativa Glotal (1 para ditongação e 1 para monotongação). Vejamos a tabela 16 a seguir para analisarmos na variável Contexto Fonético Anterior o uso do ditongo [ej]:

Tabela 16 – Contexto Fonético Seguinte, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

Contexto Fonético Seguinte	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Oclusiva Dental	[ej]	390	14,42%	99,5%
	[e]	2	0,07%	0,5%
Oclusiva Velar	[ej]	7	0,26%	17,5%
	[e]	33	1,22%	82,5%
Nasal Velar	[ej]	14	0,52%	100%
	[e]	0	0%	0%
Tepe	[ej]	323	11,94%	47,6%
	[e]	356	13,16%	52,4%
Fricativa Alveolar	[ej]	132	4,88%	100%
	[e]	0	0%	0%
Fricativa Alveopalatal	[ej]	90	3,33%	30,5%
	[e]	203	7,50%	69,5%
Fricativa Glotal	[ej]	1	0,04%	50%
	[e]	1	0,04%	50%
Vogal Alveopalatal	[ej]	187	6,91%	67,8%
	[e]	89	3,29%	32,2%
Final de Palavras	[ej]	874	32,31%	99,7%
	[e]	3	0,11%	0,3%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (9) = 1107, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

No teste de qui-quadrado que deu  $\chi^2 (9) = 1.107$ , com nove graus de liberdade, apontou uma correlação extremamente significativa entre a realização das formas padrão e inovadora e a variável Contexto Fonético Seguinte. O valor de  $\chi^2$  está bem acima de zero, e quanto maior for a distância desse valor com zero, maior vai ser a interação entre as variáveis. E o valor de  $p = 2.2e-16$  foi um valor menor que 0,001, o que indica uma interação altamente

significativa. Ou seja, a variável Contexto Fonético Seguinte é estatisticamente significativa para explicar o fenômeno.

Os resultados não corroboram com os de Araújo (2000), que não foi selecionado como relevante. Mas, para Ribeiro (1990), destacou-se como uma variável estatisticamente influente na ocorrência do fenômeno.

#### 4.3.6 Variável Tonicidade – Uso do ditongo [ej]

Com um total de 355 (13,12%) ocorrências de átonas e 2.350 (87,88%) ocorrências de tônicas do ditongo [aj], o que a gente percebe nas proporções de uso desta variável é que há diferenciação entre o uso das formas monotongadas e ditongadas a depender da posição da sílaba tônica da palavra. Quando a sílaba é átona, o processo de ditongação se dá em torno de 65,1%, e quando é tônica, a ditongação é de 76,02%. Já em relação à monotongação, quando a sílaba é átona, a porcentagem fica em torno de 34,9%, e quando é tônica fica em torno de 24,0%. Vejamos a tabela 17 a seguir para analisarmos na variável Tonicidade o uso do ditongo [ej]:

Tabela 17 – Tonicidade, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

Tonicidade	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Átona	[ej]	231	8,54%	65,1%
	[e]	124	4,59%	34,9%
Tônica	[ej]	1.787	66,06%	76%
	[e]	563	20,81%	24%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 19.021, p = 1.293e-05$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Além do mais, o teste de qui-quadrado resultou em  $\chi^2 = 19.021$ , com um grau de liberdade, e apontou uma relevância estatisticamente significativa desta variável com valor de p abaixo de 0,001 ( $p = 1.293e-05$ ), o que indica que esta variável é importante na explicação deste fenômeno. Ou seja, a variável influencia diretamente a monotongação do ditongo [ej] na variável Tonicidade.

Araújo (2000), nas sílabas tônicas e Santos e Chaves (2010), que influenciou com menor impacto, e recortado no contexto de palavras polissílabas, confirmam a relevância apontada nos resultados obtidos sobre a relevância da variável tonicidade na ocorrência da monotongação.

#### 4.3.7 Variável Extensão do Vocábulo – Uso do ditongo [ej]

Percebemos um comportamento diferente do fenômeno a depender do tamanho do vocábulo. Por exemplo, se ele for monossílabo a probabilidade de monotongar é muito pequena, com apenas 0,7%. Já se for dissílabo, sua probabilidade sobe para 25,3%. Mas se for trissílabo, cai para 28,4%. E se for polissílabo, a probabilidade sobe para 40,3%. Então é perceptível que há diferenciação a depender da extensão do vocábulo. Desta maneira, há uma crescente em suas proporções. Vejamos a tabela 18 a seguir para analisarmos na variável Extensão do Vocábulo o uso do ditongo [ej]:

Tabela 18 – Extensão do Vocábulo, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

Extensão do Vocábulo	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Monossílabo	[ej]	294	10,87%	99,3%
	[e]	2	0,07%	0,7%
Dissílabo	[ej]	841	31,09%	74,7%
	[e]	285	10,54%	25,3%
Trissílabo	[ej]	704	26,03%	71,6%
	[e]	279	10,31%	28,4%
Polissílabo	[ej]	179	6,62%	59,7%
	[e]	121	4,47%	40,3%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (3) = 135.43, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso o teste qui-quadrado apontou o valor de  $\chi^2 = 135.43$ , com três graus de liberdade. Ou seja, um valor bem acima de zero, e quanto mais distante de zero, mais importante é a variável. Além do mais, o valor de p está menor do que 0,001 ( $p = 2.2e-16$ ), e isso indica que a variável é de extrema importância, porque o uso do ditongo e/ou monotongo sofre influência do tamanho do vocábulo.

Confirmando nossos resultados, encontramos nos trabalhos de Ribeiro (1990), Coelho e Naumann (1994) e Freitas (2017) resultados semelhantes ao que se relaciona à ocorrência da monotongação.

#### 4.3.8 Variável Classes de Palavras – Uso do ditongo [ej]

Também neste caso, percebemos que há comportamentos diferentes do fenômeno a depender da classe da palavra. Por exemplo, quando for substantivo, a probabilidade de monotongar é de 46,4%, quando for adjetivo é de 28,4, já quando é verbo a probabilidade é de 1,7%, e quando pertencente a outros (numerais, advérbios e pronomes) a sua probabilidade será

de 16,2%. Vejamos a tabela 19 a seguir para analisarmos na variável Classe de Palavras o uso do ditongo [ej]:

Tabela 19 – Classes de Palavras, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ej]

<b>Classes de Palavras</b>	<b>Variantes</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Proporção Geral</b>	<b>Proporção Individual</b>
Substantivo	[ej]	707	26,14%	53,6%
	[e]	611	22,59%	46,4%
Adjetivo	[ej]	48	1,77%	71,6%
	[e]	19	0,70%	28,4%
Verbo	[ej]	1067	39,45%	98,3%
	[e]	19	0,70%	1,7%
Outros	[ej]	196	7,25%	83,8%
	[e]	38	1,40%	16,2%
<b>Total</b>		<b>2.705</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (3) = 636.82, p = 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

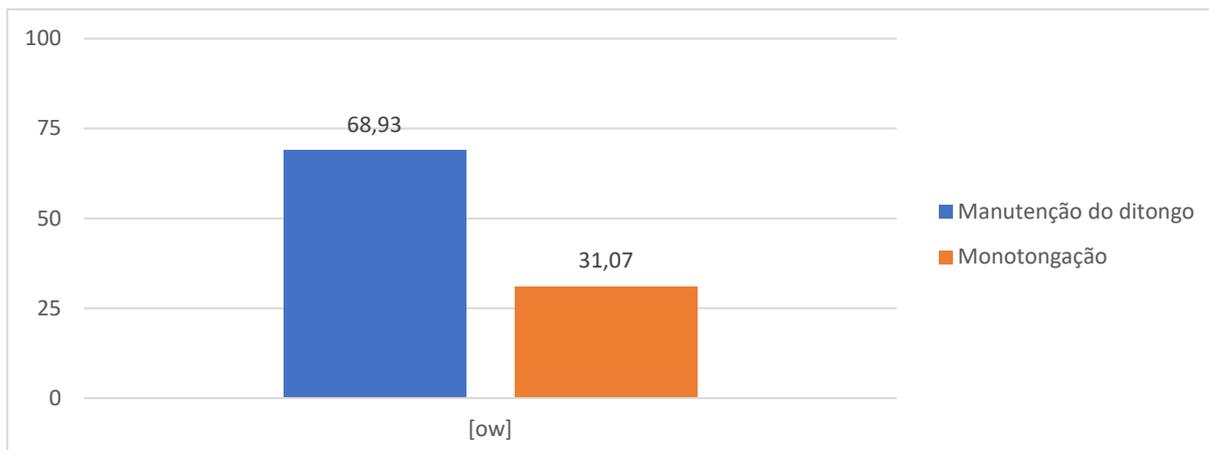
E deste modo, o teste de qui-quadrado que deu  $\chi^2 = 636.82$ , com três graus de liberdade, apontou relevância estatisticamente significativa entre a realização do fenômeno e a classe de palavra. Isso significa que a monotongação é um fenômeno que é influenciado também pela classe da palavra em que ocorreu o ditongo, com valor de  $p = 2.2e-16$ , um valor bem menor que 0,001, estando muito abaixo do intervalo de confiança que é de até 0,05.

Assim como percebido nos resultados do ditongo [aj], nos demos conta que em Oliveira (2021) esta é uma variável levada em consideração na hora de analisar o fenômeno, e que contribui para que a monotongação seja um fenômeno variável em sua comunidade de fala. O mesmo acontece em Souza (2020) e Cysne (2016).

#### 4.4 Frequência e Proporções Específicas do ditongo [ow]

Já no que diz respeito às ocorrências do ditongo [ow], é o ditongo que se mostra mais variável em seus usos - manutenção e monotongação (1.535). Vemos a realização de 1.058 (68,93%) de sua forma ditongada, enquanto sua forma monotongada tem 477 [31,07%] de ocorrências, em suas frequências e proporções de uso, respectivamente. Esses números nos revelam que o ditongo [ow], dentre os três estudados, é o que mais apresenta variação em seu uso dentro da comunidade de fala, embora ainda haja uma maior proporção no uso da forma padrão em relação a forma inovadora. Vejamos de maneira isolada o ditongo [ow] no gráfico 10 seguir com sua distribuição:

Gráfico 10 – Manutenção x Monotongação do ditongo [ow]



Fonte: elaborado pelo autor.

## Variáveis Extralinguísticas

### 4.4.1 Variável Gênero – Uso do ditongo [ow]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ow] entre homens e mulheres é de 752 (48,99%) e 783 (51,01%), respectivamente. Essa porcentagem nos dá uma diferença de apenas 2,02% de maior frequência das mulheres, isso levando em consideração que neste estudo existem mais ocorrências do gênero feminino. Como dito anteriormente, essa diferença pode ter relação com a falta de cinco informantes do gênero masculino dentro do *corpus*, e isso pode ter influência direta nesta proporção. Vejamos a tabela 20 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Gênero a frequência de uso do ditongo [ow]:

Tabela 20 – Gênero, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

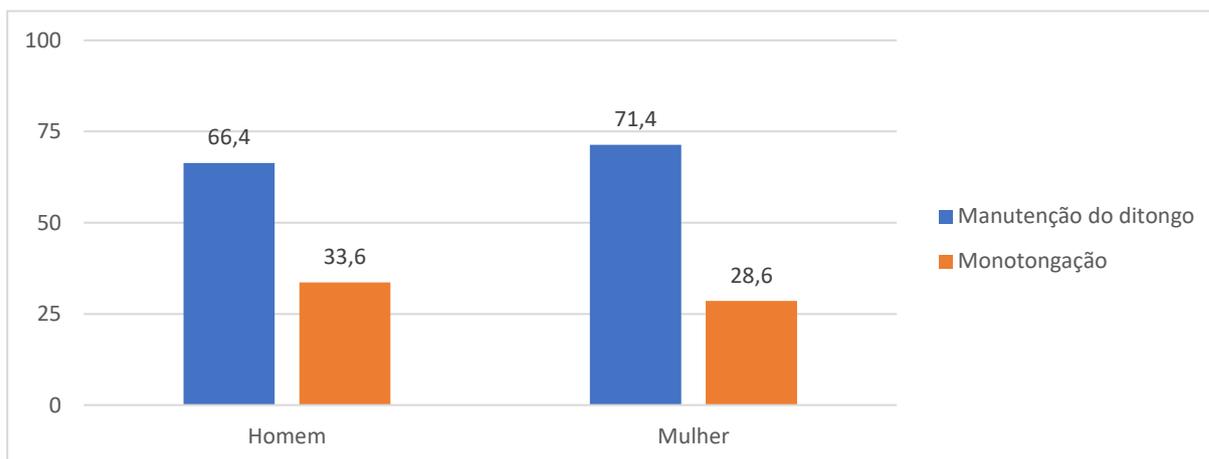
Gênero	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
H	[ow]	499	32,51%	66,4%
	[o]	253	16,48%	33,6%
M	[ow]	559	36,42%	71,4%
	[o]	224	14,59%	28,6%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 4.3095, p = 0.0379$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Constata-se que, assim como os ditongos [aj] e [ej], tanto os homens quanto as mulheres ditongam mais que monotongam. Logo, possuem comportamentos linguísticos semelhantes, e isso nos leva a crer que essa é uma variável que não é relevante para explicar o fenômeno dentro de nossa análise, já que ambos possuem comportamentos parecidos diante do

fenômeno variável, com uma diferença de apenas 3,91% a mais para as mulheres em relação à ditongação, fazendo com que os homens apresentem uma porcentagem maior, 33,6% em relação aos 28,6% das mulheres, de uso da monotongação, como podemos ver no gráfico 11 abaixo:

Gráfico 11 – Variável Gênero: proporção de uso do ditongo [ow]



Fonte: elaborado pelo autor.

E para comprovar a interação entre a variável resposta e a ditongação e monotongação de [ow], foi aplicado o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ). De acordo com o teste, o resultado foi  $\chi^2 (1) = 4.3095$ ,  $p = 0.0379$ . Neste caso, para a variável gênero, o teste de qui-quadrado deu  $\chi^2 = 4.3095$ , com um grau de liberdade, tendo o resultado relativamente próximo do valor 0 (zero), mostrando-se irrelevante no processo de variação do ditongo. E o valor de  $p = 0.0379$  está abaixo do índice de significância adotado nesta pesquisa, que é de  $\leq 0,05$ . Portanto, a variável gênero se mostrou estatisticamente relevante para a análise do fenômeno de monotongação do ditongo [ow].

Nossos resultados se contrapõem aos de Carvalho (2007), Santos e Chaves (2010) e Freitas (2017) no qual não tem influência significativa. Com isso, é notória a relevância desta variável para a compreensão da ocorrência da monotongação.

#### 4.4.2 Variável Faixa Etária – Uso do ditongo [ow]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ow] entre as três faixas etárias I 18-34 anos, II 35-54 anos e III a partir de 55 anos é de 416 (27,10%), 617 (40,20%) e 502 (32,70%), respectivamente. Essas porcentagens apontam uma diferença de apenas 13,10% entre a faixa etária com maior número de ocorrências do ditongo (II) e a de menor (I). Estatisticamente, são porcentagens aproximadas do valor de 1/3 (33,33%), logo inferimos que todas as três faixas etárias estão na média de uso da

monotongação em relação umas às outras. Vejamos a tabela 21 a seguir para analisarmos, mais detalhadamente, na variável Faixa Etária a frequência de uso do ditongo [ow]:

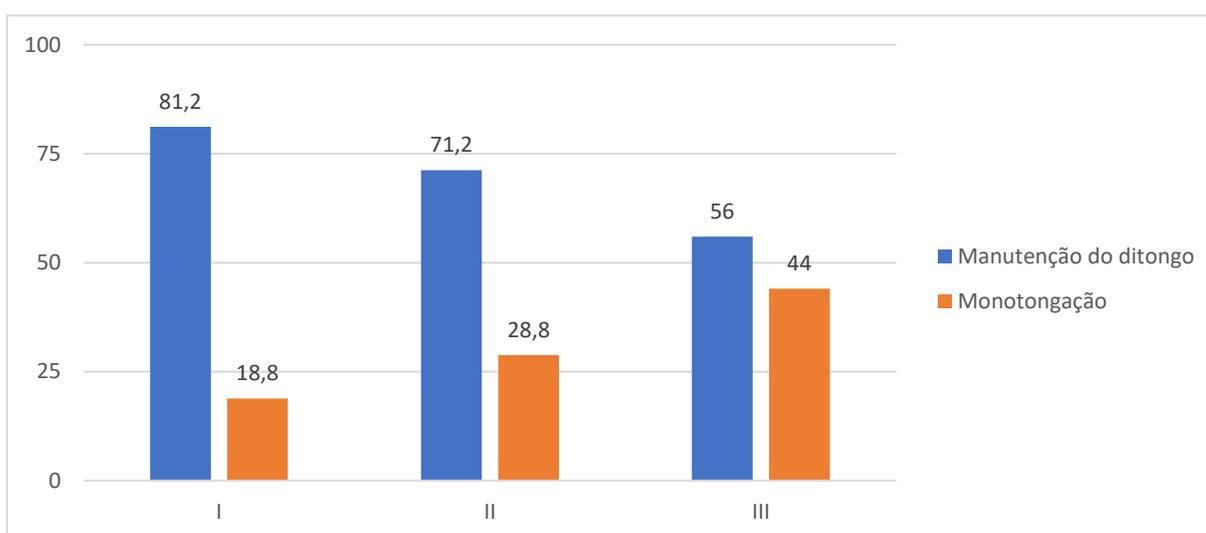
Tabela 21 – Faixa Etária, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Faixa Etária	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
I 18-34 anos	[ow]	338	22,02%	81,2%
	[o]	78	5,08%	18,8%
II 35-54 anos	[ow]	439	28,60%	71,2%
	[o]	178	11,59%	28,8%
III + 55 anos	[ow]	281	18,31%	56%
	[o]	221	14,40%	44%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (2) = 70.23, p = 5.62e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Já em relação a faixa etária, as proporções de uso mostram um trajeto semelhante aos dos ditongos [aj] e [ej], no sentido de manterem a ditongação com maior uso entre os informantes nas três faixas etárias, e não serem muito distintos em suas proporções. No entanto, ainda que a ditongação esteja com maior uso e proporção, cerca de 68,92% de uso nas três faixas etárias, a monotongação apresenta um aumento em relação ao seu uso em comparação aos ditongos [aj] e [ej], chegando em 31,08% em todas as faixas etárias, nos levando a crer que, embora tenha ocorrido um aumento de seu uso, essa forma ainda não é uma variável relevante para explicar o fenômeno, embora já caminhe para concorrer com a forma padrão em seu uso na norma da comunidade. Podemos visualizar melhor essa organização no gráfico 12 abaixo:

Gráfico 12 – Variável Faixa Etária: proporção de uso do ditongo [ow]



Fonte: elaborado pelo autor.

E com a finalidade de comprovar a interação entre a variável resposta e a ditongação e monotongação de [ow], foi aplicado o teste de qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ), do qual seu resultado foi  $\chi^2 (2) = 70.23$ ,  $p = 5.62e-16$ . Ou seja, o valor de p está muito abaixo de 0,05, logo ele está dentro do intervalo de confiança pré-determinado. Desta maneira, o teste de qui-quadrado, estatisticamente, encontrou no valor de  $p = 5.62e-16$  uma interação significativa entre a variável faixa etária e a monotongação de [ow], embora os percentuais de uso demonstrem um comportamento parecido nas três faixas etárias, o teste apontou uma interação estatisticamente significativa, ou seja, diferenças no emprego da monotongação a depender da faixa etária. Por isso, essa é uma variável importante para explicar o fenômeno.

Nossos resultados estão em conformidade com os resultados de Silva (2024), que possui essa variável como grau de significância importante para explicar o fenômeno. Mas em relação os resultados de Santos e Chaves (2010) e Souza (2020), não há essa mesma conformidade.

#### 4.4.3 Variável Grau de Escolaridade – Uso do ditongo [ow]

De maneira geral, os dados mostram que a frequência e proporção dos usos do ditongo [ow] entre a escolaridade baixa e média é de 790 (51,47%) e 745 (48,53%), respectivamente. Essa porcentagem nos dá uma diferença mínima de 2,94% da escolaridade baixa sob a escolaridade média. Vejamos a tabela 22 a seguir para analisarmos mais detalhadamente a variável escolaridade do Ditongo [ow]:

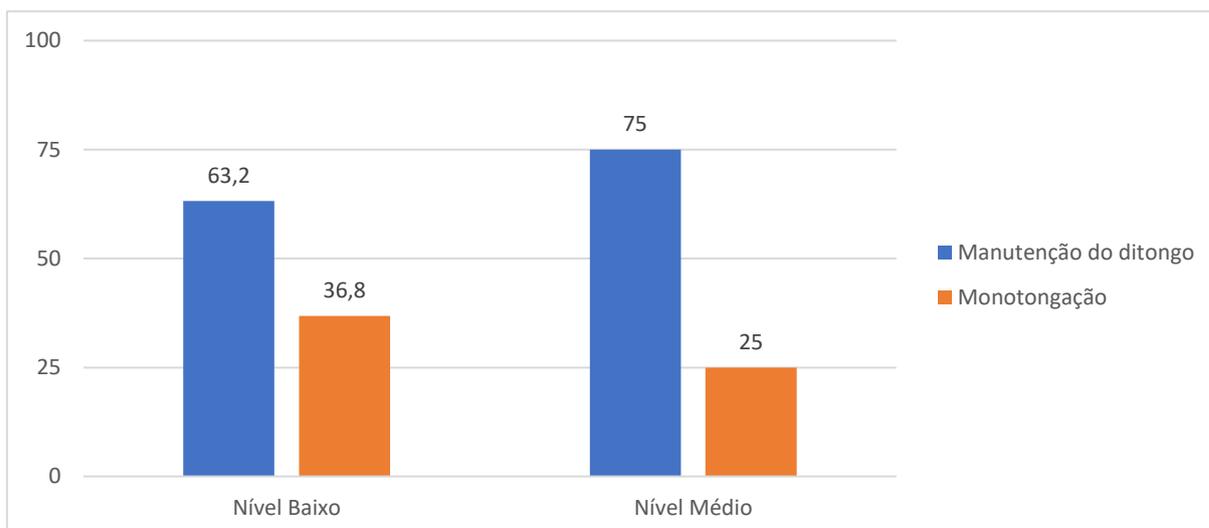
Tabela 22 – Grau de Escolaridade, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Grau de Escolaridade	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Baixa	[ow]	499	32,51%	63,2%
Até 9 anos	[o]	291	18,96%	36,8%
Média	[ow]	559	36,42%	75%
Mais de 9 anos	[o]	186	12,11%	25%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 24.667, p = 6.813e-07$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao Grau de Escolaridade, as proporções de uso mostram um caminho bem parecido entre elas, no qual a taxa de ocorrência da variante conservadora está em 63,2% para o grau de escolaridade baixo e 75% para o grau de escolaridade médio, enquanto a variante inovadora está em 36,8% e 25%, respectivamente, como percebemos no gráfico 13 a seguir:

Gráfico 13 – Variável Grau de Escolaridade: proporção de uso do ditongo [ow]



Fonte: elaborado pelo autor.

Diante do exposto, o teste de qui-quadrado deu  $\chi^2 = 24.667$ , com um grau de liberdade, e o valor de  $p = 6.813e-07$ . Quanto mais distante do valor de 0 (zero), maior o grau de importância da variante em relação ao fenômeno, e neste caso o teste deu  $\chi^2 = 24.667$ , e o valor de  $p = 6.812e-07$ , sendo assim, está dentro do intervalo de confiança ( $\leq 0,05$ ). Isso significa que o teste de qui-quadrado apontou que há uma relevância estatisticamente importante entre a monotongação e o grau de escolaridade dos informantes.

Assim como Lopes (2002) apontou uma relevância nesta variável para a ocorrência da monotongação, os resultados vão ao encontro dos nossos que encontraram relevância para explicar o fenômeno. Entretanto, essa mesma relevância não foi encontrada em Santos e Chaves (2010) e Carvalho (2007).

## Variantes Linguísticas

### 4.4.4 Variável Contexto Fonético Anterior – Uso do ditongo [ow]

Esta variável está bem distribuída com muitas ocorrências, com doze fatores em que ocorre o fenômeno. Vejamos a tabela 23 a seguinte para analisarmos na variável Contexto Fonético Anterior o uso do ditongo [ow]:

Tabela 23 – Contexto Fonético Anterior, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Contexto Fonético Anterior	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Oclusiva	[ow]	105	6,84%	89%
Bilabial	[o]	13	0,85%	11%
Oclusiva	[ow]	115	7,49%	54,2%
Dental	[o]	97	6,32%	45,8%
Oclusiva	[ow]	83	5,41%	64,8%
Velar	[o]	45	2,93%	35,2%
Nasais	[ow]	68	4,43%	87,2%
	[o]	10	0,65%	12,8%
Tepe	[ow]	30	1,95%	78,9%
	[o]	8	0,52%	21,1%
Fricativa	[ow]	150	9,77%	78%
Labiodental	[o]	42	2,74%	22%
Fricativa	[ow]	161	10,49%	63,1%
Alveolar	[o]	94	6,12%	36,9%
Fricativa	[ow]	9	0,59%	75%
Alveopalatal	[o]	3	0,20%	25%
Fricativa	[ow]	28	1,82%	39,4%
Glotal	[o]	43	2,80%	60,6%
Vogal	[ow]	10	0,65%	90,9%
	[o]	1	0,07%	9,1%
Lateral	[ow]	14	0,91%	32,6%
	[o]	29	1,89%	67,4%
Começo de Palavras	[ow]	285	18,57%	75,6%
	[o]	92	5,99%	24,4%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (12) = 136.11, p < 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

No teste de qui-quadrado desta variável que resultou em  $\chi^2 = 163.11$ , com doze graus de liberdade, e  $p < 2.2e-16$ , conseqüentemente, revelou-se muito significativa para explicar o fenômeno, com altas taxas de ocorrências do fenômeno da monotongação, principalmente quando o ditongo é precedido de Fricativa Glotal (60,6%) e Lateral (67,4%), com um percentual de ocorrência maior em sua forma monotongada (60,6% e 67,4%) em relação a sua forma ditongada (39,4% e 32,6%), respectivamente.

Assim como no ditongo [ej], os resultados obtidos vão de encontro ao dos resultados de Araújo (2000) e Pereira (2004) que não consideram o contexto fonético anterior, mas o seguinte, como relevante para a monotongação.

#### 4.4.5 Variável Contexto Fonético Seguinte – Uso do ditongo [ow]

Diferente dos ditongos [aj] e [ej], esta variável não possui nenhum dado categórico. Vejamos a tabela 24 a seguir para analisarmos na variável Contexto Fonético Anterior o uso do ditongo [ow]:

Tabela 24 – Contexto Fonético Seguinte, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Contexto Fonético Seguinte	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Oclusiva	[ow]	34	2,22%	40,5%
Bilabial	[o]	50	3,26%	59,5%
Oclusiva	[ow]	230	14,98%	84,2%
Dental	[o]	43	2,80%	15,8%
Oclusiva	[ow]	93	6,06%	84,5%
Velar	[o]	17	1,11%	15,5%
Tepe	[ow]	34	2,22%	14,8%
	[o]	195	12,70%	85,2%
Fricativa	[ow]	29	1,89%	56%
Labiodental	[o]	22	1,43%	44%
Fricativa	[ow]	11	0,72%	61,1%
Alveolar	[o]	7	0,45%	38,9%
Fricativa	[ow]	3	0,20%	37,5%
Alveopalatal	[o]	5	0,33%	62,5%
Final de	[ow]	625	40,71%	82%
Palavras	[o]	137	8,92%	18%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (8) = 458.21, p < 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

No teste de qui-quadrado que deu  $\chi^2 (8) = 458.21$ , com oito graus de liberdade, apontou uma correlação extremamente significativa entre a realização das formas padrão e inovadora e a variável Contexto Fonético Seguinte. O valor de  $\chi^2$  está bem acima de zero, e quanto maior for a distância desse valor com zero, maior vai ser a interação entre as variáveis. E o valor de  $p < 2.2e-16$  foi um valor menor que 0,001, o que indica uma interação altamente significativa. Ou seja, a variável Contexto Fonético Seguinte é estatisticamente significativa para explicar o fenômeno.

Nossos resultados estão em conformidade com os resultados de Paiva (1990), Coelho e Naumann (1994), Araújo (2000), Santos e Chaves (2010), Freitas (2017) que encontraram na variável contexto fonético seguinte relevância estatística para explicar o fenômeno.

#### 4.4.6 Variável Tonicidade – Uso do ditongo [ow]

Com um total de 109 (7,10%) ocorrências de átonas e 1.426 (92,90%) ocorrências de tônicas do ditongo [ow], o que a gente percebe nas proporções de uso desta variável é que há pouca diferenciação entre o uso das formas monotongadas e ditongadas a depender da posição da sílaba tônica da palavra, pois a proporção de uso da forma padrão é elevada, com mais de 90% de uso. Já em relação as proporções de uso de cada fator, averiguamos uma aproximação do uso das variáveis em cada fator, como quando a sílaba é átona, o processo de ditongação se dá em torno de 59,6%, e quando é tônica, a ditongação é de 69,6%. Já em relação à monotongação, quando a sílaba é átona, a porcentagem fica em torno de 40,4%, e quando é tônica fica em torno de 69,6%. Vejamos a tabela 25 a seguir para analisarmos na variável Tonicidade o uso do ditongo [ow]:

Tabela 25 – Tonicidade, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Tonicidade	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Átona	[ow]	65	4,23%	59,6%
	[o]	44	2,87%	40,4%
Tônica	[ow]	993	64,69%	69,6%
	[o]	433	28,21%	30,4%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (1) = 4.2744, p < 0.03869$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Além do mais, o teste de qui-quadrado resultou em  $\chi^2 = 4.2744$ , com um grau de liberdade, e apontou uma relevância estatisticamente significativa desta variável com valor de p abaixo de 0,05 ( $p = 0.03869$ ), o que indica que esta variável é importante na explicação deste fenômeno. Ou seja, a variável influencia diretamente a monotongação do ditongo [ow] na variável Tonicidade.

Nossos resultados estão em conformidade com os resultados de Araújo (2000), Santos e Chaves (2010), Cysne (2016) e Silva (2024), ao elegerem a variável tonicidade como relevante para a ocorrência do fenômeno.

#### 4.4.7 Variável Extensão do Vocábulo – Uso do ditongo [ow]

Percebemos um comportamento diferente do fenômeno a depender do tamanho do vocábulo. Por exemplo, se ele for monossílabo a probabilidade de monotongar é de apenas 26,3%. Já se for dissílabo, sua probabilidade sobe um pouco e vai para 27,1%. Mas se for trissílabo, já sobe para 47,7%. E se for polissílabo, a probabilidade sobe para 56%. Percebemos então que a variante inovadora de [ow] nos vocábulos polissílabos já se sobressai em relação

ao uso de sua forma padrão, e que nos vocábulos trissílabos já se encontra próximo de 50% de uso, concorrendo com a forma ditongada. Então é perceptível que há diferenciação a depender da extensão do vocábulo. Desta maneira, há uma crescente em suas proporções. Vejamos a tabela 26 a seguir para analisarmos na variável Extensão do Vocábulo o uso do ditongo [ow]:

Tabela 26 – Extensão do Vocábulo, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Extensão do Vocábulo	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Monossílabo	[ow]	294	19,15%	73,7%
	[o]	105	6,84%	26,3%
Dissílabo	[ow]	616	40,13%	72,9%
	[o]	229	14,92%	27,1%
Trissílabo	[ow]	126	8,21%	52,3%
	[o]	115	7,49%	47,7%
Polissílabo	[ow]	22	1,43%	44%
	[o]	28	1,83%	56%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (3) = 56.12, p = 3.96e-12$				

Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso, o teste qui-quadrado apontou o valor de  $\chi^2 = 56.12$ , com três graus de liberdade. Ou seja, um valor bem acima de zero, e quanto mais distante de zero, mais importante é a variável. Além do mais, o valor de p está menor do que 0,001 ( $p = 3.96e-12$ ), e isso indica que a variável é de extrema importância, porque o uso do ditongo e/ou monotongo sofre influência do tamanho do vocábulo.

Confirmando nossos resultados, assim como no ditongo [ej], encontramos nos trabalhos de Ribeiro (1990), Coelho e Naumann (1994) e Freitas (2017) resultados semelhantes ao que se relaciona à ocorrência da monotongação.

#### 4.4.8 Variável Classes de Palavras – Uso do ditongo [ow]

Também neste caso, percebemos que há comportamentos diferentes do fenômeno a depender da classe da palavra. Por exemplo, quando for substantivo, a probabilidade de monotongar é de 75,5%, e quando for adjetivo é de 75,9%, ultrapassando os 50% de proporção entre as formas em concorrência, ressaltando a sua mudança em progresso dentro desses dois fatores da classe de palavras. Já quando é verbo a probabilidade é de 20,3%, e quando pertencente a outros (numerais, advérbios e pronomes) a sua probabilidade será de 11,2%, números que ainda não apresentam valor significativo para se pensar em uma variação estável. Vejamos a tabela 27 a seguir para analisarmos a variável Classe de Palavras do Ditongo [ow]:

Tabela 27 – Classes de Palavras, Variantes, Ocorrências, Proporções Geral e Individual do ditongo [ow]

Classes de Palavras	Variantes	Ocorrências	Proporção Geral	Proporção Individual
Substantivo	[ow]	81	5,28%	24,5%
	[o]	250	16,29%	75,5%
Adjetivo	[ow]	7	0,46%	24,1%
	[o]	22	1,43%	75,9%
Verbo	[ow]	620	40,39%	79,7%
	[o]	158	10,29%	20,3%
Outros	[ow]	350	22,80%	88,2%
	[o]	47	3,06%	11,8%
<b>Total</b>		<b>1.535</b>	<b>100,00%</b>	
$\chi^2 (3) = 443.24, p < 2.2e-16$				

Fonte: elaborado pelo autor.

E deste modo, o teste de qui-quadrado que deu  $\chi^2 = 443.24$ , com três graus de liberdade, apontou relevância estatisticamente significativa entre a realização do fenômeno e a classe de palavra. Isso significa que a monotongação é um fenômeno que é influenciado também pela classe da palavra em que ocorreu o ditongo, com valor de  $p = 2.2e-16$ , um valor bem menor que 0,001, estando muito abaixo do intervalo de confiança que é de até 0,05.

Nossos resultados estão em conformidade com o que foi utilizado e constatado também nos trabalhos de Cysne (2016), Souza (2020) e Oliveira (2021), que entendem que a variável classe de palavras é relevante para a ocorrência da monotongação.

## 5 CONCLUSÃO

Diante dos resultados de nossa análise, das 5.672 ocorrências analisadas, o ditongo [ej] foi o que mais teve ocorrências neste estudo, com 2.705 ocorrências, cerca de 47,70% do total dos ditongos. Entretanto, o ditongo que mais apresentou proporção de uso de sua forma monotongada foi o ditongo [ow], com 31,1%. Com isso, veremos alguns resultados que julgamos importantes para explicar essas ocorrências dentro da Comunidade Quilombola de Conceição dos Caetanos no município de Tururu/CE.

De maneira geral, a forma inovadora dos ditongos se apresentou com cerca de 22,62%, e esse é um número notável em relação a forma padrão, e com isso, observamos uma regra variável em todos os ditongos, pois há uma disputa entre suas formas ditongadas e monotongadas pelo domínio de seu uso. E entre os 3 ditongos analisados, o ditongo [aj] se apresentou em fase inicial no processo de variação, com apenas 8,03% de usar sua forma monotongada.

Em relação ao ditongo [aj], dentre as variáveis sociais analisadas, somente a Faixa Etária apresentou valor significativo para a ocorrência deste ditongo. E entre as variáveis estruturais, todas apresentaram relevância também, como no Contexto Fonético Anterior, principalmente na oclusiva velar, com mais da metade de uso; no Contexto Fonético Seguinte, com ênfase nas fricativas alveopalatais e laterais, com mais de 60% de uso dentro na comunidade; a Tonicidade, com maior proporção de uso nas átonas do que nas tônicas; a Extensão do Vocábulo, com uma taxa superior a 20% de proporção de uso nas palavras dissílabas e polissílabas apontaram; e a Classe de palavras, principalmente nos adjetivos, com 36,4% de uso da forma monotongada.

No que diz respeito ao ditongo [ej], o com maior número de ocorrências, dentre as variáveis sociais analisadas, somente a variável Gênero não apresentou relevância significativa para a ocorrência do fenômeno. E entre as variáveis linguísticas, todas também se mostram favorecedoras do ditongo, principalmente: a Vogal no Contexto fonético Anterior, com quase 60% de uso de proporção da forma monotongada; e no Contexto Fonético Seguinte, os fatores Oclusiva Velar, Tepe e Fricativa Alveopalatal são destaques, com um uso de mais da metade de sua forma monotongada; e Tonicidade, Extensão do Vocábulo e Classe de Palavras também apresentam valor significativo para a ocorrência do fenômeno.

E sobre o ditongo [ow], o ditongo com a maior proporção em relação ao seu uso, foi o único ditongo que mostrou relevância em todos os fatores sociais para explicar o

fenômeno. E em relação às variáveis linguísticas, todas apresentaram relevância, como: o Contexto Fonético Anterior, no caso das Fricativas Glotais e Laterais, com mais de 60% de uso de sua proporção no ditongo; e no Contexto Fonético Seguinte, destaque para as Oclusiva Bilabial, Tepe e Fricativa Alveopalatal, com mais de 50% de proporção de seus usos; a Tonicidade também influencia diretamente na ocorrência do fenômeno; a Extensão do Vocábulo também influencia, com foco nas palavras polissílabas, que já apresentam um uso acima de 50% da forma monotongada; e a Classe de Palavras também confirma a relevância da variável para a ocorrência da monotongação, principalmente com o uso de substantivo e adjetivo com mais da metade de proporção de seus usos.

Diante do exposto, partimos de algumas percepções que tivemos em relação aos resultados obtidos em relação a trabalhos anteriores que estudaram também este mesmo fenômeno linguístico: o da monotongação. E respondendo as nossas hipóteses, confirmamos quase todas, de que os ambientes anteriores e seguintes condicionam diretamente o fenômeno da monotongação, de que a tonicidade das sílabas seja um dos fatores que mais influenciam no alto índice de favorecimento da ocorrência da monotongação, que a extensão da palavra condiciona diretamente a supressão dos ditongos para transformá-los em monotongos e de que a classe de palavras favorece a monotongação.

Em relação às variáveis sociais, nossa primeira hipótese se confirmou, pois averiguamos que as pessoas com a Faixa Etária mais elevada monotongaram mais em suas proporções de uso, tendo em vista que pela literatura, acredita-se que eles optariam por serem mais conservadores no uso dos ditongos. E nossa segunda hipótese só é refutada no uso do ditongo [ej], no qual os homens foram mais conservadores, entretanto, a diferença de sua proporção em relação as mulheres foi mínima, de apenas 0,8%. E nossa última hipótese se confirmou em relação ao Grau de Escolaridade, pois os informantes com maior nível de escolaridade monotongaram menos.

## REFERÊNCIAS

- ALIB, Comitê Nacional do Projeto. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Atlas. Londrina: Ed. UEL, 2001. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario\\_alib.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario_alib.pdf). Acesso em: 28 jun. 2022.
- ALVES, Eduardo Rodrigues. **O patrimônio quilombola de Tururu-Ce**. 2018. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- AMARAL, Maria Porto de. Ditongos variáveis no sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-106, set. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13697/9085>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação x Monotongação no falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 111-122, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9349/5029>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. A monotongação do ditongo decrescente [ei] no português caxiense. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 23 – 51, 1999. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8383/7204>. Acesso em: 08 maio 2022.
- ARAÚJO, Aluíza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- ARAÚJO, Aluíza Alves de. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf). Acesso em: 16 abr. 2022.
- ARAÚJO, Aluíza Alves de; PEREIRA, Maria Lidianne de Sousa; ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Miguilim** – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 6, n. 2, p. 265 – 284, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52766/1/2017\\_art\\_aaraujomlspereira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52766/1/2017_art_aaraujomlspereira.pdf). Acesso em: 15 maio 2022.
- ARAÚJO, Andréia Silva; BORGES, Damiana Karina Vieira. Atitudes Linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 97 – 113, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5569>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BERUTTI, Flávio; LISBOA, Andrezza; SANTOS, Igor. **Comunidades Quilombolas: espaços de resistência**. Belo Horizonte: Rhj, 2012.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

BLOOMFIELD, Leonard. A set of postulates for the science of language. **Language**, Chicago, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Ministério da Cultura. **Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) atualizada até a portaria nº173/2022, publicada no D.O.U de 22/08/2022**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1198965261/dou-secao-1-22-08-2022-pg-287>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRUNI, Ariano Leal. **SPSS: guia prático para pesquisadores**. São Paulo: Atlas, 2012.

CABREIRA, Silvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARVALHO, Solange Carlos de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife**. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7791/1/arquivo7508\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7791/1/arquivo7508_1.pdf). Acesso em: 28 jun. 2022.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Análise sociofuncionalista da ordenação cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano oral**. 2015. 184f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12620/1/2015\\_dis\\_sascavalcante.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12620/1/2015_dis_sascavalcante.pdf). Acesso em: 04 jul. 2022.

CHESHIRE, J.; FOX, S. Was/were variation: a perspective from London. **Language, Variation and Change**, Cambridge, v.21, p.1-38, 2009.

CINTRA, Geraldo. Transcrição da fala corrente: teoria e observação. Estudos linguísticos XXI – **Anais de Seminários do GEL**, Jaú, v. I, Fundação Educacional – Raul Bauab, p. 614-620, 1992.

COELHO, Izete Lehamkuhl; NAUMANN, Isaura Maria Longo. A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] / monotongação. *In*: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA e ENSINO I. **Anais [...]**. Maceió, 1994. p. 211-216.

COELHO, Izete Lehamkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. 2 v. Vol I: 159 p. *mimeo*. Vol II: tomo 1: 110p. *mimeo*; tomo 2: 260 mapas.

CYSNE, Marcus Rodney Portela. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: [http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o\\_Marcus-Portela.pdf.pdf?msclkid=3cc410f8b9a411eca7a813b74244d3d8](http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o_Marcus-Portela.pdf.pdf?msclkid=3cc410f8b9a411eca7a813b74244d3d8). Acesso em: 24 abr. 2022.

DANTAS, Marcelo; CAVALCANTE, Vanessa. **Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa**. 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. 2012. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto. 41: 87-100.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. **Distribuição geo-sociolinguística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará**. 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2644>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará. **Revista Phillogus**. Rio de Janeiro: CiFELiL, v. 9, n. 27, p. 188-199, 2003. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/revista/27/12.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic Metatheory**. Language & Communication Library, vol. 14. Oxford: Pergamon, 1994.

FREITAG, Raquel Meister Ko *et al.* "Brazilian Portuguese sociolinguistic databases and third wave studies: potentialities and limitations/Bancos de dados sociolinguísticos do Português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações." **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, vol. 56, n. 3, p. 917, nov. 2012.

FREITAS, Bruna Faria Campos de. **Estudo da monotongação de ditongos orais decrescentes na fala uberabense**. 2007. 78f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agendapos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/4332.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agendapos/linguistica_lingua_portuguesa/4332.pdf). Acesso em: 01 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUY, Gregory Riordan. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Anais da Abralin**, 2001. Disponível em: [https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN\\_26.pdf](https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf). Acesso em 30 abr. 2024.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HAUPT, Carine. Uso variado de [ai] e [a] na fala florianopolitana – uma análise a partir da fonologia de uso. **Working papers**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 98 – 119, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n1p98/30781>. Acesso em 08 maio 2022.

KARIM, Joceneide Macedo. **A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. 2004. 142f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/84.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/84.pdf). Acesso: 24 abr. 2022.

KARIM, Joceneide Macedo. **A comunidade São Lourenço em Cáceres – MT: aspectos linguísticos e culturais**. 2012. 175f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/876582>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, William. **Language um the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, Texas, v. 44, p. 1-23, 1978.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: Winfrend Lehmann e Yakov Malkiel (ed.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. (org.) **Sociolinguistics**. The essential readings. New York: Cambridge, 2003.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. v. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LEIVSHINA, Natalia. **How to do linguistics with R: data exploration and statistical analysis**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2015.

LIMA, Fernanda Barboza de. **Aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais do falar de Caiana dos Crioulos**. 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

LIMA, Fernanda Barboza de. **Comunidade quilombola Caiana dos Crioulos: um estudo sociovariacionista**. 2014. 295 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6286/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. 2002. 97f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Priscilla Rodrigues. Conceição dos Caetanos: Memória e Identidade. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/14160/8778>. Acesso em: 24 abr. 2022.

MATTOS, G. **Fundamentos Históricos da Língua Portuguesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.

MENEGHINI, Francisco Militão. **O fenômeno da monotongação em Ibiacá**. 1983. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. *In.*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 9-14.

MOORE, E. Interaction between social category and social practice: explaining was/were variation. **Language Variation and Change**, Cambridge, v. 22, p. 347-371, 2010.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. *In.*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 43-50.

OLIVEIRA, Geise Freitas de. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara**. 2021. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8314/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_GeiseOliveira\\_PPGL.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8314/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_GeiseOliveira_PPGL.pdf). Acesso em: 15 maio 2022.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. *In.*: FREITAG, Raquel Meister Ko (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Edgar Blücher, 2014. p. 133-176. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/271191324\\_Metodologia\\_de\\_coleta\\_e\\_manipulacao\\_de\\_dados\\_em\\_Socio](https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/271191324_Metodologia_de_coleta_e_manipulacao_de_dados_em_Socio)

linguistica/links/55281d920cf2779ab78ccd5d/Metodologia-de-coleta-e-manipulacao-de-dados-em-Sociolinguistica.pdf#page=129. Acesso em: 13 maio 2024.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Suspensão das semivogais nos ditongos decrescentes. *In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 219-236.*

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 33-42.*

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no Português Falado em Tubarão (SC)**: estudo de casos. 2004. 137f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, 2004. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/29813206/monotongaao-dos-ditongos-aj-ej-ow-unisul>. Acesso em: 23 abr. 2023.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. **R. Foundation for Statistical Computing**, Vienna, 2013. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 13 maio 2024.

RIBEIRO, Denise Aparecida Sofiati de Barros. **O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná**. 1990. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFPR, Curitiba, 1990. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24427/D%20-%20RIBEIRO%2c%20DENISE%20APARECIDA%20SOFIATI%20DE%20BARROS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 09 abr. 2023.

SANTOS, Gredson dos; ALMEIDA, Jailma da Guarda. O ditongo decrescente <EI> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 239 – 252, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25073/16341>. Acessado em: 15 maio 2022.

SANTOS, Francisca Luana da Costa; CHAVES, Lindinalva Messias. O processo da monotongação nos falares de Plácido Castro (AC). **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, CIEFIL, v. 16, n. 46, Supl, p. 100-115, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12467360/o-processo-da-monotongaao-nos-falares-de-placido-circulo->. Acesso em: 23 abr. 2023.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. ed. 2. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Edila Vianna da. A Monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses. **Graphos**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 49 – 53, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9196/4891>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. *In*: HORA, Dermeval da. **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALPB, 2004. p. 29-44.

SILVA, Jaqueline Dias da; KARIM, Jocineide Macedo. A variação linguística em comunidades afro-brasileiras nos municípios de Poconé-MT e Santo Antônio de Leverger-MT. *In*: I Evento Integrado SCSSREDE, 1., 2017, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: UNIOESTE, 2017. p. 1-11. Disponível em: <http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/29/simp29art04.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Rossana da Conceição Honorato de. **A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense**. 2020. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19842/1/ROSSANA%20DA%20CONCEICAO%20HONORATO%20DE%20SOUZA\\_vers%C3%A3o%20final.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19842/1/ROSSANA%20DA%20CONCEICAO%20HONORATO%20DE%20SOUZA_vers%C3%A3o%20final.pdf). Acesso em: 15 maio 2022.

TAGLIAMONTE, S. Was/were variation across the generations: view from the city of York. **Language Variation and Change**, Cambridge, v.10, p.153-191, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1985.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre**. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39409/000824264.pdf?...1>. Acesso em: 28 jun. 2022.

TRASK, Robert Lawrence. **A dictionary of phonetics and phonology**. London/New York: Routledge, 1996.

VEADO, Rosa Maria Assis. Redução de ditongo: uma variável sociolinguística. **Ensaio de Linguística**, Belo Horizonte, ano v, n. 9, p. 209-229, dez. 1983.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.

WEISS, H. E. **Fonética articulatória**: guia e exercícios. 2. ed. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1980. (Série: Curso de Metodologia Linguística)

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena. **Dicionário de termos linguísticos**. v. I. Lisboa: Cosmos, 1992.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA<sup>19</sup>

### **INFÂNCIA**

1. Na escola, qual matéria gostava mais? Por quê?
2. Você é a favor de castigos? Por quê?
3. Você se lembra do dia mais feliz de quando era criança? Conte como foi.
4. E o mais triste? Conte como foi.
5. O que mais sente falta desse tempo?
6. Aquele tempo era melhor do que hoje? Por quê?
7. De que você costumava brincar com seus amigos?

### **ATIVIDADES LABORAIS**

1. Você trabalha? (Onde? Com o quê? Gosta do seu serviço? Já trabalhou com algo diferente? Por que mudou? Com que idade começou a trabalhar?)
2. Gostaria de trocar de ramo?
3. Em que profissão gostaria de trabalhar? Por quê?
4. Você gosta do seu ambiente de trabalho? E das pessoas?

### **TEMPO OCIOSO**

1. Costuma ver televisão?
2. Que tipo de programa você gosta?
3. E qual o tipo que não gosta?
4. Prefere ficar em casa ou sair com os amigos/família?

### **COMIDAS E GOSTOS**

1. Qual a sua comida favorita? Por quê?
2. Existe alguma comida típica de sua comunidade? Você a recomendaria para alguém?
3. Fale sobre as coisas que você gosta e não gosta na comunidade. Quais os lugares da comunidade que você costuma ir?

### **ASPIRAÇÕES**

1. Se você ganhasse na loteria, o que faria com o dinheiro?
2. Você acha que dinheiro traz felicidade?
3. Quais sonhos você tem?
4. O que você espera que aconteça na comunidade para melhorar sua vida? (política, policiamento, indústrias, etc.)
5. Se pudesse viajar para qualquer lugar do mundo, para onde iria, e por quê?

### **PERIGO DE VIDA**

1. Você já passou por alguma situação em que pensou que ia morrer? Como foi?
2. Você já presenciou algum acidente? Como foi?

### **RELIGIÃO**

1. Você é religioso? Se sim, qual a sua religião?

<sup>19</sup> As questões acima foram baseadas e adaptadas do roteiro de entrevista elaborado por Freitas (2017).

2. Qual a importância da religião na sua vida?
3. Sua família é religiosa? Você acredita em milagres? Conhece algum caso?
4. Você acredita em vida após a morte?
5. Em sua opinião, para onde vamos depois que morremos?

**SOBRENATURAL**

1. Em alguma ocasião de sua vida, você já sentiu a presença do sobrenatural? Como foi?
2. Já aconteceu de alguma vez você (ou algum conhecido) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer de verdade? Como foi?
3. Você acha que é possível prever o futuro?
4. Conhece alguém que já passou por isso?

**POLÍTICA**

1. Você gosta de política? Se envolve de alguma forma?
2. Você se lembra em quem votou na última eleição? Para prefeito e vereador? E presidente? Algum outro?
3. Já teve alguma desavença com algum amigo/parente por conta de política?
4. Como foram as eleições em sua cidade?
5. Como você acha que será o clima das próximas eleições municipais?

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

<b>PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF<sup>20</sup></b>		
[aj]	[ej]	[ow]
Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê? (CAIXA) 5	... aquilo assim ( <i>mímica</i> ), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.? (PRATELEIRA) 3	Qual o objeto com que se corta tecido? (TESOURA) 6
Qual é o contrário de alta? (BAIXA) 135	Qual o nome do objeto onde se recosta a cabeça para dormir? (TRAVESSEIRO) 8	E esta parte aqui de dentro, ( <i>apontar</i> ) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete? (OUVIDO) 115
Quando quebramos um braço, enrolamos com o quê? (FAIXA)	Qual o nome daquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia? (TORNEIRA) 12	A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros e amarelados? (LOURA) 136
Quando uma pessoa morre, é enterrada dentro de quê? (CAIXÃO)	E aquele objeto que se usa na cozinha para passar ( <i>mímica</i> ) farinha? (PENEIRA) 24	Qual o outro nome dado para o masculino de vaca, que não seja boi? (TOURO)
Quando uma pessoa gosta da outra, e começam a namorar, dizemos que elas estão? (APAIXONADAS)	E aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite? (MANTEIGA) 35	Quando as pessoas se casam, geralmente usam alianças de qual metal? (OURO)
Como chamamos quem dança <i>ballet</i> ? (BAILARINA)	... aquilo que a aranha faz nas paredes? (TEIA) 47	Na hora de plantar, qual o outro nome que a gente dá para o roçado? (LAVOURA)
O marido da nossa mamãe? (PAPAI)	O que é que se pesca nos rios, no mar? (PEIXE) 50	Tem o mesmo sentido de chamar alguém de doido? (LOUCO)
Vestimenta feminina que se usa da cintura para baixo? (SAIA)	Quem se elege de quatro em quatro anos para dirigir a cidade? (PREFEITO) 83	Que objeto usamos para varrer? (VASSOURA)
... a casa cujas paredes são construídas de galhos finos e longos, vedadas com barro? (TAIPA)	E aquilo que representa o nosso país, que é verde, amarelo, azul e branco? (BANDEIRA) 91	Quem a gente procura quando está doente? (DOUTOR)
	Quando se quer mandar uma carta, como que se faz? (CORREIO) 94	Quando o parafuso está muito apertado, como a gente consegue tirá-lo? (AFROUXANDO)

<sup>20</sup> Ao final de algumas perguntas existe a presença de uma numeração que corresponde ao número da pergunta que foi baseado no ALiB (2001);

	Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? (COMPANHEIRO) 100	E aquela verdura que tem nome de flor? (COUVE-FLOR)
	Onde a criança mama? (PEITO) 117	Depois que decola, onde o avião finaliza seu voo? (PISTA DE POUSO)
	Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato? (MEIA) 141	Quando Jesus nasceu, foi colocado dentro de quê no estábulo? (MANJEDOURA)
	Dar um abraço é abraçar. E fazer assim ( <i>mímica</i> )? (BEIJAR) 146	Se tem duas coisas e a gente não escolhe uma, a gente escolhe qual? (OUTRA)
	E o que sai do peito? (LEITE)	O que a gente veste? (ROUPA)
	Aquilo que é feito do leite, pode ser fatiado e/ou ralado servido em sanduíches e pizzas? (QUEIJO)	A joaninha é um tipo de qual inseto? (BESOURO)
	Quais ingredientes você utiliza para fazer baião ou cozinhar feijão? (CHEIRO-VERDE)	O que os piratas escondem dentro dos baús? (TESOURO)
	Depois de comer e não aguentamos mais, como a gente se sente? (SATISFEITO)	De que parte do animal é feito cinto, chapéu, sapato e bolsas? (COURO)
	Nome da parte de cima do guarda-roupa que guardamos as malas? (MALEIRO)	
	Na praia, antes de entrar na água, pisamos onde? (AREIA)	
	Geralmente, a gente joga água no chão de terra para diminuir o quê? (POEIRA)	VERBOS TERMINADOS EM -AR- NO PASSADO, 3ª PESSOA DO SINGULAR

APÊNDICE C – IMAGENS DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

IMAGENS RELACIONADAS ÀS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF		
[aj]	[ej]	[ow]
		
		
		
		
		
		





**APÊNDICE D – LISTA DE INFORMANTES**

<b>NÍVEL FUNDAMENTAL</b>			
	<b>FAIXA ETÁRIA I (18-35 ANOS)</b>	<b>FAIXA ETÁRIA II (36-54 ANOS)</b>	<b>FAIXA ETÁRIA III (A PARTIR DE 55 ANOS)</b>
<b>HOMENS</b>			
<b>MULHERES</b>			
<b>NÍVEL MÉDIO</b>			
	<b>FAIXA ETÁRIA I (18-35 ANOS)</b>	<b>FAIXA ETÁRIA II (36-54 ANOS)</b>	<b>FAIXA ETÁRIA III (A PARTIR DE 55 ANOS)</b>
<b>HOMENS</b>			
<b>MULHERES</b>			



### APÊNDICE F – FICHA DA LOCALIDADE

<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ</b> <b>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA</b> <b>LINHA DE PESQUISA:</b> Descrição e Análise Linguística <b>PESQUISA:</b> A monotongação dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] na comunidade quilombola Conceição dos Caetanos do município de Tururu/CE. <b>PESQUISADOR:</b> Raimundo Paula de Freitas Neto <b>ORIENTADORA:</b> Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Maria Silvana Militão de Alencar
<b>FICHA DA LOCALIDADE</b>
1. NOME
2. GENTÍLICO
3. PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE
4. DATA DE FUNDAÇÃO
5. MESORREGIÃO
6. MICRORREGIÃO
7. NÚMERO DE HABITANTES
8. ÁREA
9. LIMITES
10. ALTITUDE
11. TIPO DE CLIMA
12. BASE DA ECONOMIA
13. INFRAESTRUTURA
EDUCAÇÃO – Número de estabelecimento escolares _____
SAÚDE – Número de hospitais e/ou postos de saúde _____
COMUNICAÇÃO – Unidades postais ou telegráficas _____
14. REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS
15. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
16. RELIGIÕES MAIS REPRESENTATIVAS
17. OBSERVAÇÕES GERAIS
18. DATA DE PREENCHIMENTO

## APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Você está sendo convidado por Raimundo Paula de Freitas Neto como participante da pesquisa intitulada A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES [aj], [ej] E [ow] NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DOS CAETANOS DO MUNICÍPIO DE TURURU/CE, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Silvana Militão de Alencar. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.**

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o fenômeno da monotongação (apagamento da semivogal diante de vogais) nos ditongos [aj], [ej] e [ow], como em: *caixa~caxa*, *peixe~pexe* e *touro~toro*. Desta maneira, convidamos você a participar deste estudo através de uma entrevista com aproximadamente 30 perguntas relacionadas ao seu dia-a-dia (-Qual a sua comida preferida? Como que prepara? O que leva nessa comida?), levando em média 40 minutos. Caso permita, iremos gravar a entrevista. Pode ocorrer desconforto, constrangimento, cansaço, vergonha ao responder as perguntas, e quebra de sigilo das informações coletadas. Essa pesquisa contribuirá para o ensino de língua materna e do ensino de português como língua estrangeira, colaborando com a descrição do português falado no Brasil. A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e poderá retirar a sua autorização, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a sua identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

O pesquisador responsável assume que os participantes da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim, o anonimato dos mesmos.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

<p><b>Nome:</b> Raimundo Paula de Freitas Neto  <b>Endereço:</b> Rua Cel. João Antônio, 1006 – Centro – Uruburetama/CE  <b>Telefones para contato:</b> 85 99912.8724</p>
--

<p><b>ATENÇÃO:</b> Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.</p>
--

O abaixo assinado \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Tururu, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Nome do pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Nome da testemunha  
(se o voluntário não souber ler)

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## ANEXO A – ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

### O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (revisado até 2019)

CONSOANTES (PULMÔNICAS)

© 2019 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Plosiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante				r					ʀ		
Tap ou flap		ɸ		ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aproximante lateral				ɭ		ɮ	ʎ	ʟ			

Os símbolos à direita de uma célula são vozeados, à esquerda são não vozeados. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas como impossíveis.

CONSOANTES (NÃO PULMÔNICAS)

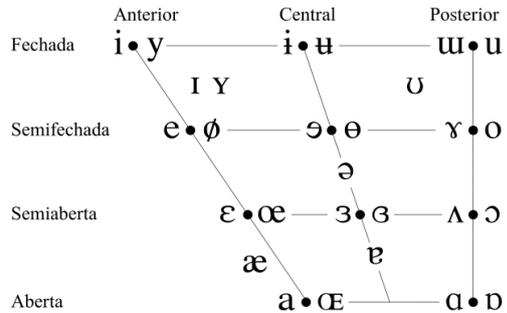
Cliques	Implosivas vozeadas	Ejetivas
◌ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Exemplos:
Dental	ɗ Alveolodental	pʼ Bilabial
! (Pós-)alveolar	ɟ Palatal	tʼ Alveolodental
≠ Palatoalveolar	ɡ Velar	kʼ Velar
Lateral alveolar	ɠ Uvular	sʼ Fricativa alveolar

OUTROS SÍMBOLOS

- ʍ Fricativa labiovelar não vozeada    ʑ ʒ Fricativas alveolopalatais
- ʋ Aproximante labiovelar vozeada    ɺ Flap alveololateral vozeado
- ɥ Aproximante labiopalatall vozeada    ɥ Simultâneo ʃ e X
- ʜ Fricativa epiglotal não vozeada    Africadas e articulações duplas podem ser representadas por dois símbolos unidos por uma ligatura se necessário.
- ʕ Fricativa epiglotal vozeada
- ʔ Plosiva epiglotal

ts k̠p

VOGAIS



Onde os símbolos aparecem aos pares, o da direita representa uma vogal arredondada.

SUPRASSEGMENTAIS

- ˈ Acento primário    ˈfoʊnəˈtɪʃən
- ˌ Acento secundário
- ː Longo    eː
- ˑ Meio longo    eˑ
- ˘ Muito curto    ɛ̘
- ◌ Agrupamento menor (pé)
- ◌◌ Agrupamento maior (entoacional)
- Quebra silábica    .i.ækt
- ◌ Ligatura (ausência de quebra)

TOM E ACENTOS DE PALAVRA

- | NÍVEL             | CONTORNO                      |
|-------------------|-------------------------------|
| ě ou ǃ Muito alto | ě ou ǃ Ascendente             |
| é ǂ Alto          | ě ou ǃ Descendente            |
| ē ǁ Medial        | ě ou ǃ Descendente elevado    |
| è ǁ Baixo         | ě ou ǃ Descendente abaixado   |
| è ǂ Muito baixo   | ě ou ǃ Ascendente-descendente |
| ↓ Nível abaixo    | ↗ Subida global               |
| ↑ Nível acima     | ↘ Descida global              |

DIACRÍTICOS

◌ Não vozeado	ᵿ ɖ	◌ Soproso vozeado	ᵿ ɖ	◌ Dental	ᵿ ɖ
◌ Vozeado	ᵿ ɖ	◌ Laringalizado vozeado	ᵿ ɖ	◌ Apical	ᵿ ɖ
◌ Aspirado	ᵿʰ ɖʰ	◌ Linguolabial	ᵿ ɖ	◌ Laminar	ᵿ ɖ
◌ Mais arredondada	ᵿ̞	◌ Labializado	ᵿʷ ɖʷ	◌ Nasalizado	ᵿ̃ ɖ̃
◌ Menos arredondado	ᵿ̟	◌ Palatalizado	ᵿʲ ɖʲ	◌ Soltura nasal	ᵿⁿ ɖⁿ
◌ Avançado	ᵿ̠	◌ Velarizado	ᵿʷ ɖʷ	◌ Soltura lateral	ᵿˡ ɖˡ
◌ Retraído	ᵿ̡	◌ Faringalizado	ᵿ̠ ɖ̠	◌ Soltura não audível	ᵿ̤ ɖ̤
◌ Centralizado	ᵿ̣	◌ Velarizado ou faringalizado	ᵿ̠		
◌ Centralizado ao meio	ᵿ̥	◌ Alçado	ᵿ̥ (ɹ̥ = fricativa alveolar vozeada)		
◌ Silábico	ᵿ̩	◌ Abaixado	ᵿ̥ (β̥ = aproximante bilabial vozeada)		
◌ Assilábico	ᵿ̯	◌ Raiz da língua avançada	ᵿ̥		
◌ Roticizado	ᵿ̜ ɖ̜	◌ Raiz da língua retraída	ᵿ̥		

Alguns diacríticos podem ser colocados acima de um símbolo com uma descendente, e.g. ᵿ̥̤

Tipos de letra: Doulos SIL (metatexto); Doulos SIL, IPA Kiel, IPA LS Uni (símbolos)

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_fon%C3%A9tico\\_internacional#/media/Ficheiro:IPA\\_Kiel\\_2019\\_full\\_po-r-br\\_Brazilian\\_Portuguese\\_Portugu%C3%AAAs\\_brasileiro.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fon%C3%A9tico_internacional#/media/Ficheiro:IPA_Kiel_2019_full_po-r-br_Brazilian_Portuguese_Portugu%C3%AAAs_brasileiro.png)

## ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA (CEP/UFC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CEARÁ PROPESQ - UFC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS ORAIS DECRESCENTES [aj], [ej] E [ow] NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DOS CAETANOS DO MUNICÍPIO DE TURURU/CE

**Pesquisador:** RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 69030022.0.0000.5054

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.226.338

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem como finalidade o estudo da monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] no falar da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, pertencente à cidade de Tururu-Ce. Serão realizadas após aprovação do projeto pelo o comitê de ética e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, entrevistas semiestruturadas e uma entrevista mais estruturada, com um modelo baseado no Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001 – AliB.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar o fenômeno da monotongação nos ditongos [aj], [ej] e [ow] no corpus oral da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, TururuCe, correlacionando-o a variáveis sociais.

Objetivo Secundário:

- Realizar um levantamento dos aspectos sociológicos da comunidade quilombola Conceição dos Caetanos;
- Analisar a influência do fator escolaridade (baixa, média) na monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow];
- Analisar a influência do fator sexo (masculino, feminino) na monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow];

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-275

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8344

**E-mail:** comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 6.226.338

- Analisar a influência do fator idade (jovem, adulto, idoso) na monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow].

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: Pode ocorrer desconforto, constrangimento, cansaço, vergonha ao responder as perguntas, e quebra de sigilo das informações coletadas.

Benefícios: Essa pesquisa contribuirá para o ensino de língua materna e do ensino de português como língua estrangeira, colaborando com a descrição do português falado no Brasil.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Em âmbito estadual, são poucas as pessoas que têm consciência de que existem comunidades quilombolas, e o número é mais reduzido quando se consideram as pessoas que já visitaram uma delas. A pesquisa preocupa-se em despertar a visibilidade e reconhecimento dessas comunidades, junto a suas tradições orais e memórias coletivas passadas a cada geração. Deste modo, criam-se condições para que outras pessoas também possam estudar e conhecer outras comunidades quilombolas cearenses.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos foram apresentados.

**Recomendações:**

Lembramos que a coleta de dados da pesquisa só pode iniciar a partir da aprovação do sistema CEP/CONEP.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

sem pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Brochura Pesquisa	PROJETO_ANEXOS.pdf	04/08/2023 17:00:41	FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA	Aceito
Outros	PROJETO_ANEXOS.pdf	04/08/2023 16:59:25	FERNANDO ANTONIO FROTA	Aceito

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-275

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8344

**E-mail:** comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CEARÁ PROPESQ - UFC



Continuação do Parecer: 6.226.338

Outros	PROJETO_ANEXOS.pdf	04/08/2023 16:59:25	BEZERRA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1968116.pdf	09/04/2023 21:24:15		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	09/04/2023 21:23:01	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	09/04/2023 21:22:38	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_INSTITUICAO.pdf	09/04/2023 20:06:05	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
Outros	Carta_apreciacao.pdf	24/03/2023 13:26:46	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_concordancia.pdf	24/03/2023 13:25:15	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/03/2023 15:02:38	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	10/03/2023 09:55:06	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	27/07/2022 23:22:04	RAIMUNDO PAULA DE FREITAS NETO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FORTALEZA, 08 de Agosto de 2023

Assinado por:

**FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-275

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8344

**E-mail:** comepe@ufc.br